

É POSSÍVEL DEBELAR A MISÉRIA

José Maranhão
Governador da Paraíba

Nesta ocasião ao mesmo tempo festiva e solene, quando ingressa na Academia Brasileira de Letras um paraibano dos mais ilustres, o economista e original pensador que é Celso Furtado, não poderia a Paraíba limitar-se a doar-lhe o fardão de acadêmico. Para homenagear o novo *imortal* especialmente na área da Cultura, em que com rigor se insere sua obra, recomendamos a elaboração da presente Edição Especial, como forma de disseminar ainda mais a compreensão do pensamento furtadiano entre nossos contemporâneos.

Além disto, a Paraíba estará presente, por significativa parcela de seus cidadãos, à solenidade de recepção ao novo acadêmico. Junto com o Governador do Estado, seguem para a ABL diversos caravanas de personalidades, admiradores, amigos, discípulos, convidadas e autoridades — entre elas uma representação de Pombal, a admirável cidade do Interior onde nasceu esse predestinado que se transformaria em mestre de gerações de economistas, sociólogos, historiadores, cientistas sociais e políticos.

Com seu profícuo trabalho intelectual em várias partes do Planeta, Celso universalizou sua alcunha, honrou o nome da Paraíba, internacionalizou a contribuição brasileira às correntes mundiais do pensamento econômico. Não o podemos associar, como profissional da Economia e do Desenvolvimento, a certa vertente de tecnocratas frios, calculistas, mais ligados a insensível manipulação de números, algoritmos, dígitos. É, ao contrário disto, homem que preza, acima de tudo, a Ética, a humanização das Ciências Econômicas, o aspecto social de todas as conquistas da Ciência.

Como Celso, também sofremos na pele

o anatema da cassação de nossos direitos políticos. No caso dele, quis-se interromper por a construção da brilhante carreira de um economista voltado para as massas deserdadas do Terceiro Mundo. Não contavam com o valor pessoal do sertanejo que se mantinha rijo como aquelas árvores resistíveis às secas em seu *hinterland*, e forte como um vaqueiro da histórica Pombal.

Leccionando nas melhores Universidades do Mundo, foi construindo pedra a pedra sua fantasia possível. Seu nome, que já avultava desde os tempos da CENU, passou então a ser conhecido de perto em organismos do maior prestígio internacional, como a ONU e a UNESCO. Traduzidos em muitas línguas de cultura, seus livros encontram-se nas mais prestigiosas bibliotecas e editoras do Globo.

Com todo esse merecido prestígio internacional, jamais esqueceu sua terra e seu povo. Como se poderia apartar-se de nossas realidades, se todas as suas teorias giraram em torno da redenção econômica e social de países ainda subdesenvolvidos?

A propósito, a assunção de Celso à Academia ocorreu no momento em que a ONU através do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, organismo a que Furtado associou o seu nome há muitos anos, alerta para a "globalização da miséria". Em seu relatório, vê-se que 22,8% da população mundial sobrevive com menos de US\$ 1,00 por dia, atingindo a pobreza absoluta a marca de 1,3 bilhão de pessoas



E isto se dá apesar de todo o crescimento da riqueza mundial! As distorções da globalização irracionalmente operada fazem com que o número de miseráveis cresça em torno de 25 milhões por ano, estando cerca de 1/4 das populações do Globo em estado de pobreza.

Um Mundo em que surgem mais 47 pobres a cada minuto não pode ignorar o

que dizem especialistas como Furtado. E bem possível que, se as lideranças mundiais e regionais prestassem mais atenção ao que vêm pregando ao longo dos anos homens de pensamento como este nosso pátrio, não estaríamos assistindo ao confrangendo espetáculo da subnutrição que atinge 840 milhões de pessoas, entre elas 160 milhões de crianças.

Justificamos o otimismo realista e a esperança angustiada que Celso Furtado soube manter ao longo das décadas, não obstante todas as dificuldades observáveis na cena mundial. O PAUD considera que, com investimentos de uma relativamente pequena parcela da riqueza mundial — em torno de 40 bilhões de dólares — seria possível dar a todas essas pessoas acesso universal aos serviços de saúde, água potável, educação e planejamento comunitário. Em outras palavras, com um investimento anual de apenas um por cento da renda mundial, pelo prazo de vinte anos, seria perfeitamente factível a melhoria de vida para várias centenas de milhões de pessoas.

Como informa o Programa, "proporcionar acesso universal a serviços de saúde,

água potável, educação e planejamento familiar só demandaria um custo anual adicional de US\$ 40 bilhões", sendo outros US\$ 40 bilhões necessários para que as famílias mais desfavorecidas saíssem do estado de pobreza. Destaca ainda a agência internacional que "o montante final de US\$ 80 bilhões não chega a 0,5% da renda mundial anual, o que torna a eliminação da pobreza uma proposta razoável, e o fato de termos agora condições de superar a pobreza nos obriga moralmente a fazê-lo sem mais tardança, já que a riqueza mundial, que corresponderia a soma dos PIBs nacionais, é da ordem de US\$ 25 trilhões e não para de aumentar".

Pessoas como Celso Furtado, que de longa data sustentam ser possível acabar com a pobreza e a miséria, não são portanto tipos visionários ou gênios incompreendidos pregando no deserto. Podemos dar um exemplo pessoal de seu saber econômico e aplicação a causa popular. Quando concitamos, no início de nosso Governo, a feitura do Plano de Desenvolvimento Auto-Sustentável ora em execução, Celso, tendo acesso aos documentos respectivos, chamou a atenção para uma aparentemente minúscula falha nas projeções de investimentos em Segurança Pública e Educação. Foram de imediato feitas as correções nos itens por ele apontados — sem sua intervenção, teríamos involuntariamente criado distorções que haveriam de repercutir mais adiante.

Um elogio a Celso, em sua posse na ABL, é reassurgir que o Governo da Paraíba — na convocação de que "AUTORIDADE E DESENVOLVIMENTO" — esforça-se duramente para debelar com ânimo os males que ele sempre combateu: a miséria, a pobreza, o analfabetismo, a estagnação, o analfabetismo, a injustiça social, o subdesenvolvimento, a falta de eficácia na aplicação dos dinheiros públicos.

CELSO FURTADO: UMA RESENHA DE IDÉIAS

Ronald Queiroz

A presença de Celso Furtado na Academia Brasileira de Letras faz justiça a uma obra intelectual que, entre tantos méritos científicos e filosóficos, possui um que a distingue com a marca da permanência. Trata-se da linguagem escrita, um estilo de comunicação que pode comparar-se aos melhores textos da língua portuguesa.

Escapar aos riscos que ameaçam a forma literária, tais como o uso da comunicação técnica, da lógica matemática, a utilização permanente de línguas estrangeiras, tudo que tem constituído seu universo multilingüístico de transmissão do pensamento sem prejuízo da clareza, elegância e bom gosto na expressão, representa um esforço persistente para atribuir coerência à relação forma-conteúdo responsável pela ampla repercussão de seus livros e ensaios.

Nos círculos científicos mais reduzidos não se formula tal exigência, mas os autores que se preocupam em ganhar espaço na cons-

ciência social para suas idéias prezam a forma e o estilo com que as exprimem. Possivelmente o bom gosto sobrio que às vezes resvala para um leve toque na sensibilidade e na emoção tem sido responsável pela rápida propagação de algumas idéias fundamentais da longa obra de Celso Furtado.

Mais recentemente o autor vem revisitando esses conceitos esmerando-os com a preocupação de torná-los mais claros aos leitores de hoje. Recolho de um de seus textos a forma com que recupera pontos fundamentais de sua teoria do subdesenvolvimento. Tal a idéia de homogeneização social tida com condição essencial a que se realize o desenvolvimento. "O conceito de homogeneização social não se refere à uniformização dos padrões de vida, e sim a que membros de uma sociedade satisfizem de forma apropriada as necessidades de alimentação, vestuário, moradia, acesso à educação, ao lazer e a um mínimo de bens culturais."

Mais adiante discute as teorias do desenvolvimento e do subdesenvolvimento. "As

teorias do desenvolvimento são esquemas explicativos dos processos sociais em que a assimilação de novas técnicas e o consequente aumento da produtividade conduzem à melhoria do bem-estar de uma população com crescente homogeneização social. É a teoria do subdesenvolvimento? Esta "cuidada definição especial de processos sociais em que aumentos de produtividade e assimilação de novas técnicas não conduzem à homogeneização social, ainda que causem a elevação do nível de vida médio da população".

O subdesenvolvimento seria portanto um desequilíbrio na assimilação dos avanços tecnológicos em favor das inovações nos padrões de consumo e no estilo de vida. A observação desse fenômeno levou Furtado a cunhar o conceito de modernização uma "forma de assimilação do progresso técnico quase exclusivamente no plano do estilo de vida, com fraca contrapartida no que respecta ao sistema de produção".

Alguns países do mundo realizaram seu processo de desenvolvimento promovendo a

homogeneização social antes de deflagrar a acumulação e o desenvolvimento das forças produtivas. Segundo Furtado, o exemplo mais conspicuo é o da China.

Outros países como Taiwan e a Coreia do Sul têm também prelado pela vizinhança de um modelo social alternativo, estabeleceram a homogeneização e reforma agrária, reforma educacional etc. Antes de seguirem o curso capitalista de superação do subdesenvolvimento.

Esses conceitos são fundamentais para o entendimento do que se passa no mundo de hoje. Por isso mesmo Furtado tem atualmente um modelo social para abordar, como vem abordando, esse fenômeno histórico da globalização, ou mundialização, fazendo face a todo o engenho de falsários que se elabora no seio do pensamento neoliberal. Este seria um ótimo tema para a próxima resenha.

Ronald Queiroz é Secretário da Indústria, Comércio, Turismo, Ciência e Tecnologia do Estado da Paraíba.

NESSA EDIÇÃO

- O SÉTIMO PARAIBANO NA ACADEMIA
Evandro Nóbrega
- DOIS CIGARROS
Um conto de Celso Furtado
- O MAIOR PARAIBANO VIVO
Wellington Aguiar
- BASES DO PENSAMENTO FURTADIANO
Rômulo Soares Polari
- CELSO, UM CIDADÃO DO MUNDO
Nonato Guedes
- O IMPERATIVO TECNOLÓGICO
Celso Furtado
- NO MINISTÉRIO DA CULTURA
Ángelo Oswaldo de Araújo Santos
- POLÍTICA CULTURAL COM VISÃO CRÍTICA
Celso Furtado
- HOMENAGEM A JORGE AMADO
Celso Furtado
- CELSO NO P.E.N. CLUB DO BRASIL
Mário Vieira de Mello
- HONORIS CAUSA NA FRANÇA
Gérard Destanne de Bernis
- INTERNET ATESTA PRESTÍGIO DE CELSO
Evandro Nóbrega
- CELSO FURTADO, UM HOMEM DA NAÇÃO
Lúcia Etienne Romeu
- UM POMBALENSE EM SORBONNE
Amaury Vasconcelos
- UMA SÍNTESE D'A FANTASIA ORGANIZADA
Celso Furtado
- EM DEFESA DA IDENTIDADE CULTURAL
Celso Furtado
- VIDA & OBRA: CRONOLOGIA RESUMIDA
Rosa Freire d'Aguiar
- BIBLIOGRAFIA COMPLETA DE FURTADO
Rosa Freire d'Aguiar
- QUEM É ROSA FREIRE D'AGUIAR
Evandro Nóbrega
- O QUE ELES DISSERAM SOBRE A OBRA
Pesquisa
- CELSO FURTADO, UMA RESENHA DE IDÉIAS
Ronald Queiroz
- É POSSÍVEL DEBELAR A MISÉRIA
Governador José Maranhão



CELSO FURTADO A FANTASIA RACIONAL NA ACADEMIA

"O desafio que enfrentamos é conceber uma nova utopia,
sem o que será impossível a própria sobrevivência da humanidade"



Ao lado do Presidente Kubitschek, Celso Furtado expõe as metas para o Nordeste

O SÉTIMO PARAIBANO NA ACADEMIA

Para que exista uma "sociedade democrática", aspiração máxima do homem moderno, é necessário que se produza a conjugação de uma economia de mercado com um sistema político aberto e participativo [...] A construção da sociedade democrática, horizonte utópico por que aspiram os homens desde a época clássica greco, requer a conjugação de processos históricos engendrados por duas forças: o individualismo, alimentado pela economia de mercado, e a disciplina, que só as sociedades participativas e abertas engendram — Celso Furtado, no fazer a crítica do livro *O Futuro do Capitalismo*, de Lester Thurow, no *Jornal de Resenhas da Folha de S. Paulo*, 9 de agosto de 1997.

O paraibano Celso Furtado [ou *grand complet*, Celso Monteiro Furtado] enverga o fardão, neste dia 31 de outubro de 1997, como "imortal" da Academia Brasileira de Letras. É o sétimo paraibano a integrar o *Petit Trianon* — embora, em recente conversa informal, alguém tenha sugerido quem sabe fosse o *otitvo* [?!]. Por mais que esfaltessemos então o cérebro — ou, Nonato Guedes, José Octávio de Arruda Mello, Sérgio de Castro Pinto, Wellington Aguiar, Chico Pereira et alii — não conseguimos listar outros nomes senão os de Pereira da Silva, Aurelio de Lyra Tavares, José Américo de Almeida, Assis Chateaubriand, José Lins do Rego, Ariano Suassuna e, finalmente, o próprio Celso Furtado.

Mas, para um pequeno Estado como a Paraíba, a marca de sete acadêmicos devidamente enfiados com as vestes simbólicas da fechadíssima Cavada de Machado de Assis já é a glória! Aliás, como dizia Machado, Machado de Assis, "esta, a glória que fica, eleva, honra e consola". O Governador José Maranhão, entusiasta das causas da Cultura, resolveu doar o fardão do novo acadêmico, em nome da Paraíba — e ordenou a edição deste número especial do *Correio das Artes*, para circular na oportunidade da posse de Furtado.

"Excessivamente Esquerdista"...

Celso, 77, foi eleito para ocupar a cadeira 11, na vaga deixada pela morte do antropólogo Darcy Ribeiro. O paraibano venceu o filólogo Leodógio de Azevedo Filho por 22 votos a 15. O voto dos acadêmicos, certamente, é dos mais secretos, mas até o dono das Organizações Globo, jornalista Roberto Marinho, votou em Celso, tudo como "excessivamente esquerdista" por alguns acadêmicos.

Ele, que não se considera "homem de letras", mas "homem de pensamento", convenceu-se finalmente a disputar uma vaga na ABL por vê-la não "uma casa de letras" — mas "uma casa de cultura".

Nobel de Economia?

Depois de sua eleição para a ABL, é difícil, agora, pensar em homenagens maiores — a não ser o Prêmio Nobel de Economia. E Celso é o brasileiro mais cotado para receber a distinção, pelo conjunto de suas obras.

A Academia foi apenas mais um passo na trajetória portentosa de um homem que já escreveu cerca de 40 livros, traduzidos para várias línguas, que é Doutor em economia pela Universidade Sorbonne; que lecionou em importantes Universidades, como as de Cambridge, Inglaterra, e Yale e Columbia, nos Estados Unidos, além da própria Sorbonne, que exerceu também em seu País os cargos de ministro do Planejamento [Governo Goulart] e a Cultura [Governo Sarney]; que escreve para os principais jornais do Brasil e para grandes revistas especializadas de alcance mundial, e, *last but not least*, viveu o suficiente para ver o seu nome transformado num prêmio internacional, "The Celso Furtado Prize".

No Kit do MEC

Recentemente, a obra de Furtado foi incluída, por uma "comissão de notáveis" designada pelo presidente FHC, dentre aqueles 98 livros que necessariamente serão lidos por alunos e professores de



Academia Brasileira de Letras

Resenha
de *Benício Celso Furtado*
pelo Acadêmico *Edson Pinella*
em 31 de outubro de 1997, às 21 horas

É indispensável a
honraria deste convite

Fogo de Raio

O convite oficial da Academia: Ad Immortalitatem

toda a rede de ensino público: no início do ano letivo de 1998, as escolas com mais de 250 alunos vão receber kits com 300 livros de literatura, dicionários e enciclopédias, selecionados conjuntamente por aqueles "notáveis" e por uma equipe do FNDE/Mec.

O economista Francisco de Oliveira afirmou certa vez que a obra de Furtado vai mais além que outras interpretações da realidade brasileira, "não porque seja tecnicamente superior, senão porque foi escrita *in actione*. Enquanto as obras anteriores explicaram e 'construíram' o país do passado, a de Furtado explicava e 'construía' o Brasil dos seus dias: era contemporânea de sua própria 'construção'".

Economista ou Pensador?

Chamamos Furtado, acima, de *pensador*, ao invés de tratá-lo por *economista*. Mas é o próprio Celso quem sustenta: "A Economia não existe". Como assim? Veja-se um depoimento seu, bem recente, à imprensa.

— Quando, finalmente, aos 26 anos de idade, comecei a estudar Economia de maneira sistemática, minha visão do Mundo já estava definida, no fundamental. Assim, a Economia não chegaria a ser mais que um instrumental, que me permitiu com maior eficiência tratar problemas que me vinham da observação da História ou da vida dos homens em Sociedade. Pouca influência teve a Economia, portanto, na conformação do meu espírito. Nunca pude compreender a existência de um problema *estritamente econômico*. Por exemplo: inflação nunca foi, em meu espírito, outra coisa senão a manifestação de conflitos de certo tipo entre grupos sociais. Da mesma forma, uma empresa nunca foi outra coisa senão a materialização do desejo de Poder de um ou vários agentes sociais, em uma de suas múltiplas formas. E assim por diante.

Entre os Grandes

Gilson Schwartz, da *Folha de S. Paulo*, diz bem ao escrever que Celso Furtado "é uma espécie de João Cabral de Melo Neto do pensamento econômico". Celso está entre aqueles grandes economistas do Mundo que, entre outras coisas, estudaram, no Pós-Guerra, e de forma pioneira, os problemas do Desenvolvimento Econômico, dentro do binômio Norte-Sul. Forma, portanto, ao lado de autores como Gunnar Myrdal, Raúl Prebisch, Ragnar Nurkse, Hans Singer e poucos outros.

Sobre a globalização que corre *in galop* em nossos tempos, Celso demonstra mais uma vez sua pertinência no trato de problemas histórico-econômicos. "O processo de mundialização significa também a globalização de problemas. Somente um Estado que se volte para o social e que tenha a formação de emprego como prioridade pode estancar o crescimento da massa de desempregados".

Este número especial do *Correio das Artes* enfeixa razoável cópia de trabalhos, muitos deles inéditos, com vistas ao melhor entendimento da contribuição de Celso Furtado.

Evandro Nóbrega

COORDENADOR GERAL E
EDITOR DESTA EDIÇÃO

ESTADO DA PARAÍBA

Governador:
José Maranhão

Secretário Chefe do
Gabinete Civil
**Solon Henriques
de Sá e Benevides**

Coordenador de
Comunicação Social:
Giovanni Meireles

□□□

A UNIÃO — SUPERINTENDÊNCIA DE IMPrensa E EDITORA

Superintendente:

José Zélio Marques Neves
Diretor Administrativo:
Francisco Reinaldo Barreto
Diretor Operacional:
Domicio de Araújo Córdula
Diretor Técnico:
Nelson Coelho da Silva

□□□

CORREIO DAS ARTES

Editor:

Sérgio de Castro Pinto

□□□

CORREIO DAS ARTES EDIÇÃO ESPECIAL

EDITOR E COORDENADOR

GERAL DESTA EDIÇÃO:
■ **Evandro Nóbrega**
[druzja@openline.com.br]

COLABORADORES:

- **Rosa Freire**
- **d'Aguiar Furtado**
- **Nonato Guedes**
- **Francisco de Sales**
- **Gaudêncio**
- **Verônica Lúcia**
- **da Rego Luna**
- **Sérgio de Castro Pinto**
- **Vladimir Márcio**
- **Mariz-Nóbrega**

CAPA E ARTE-FINAL

■ **Milton Nóbrega**

O QUE DISSERAM AS PESSOAS NA IDADES NACIONAIS E ESTRATEGIAS SOBRE A OBRA DE CELSO FURTADO

Nahuma área não temerária tem igual ou maior necessidade urgente de atenção do que o vasto Nordeste brasileiro. Essa área, com sua pobreza, fome e consequente descontentamento, é uma encruzilhada de problemas sociais complexos e cruciais. A visita do Dr. Furtado a Washington ajudou a aumentar o comprometimento do Nordeste do Nordeste do Brasil — **Presidente John Kennedy**, Arquivos da Casa Branca, 1961.

Quando se encontram os "cebs", a mais conhecida delas, porque a mais antiga, e sobretudo a mais inovadora das comissões das Nações Unidas, a do Jubi-ral Raúl Prebisch e Celso Furtado tem a obrigação de transformar a Terra, fazer com que se torne enfim capaz de alimentar e humanizar todos os seus habitantes sem qualquer discriminação, e permitir que eles se realizem — **Gérard Destanne de Bernis**, Universidade de Grenoble.

O título de seu livro autobiográfico *A fantasia organizada* — revela o homem e a obra. Não há nenhuma vontade de reformar o mundo em torno de si desdobra-se com a preocupação de rigor na organização do saber indispensável a ação — **Ignacy Sacks**, *Missão das Ciências de l'Homme*.

Celso Furtado percebeu que a chave do problema do Nordeste, até então visto a partir da natureza, estava nas relações econômicas da região com o resto do mundo, através do Brasil. O que ele fez, junto com seus companheiros na missão, foi provocar uma profunda ruptura na maneira de se ver o Nordeste, de que os brasileiros vem o Nordeste — **Cristovam Buarque**, em *Era da esperança*.

O jovem ministro do Planejamento, Celso Furtado, não tem razão para se sentir mais uma convocação e uma fé inabaláveis, nutridas de argumentos. A sua vez, hoje no Brasil só há um problema, um objetivo a atingir: plenamente os recursos naturais do país, fazendo entrar nos circuitos econômicos as populações que vagam miseravelmente marginalizadas — **Hubert Beauv-Méry**, em *Le Monde*.

Rejeitando as simples idéias, neoclássicas e rejeitando as ortodoxias inadequadas para a análise do desenvolvimento do sistema econômico, os estudos de Furtado nascem da convicção de que há necessidade de urgente esforço de crítica do pensamento econômico, esforço cujo objetivo é um mais abrangente e efetivo dos problemas do subdesenvolvimento — **Gerald M. Meier**, em *Pioneers in Development*.

Em suas obras recentes, Celso Furtado dá ênfase a um lado, a transnacionalização e a mundialização da economia, de outro, à dimensão social e cultural do desenvolvimento, constatando que a teoria do desenvolvimento tendera a ser confundida com a exploração do comportamento do sistema produtivo que emergiu com a sociedade industrial, ele busca apreender o desenvolvimento como um processo global e, para tanto, construiu um quadro conceitual que permite captar a realidade social em suas dimensões múltiplas — **Michel Heaut** e **Gilles Dostaler**, em *La pensée économique depuis Keynes*.

O pensamento avançado de Celso Furtado se encontra na direção de superar os limites da ciência econômica, carregando-se, por um lado, de uma ampla visão histórico-sociológica e, por outro, de uma aguda consciência dos condicionamentos culturais e políticos — **Hélio Jaguaribe**, em *Era da esperança*.

O subdesenvolvimento é para Celso Furtado um processo particular resultante da penetração de empresas modernas em estruturas arcaicas. Portanto, ele não é uma etapa necessária e universal do desenvolvimento. Ele representa uma situação provisória a um povo e a uma história — **Maurice Iby**, economista francês, e em "Prefácio" à edição francesa de *Developpement et sous-developpement*.

Em muitos poucos casos poder-se-ia apreciar melhor o grau de madureza e de independência alcançado pelo pensamento econômico latino-americano, como neste livro. A obra de Furtado não é só valiosa pela sua penetrante análise da história econômica do Brasil, mas sobretudo por sua contribuição metodológica. Trata-se de uma síntese de lógica cartésiana e consciência histórica — **Juan Noyola**, a respeito de *O economista brasileiro*, 1954.

Celso Furtado foi dos primeiros a se engajar nesta batalha do estudo do subdesenvolvimento, e certo que *Formação econômica do Brasil* foi um instrumento importante disso: a pesquisa histórica constitui para Furtado um meio essencial para a formulação estrutural do problema do subdesenvolvimento — **Ruggiero Romano**, historiador italiano, da *Formazione economica del Brasile*, edição italiana de *La Formazione economica del Brasile*, Turim, 1970.

Ninguém, nestes anos, pensou o Brasil a não ser a tem furtado. *Formação econômica do Brasil* tem uma importância na história brasileira. Coloca-se, seguramente, ao lado de *Casagrande e senzala*, de Gilberto Freyre, *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, e *Formação do Brasil contemporâneo*, de Cato Prado Jr., obras que explicam o Brasil ao brasileiro. A obra de Furtado, no entanto, vai muito além: não por que seja teoricamente superior, senão porque foi escrita acionadamente. Enquanto as anteriores explicaram e "constituíram" o país do passado, a de Furtado explica e "constitui" o Brasil dos seus dias: era contemporânea de sua própria construção. Nenhuma obra teve a importância ideológica de *Formação econômica do Brasil* em nossa recente história social — **Francisco de Oliveira**, em *Celso Furtado*, São Paulo, 1974.

O surgimento e a consolidação do pensamento econômico no Brasil está indissoluvelmente ligado a Celso Furtado. A obra do grande pensador paralisou, em particular, a *Formação econômica do Brasil*, denotando a passagem do pensamento econômico brasileiro (da pré-história para a história) [...], e se tornaria um clássico nas ciências sociais, influenciando praticamente todas as gerações de estudantes até o presente. A longevidade e a permanência da *Formação econômica do Brasil* está assegurada não só pelo pioneirismo, mas sobretudo pelo acerto das grandes intuições, das quais é difícil escapar — **Guido Mantega**, *Celso Furtado e o pensamento econômico brasileiro*, Rio de Janeiro, *Revista de Economia Política*, São Paulo, dezembro de 1989.

Formação econômica do Brasil é a grande obra da literatura econômica brasileira [...] Caracteriza-se por um trabalho de consolidação do desenvolvimento brasileiro, que ele fundamentou com uma bem constituída argumentação histórica. Publicada em primeira versão com o título *O economista brasileiro*, foi também um momento de renascimento do pensamento econômico brasileiro, Rio de Janeiro, 1955.

Furtado está entre os raros economistas do mundo que escrevem e ditam, mas uma ética e um

pensamento. Ocoado, recorrente, angustiada, mas sempre esperanças, o livro de Celso Furtado é um pensamento original do desenvolvimento econômico [...] é uma espécie de João Cabral de Melo Neto do pensamento econômico. Como na poesia de João Cabral, Furtado anda armado com maxilas finalísticas que arrumam sempre a realidade, mas obrigam o leitor a rejeitá-la em nome de algo melhor. No caminho de Furtado, a pedra que não se move é a pobreza do subdesenvolvimento material e cultural brasileiro" — **Gilson Schwartz**, na *Folha de São Paulo*.

Além de não influenciar com suas reflexões, suas idéias, Furtado não dá o exemplo do intelectual comprometido com seu país. O brilho de sua inteligência sempre esteve oculto, e continua a serviço da efetivação de mudanças sociais na América Latina e especialmente no Brasil. Um intelectual e um homem público que tem uma postura clara. A mesma que, naquela madrugada de 12 de abril de 1964, o leitor a pensar que ele revela a página 190 do seu livro *Formação econômica*: "se havia de ser preso, desava antes assumir uma posição que me identificasse com as forças que lutavam para preservar a ordem democrática no país". Com Furtado, aprendemos que o cientista, o técnico, o administrador público, não é um ser neutro, mas um cidadão que toma posições — **Tânus Bacelar**.

Hoje em dia, este livro revelou o seu espírito. Das idéias do mundo das grandes correntes do pensamento ocidental, mas o ser moral permeado por paraisuismo, permaneceu sereno, permaneceu íntegro, de acordo com a forma original, e é essa qualidade de Celso que o faz retornar permanentemente à obra de Furtado. Ele não foi o esmolar de sua infância e adolescência, mas, como observou num dos seus livros, permaneceu fiel de modo seco — e um homem da terra seca do Sertão.

O professor Hélio Jaguaribe, com uma admiração quase enternecida, diz que Celso Furtado é um asceta. "Não conheço ninguém de vida mais ascética do que um representante legítimo da civilização do couro, como é Celso Furtado". Ele tem aquele talentoso do homem habitando a esfera superior, mas não objetivamente, às vicissitudes da vida, o flagelo que parece açoitá-lo de tempos em tempos, a prazos breves. E como se fugisse da sua realidade para beber as idéias e voltar com o alforje repleto, a fim de ensinar as necessidades de seu Sertão — **Odilon Ribeiro Coutinho**.

Estou entre os jovens que, na década de 60, desvirtuavam-se de atividades profissionais nas áreas exótas para uma preocupação com as áreas sociais. Para isso, fui influenciado por Celso Furtado e por um grupo seleto de brasileiros e latino-americanos que não faziam pensar diferente. Nesta região, não há ninguém que, em qualquer nível, não esteja relacionado com o que foi feito a partir da criação da terra. Não resolveu todos os problemas, mas mudou a nossa maneira de pensar e trouxe mudanças para a vida de todos nós nordestinos, fazendo que Celso Furtado, como líder desse grupo, tenha tido um papel que ninguém cabe a uma pessoa — **Cristovam Buarque**.

A relevância do pensamento de Celso Furtado ultrapassa, reconhecivelmente, as fronteiras do Brasil, tendo se constituído, em uma das vertentes básicas da contribuição latino-americana à compreensão da problemática do subdesenvolvimento e das desigualdades para a superação. Mas que é uma contribuição nacional e regional, para essa temática, ele se tornou, universalmente,

uma das importantes perspectivas para sua abordagem. A pessoa de Celso Furtado não é menos relevante [...] não é apenas uma grande autor. É, sobretudo, um grande homem. Nessa relação de causalidade circular entre um homem e sua obra, pode-se discernir pessoas que foram grandezas para sua obra e pessoas que foram grandes obras para sua obra, necessariamente, a realização de uma grande obra incluiria Celso Furtado neste último grupo. Creio que se consolidou, entre os que o conheceram, a convicção de que ele reúne, a uma linha exemplar de conduta, mas também com a sua sentida de austeridade e de desapego pessoais, uma ininterrupta e excepcional dedicação ao interesse público, tanto como cidadão como no desempenho dos altos mandatos que exerceu — **Hélio Jaguaribe**.

Quando no ano de 1957, surgiu um livro intitulado *A Quantidade econômica do Brasil*. A quantidade de noites que eu e outros colegas da faculdade levamos a estudar cada página daquele livro. Já tinha lido *O Capital*, mas não tinha lido *Formação econômica do Brasil* porque os materialistas portugueses são quase todos marxistas e marxistas. Mas, evidentemente, tinha lido as "teologias", e não tinha entendido a formulação econômica. Na verdade, eu não conhecia de condução, mas também com a sua sentida de austeridade e de desapego pessoais, uma ininterrupta e excepcional dedicação ao interesse público, tanto como cidadão como no desempenho dos altos mandatos que exerceu — **Hélio Jaguaribe**.

É um privilégio [...] homenagear este grande brasileiro que é Celso Furtado, da maneira que ele merece, discutindo e examinando as perspectivas e prospectivos do seu pensamento. Neste momento de crise econômica e social no Brasil, a discussão da nacionalidade, nada poderia ser mais oportuno [...] foram importantes os livros de Celso Furtado na minha formação e na de toda uma geração de cientistas sociais, estudiosos brasileiros. Há três décadas, fui influenciado pelo pensamento de Celso Furtado. O primeiro é o seu poder de abstração, a ideia de globalização, que está tão em moda. Na realidade, ele já falava desse tema em absoluta desconhecimento de sua cultura, a sua economia e sua sociedade. E, em defesa dos e mais longe de cabeceira, e continua me inspirando até hoje: a *Formação econômica do Brasil*. Neste livro ficamos sabendo, por exemplo, que o Brasil era muito moderno quando criou a sua cultura, a sua economia no século XVII, e que deixou de sê-lo. Posteriormente, a partir de uma intervenção política que permitiu a criação de instrumentos de transformação econômico-social, foi que o país reatou a sua modernidade. Essas lições são importantes, uma vez que nós levamos a uma constatação fundamental para uma discussão do Estado nacional: o país sobreviveu porque teve capacidade de modernizar-se ou reverter-se a sua posição na economia de autarquias — **Áspidia Camargo**.

É o já citado Nivaldo Vasquez, da CapE/ONU. Ele considera que o livro *O Economista Brasileiro*, de Celso Furtado, é uma síntese de uma lógica cartésiana e consciência histórica.

Quando se encontram os "cebs", a mais conhecida delas, porque a mais antiga, e sobretudo a mais inovadora das comissões das Nações Unidas, a do Jubi-ral Raúl Prebisch e Celso Furtado tem a obrigação de transformar a Terra, fazer com que se torne enfim capaz de alimentar e humanizar todos os seus habitantes sem qualquer discriminação, e permitir que eles se realizem — **Gérard Destanne de Bernis**, Universidade de Grenoble.

SÃO INÚMEROS OS ESTUDOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS SOBRE O AUTOR

MORAES, Reginaldo. *Celso Furtado — o subdesenvolvimento e as ideias da CEPAL*. São Paulo, Atica, 1995.

OLIVEIRA, Francisco de (organizador), e FERNANDES, Florestan (coordenador). *Celso Furtado*. São Paulo, Atica, 1983.

ENSAIOS EM LIVROS E PUBLICAÇÕES (Seleção)

BEAR, Werner. "Furtado on development: a review essay", em *Journal of developing areas*, nº 3, 1969.

BEALD, Michel e DOSTALER, Gilles. "Celso Furtado", em *La Pensée économique depuis Keynes — historique et dictionnaire des principaux auteurs*. Paris, Seuil, 1993.

BETHLE, Leslie. "Economic ideas and ideologies in Latin America since 1930", em *Cambridge History of Latin America*,

vol. 6. Cambridge, 1994.

BIDRMAN, CINDY, OZAN, L. Felipe, BECK, José Marcio. *Conversas com economistas brasileiros*. São Paulo, Editora 34, 1997.

BIBESCHOWSKY, Ricardo. "O pensamento de Celso Furtado", em *Pensamento econômico brasileiro*. Rio de Janeiro, Contraponto, 1995.

"Formação econômica do Brasil: uma obra-prima do estruturalismo capalino", em *Revista de economia política*, vol. 9, nº 4, São Paulo, 1989.
Foreign Affairs. "No to recession and unemployment: an examination of the Brazilian economic crisis", vol. 63, 1984-1984.

HARTMAN, John T. "Economic development of Latin America (review)", em *Contemporary sociology*, vol. 14, nº 2, março de 1985.

HERSCHEMANN, Albert. *Journeys toward*

progress. Nova York, The Twentieth Century Fund, 1963.

HUDDLE, D. "Furtado on exchange control and economic development: an evaluation and reinterpretation of the Brazilian case", em *Economic development and cultural change*, vol. 15, nº 5, abril de 1967.

OLESIAS, Francisco. "Introdução", em *Formação econômica do Brasil*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, coleção "Biblioteca Básica Brasileira", 1963.
"Celso Furtado: pensamento e ação", em *História e ideologia*. São Paulo, Perspectiva, 1981.

LOVE, Joseph L. *Crafting the Third World: theorizing underdevelopment in Rumania and Brazil*. Stanford

University Press, 1996.

MANTOJA, Guido. "Celso Furtado e a teoria do subdesenvolvimento", em *A economia política brasileira*. São Paulo, Petrópolis, Polis/Vozes, 1987.

MORAES, Reginaldo, ANTUNES, Ricardo e FERRANTE, Vera (organizadores). "Celso Furtado e o pensamento econômico brasileiro", de Francisco de Oliveira, em *Inteligência brasileira*. São Paulo, Brasiliense, 1986.

PAGE, Joseph. "Celso Furtado, SUDENE and USAID", em *The Revolution that never was*. Nova York, Grossman Publishers, 1972.

SIEKERSKI, Thomas. "Economic development of Latin America (review)", em *The Hispanic American historical Review*, vol. 52, fevereiro de 1972.



Paris, 1988: Rosa Freire d'Aguiar, ladeada por Celso Furtado e a filha do escritor Guimarães Rosa, Wilma Guimarães Rosa (com o marido).



Celso e esposa, recebidos no aeroporto pessoense pelo Chefe do Gabinete Civil do Governo do Estado, Solon Benevides (Foto de João Francisco)

QUEM É ROSA FREIRE D'AGUIAR

Esta bibliografia completa de Celso Furtado (assim como seus dados biográficos publicados noutra parte desta edição) foi elaborada — exaustiva, cuidadosa e pacientemente — pela editora, escritora, jornalista, tradutora e polígrafa Rosa Freire d'Aguiar Furtado, esposa do economista.

Carioca, Rosa diplomou-se em Jornalismo (1971) pela Faculdade de Comunicação da PUC — Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Entre 1971 e 1973, trabalhou como repórter e redatora das revistas *Manchete*, *Fotos e Fotos*, *Enciclopédia Bloch* e *Países e Filhos*, da Editora Bloch (Rio de Janeiro).

De 1973 a 1976, foi correspondente em Paris da mesma Editora Bloch, exercendo idêntico trabalho, entre 1976 e 1985, para a revista *Istoé*. Como responsável também pela cobertura jornalística de outros países europeus e do Oriente Médio, empreendeu diversas viagens para escrever reportagens especiais, entre as quais aquelas (inesquecíveis) sobre a Revolução dos Cravos em Portugal, o exílio do aiatollah Khomeiny

e a Revolução Iraniana de 1979, a redemocratização da Espanha, a devolução do deserto de Sinai ao Egito, a guerra do Líbano de 1982, o movimento pacifista na Alemanha, a guerra das Malvinas vista de Londres *et alia*.

Numa série de reportagens com escritores, intelectuais e artistas, Rosa igualmente entrevistou, entre outros, figuras da maior expressão, como Roland Barthes, Georges Simenon, João Cortázar, Ernesto Sábato, Rudolf Nureyev, Manuel Scorza, Maurice Béjart, Eugène Ionesco, Jorge Semprín, Marc Chagall, Raymond Aron, Fernand Braudel, Romain Gary.

Entre 1986 e 1990, Rosa Freire d'Aguiar Furtado integrou o Conselho Editorial da editora Paz e Terra, de São Paulo. Nesta mesma empresa, foi editora e tradutora. Este trabalho de tradução passaria a desenvolver posteriormente (desde 1990 até o presente) também junto à editora Companhia das Letras. Continua, porém, a fazer traduções para a editora Paz e Terra. Dentre os livros mais recentemente traduzidos por Rosa Freire d'Aguiar, contam-se:

O futuro dura muito tempo, de

Louis Althusser, Companhia das Letras, 1992.

O profeta impuro (título original: *Galíndez*), de Manuel Vázquez Montalbán, Companhia das Letras, 1993.

Texaco, de Patrick Chamoiseau (Prêmio Goncourt), Companhia das Letras, 1993.

Viagem ao fim da noite, de Louis-Ferdinand Céline, Companhia das Letras, 1994.

A Saga dos Marx, de Juan Goytiso, Companhia das Letras, 1995.

A escrita ou a vida, de Jorge Semprín, Companhia das Letras, 1996.

Dom Pedro II, memórias imaginárias do último imperador, de Jean Soublin, Paz e Terra, 1996.

Tristes trópicos, de Claude Lévi-Strauss, Companhia das Letras, 1996.

Porcarias (título original: *Truismes*), de Marie Darrieussecq, ed. Companhia das Letras, 1997.

Boa-vida e guerras alheias do fidalgo Mr. Pyle, de Alessandro Barbero, Companhia das Letras, 1997.

Os cadernos de Don Rigoberto, de Mário Vargas Llosa, Companhia das Letras, 1997.

Vida e obra do Dr. Semmelweis, de Louis-Ferdinand Céline, Companhia das

Letras, 1997.

Colaboração por E-Mail

Conhecida *urbi et orbe*, por suas atividades jornalísticas e editoriais, Rosa Freire d'Aguiar é a mulher inteligente, bonita, dinâmica, culta e em pleno vigor maduro de seu âmbito criador. Tem impressionante capacidade de trabalho — e, para tanto assim produzir intelectualmente, quase sem descanso, ela conta também com os recursos da Informática: relativamente cedo, voltou-se para o computador e, mais recentemente, para a Internet, como forma de ampliar suas possibilidades criativas e sua produtividade. Sem ser fanática pelos micros, ela os vê no entanto como eficazes e importantes ferramentas de trabalho.

Graças a essas habilidades é que a intelectual Rosa Freire pôde, durante todo o tempo em que estivemos preparando este caderno especial, manter contato direto, via e-mail, com o Coordenador e Editor do suplemento. Suplemento que — sem medo de exagero — não teria circulado a tempo não fosse sua ajuda, sua colaboração, sua eficiente dedicação. [Evandro Nóbrega]

UM CONTO DE CELSO FURTADO

DOIS CIGARROS

Pode-se fazer um exame de consciência no curto período de um cigarro... E os meus pensamentos se diluíam ao soporo de uma dessas rajadas matinais que se alisam nas pranchas do Pó e descem velozes sobre a Emilia.

Num solavanco, o *dodge* atravessou um arco de tijolo vermelho e penetrou na estrada asfaltada.

Chegar a aquele pequeno vilarejo, nas redondezas de Modena, já no fim da tarde. E numa coincidência alegre encontrara dois camaradas que se dispunham a ali comer e ali dormir.

Subimos para um casarão isolado que tinha uma tabuleta em tinta fresca, anunciando vinho. Pedimos que nos esquentassem a ração, que nos fornecessem água quente para passar o café, e que nos deixassem provar o melhor vinho branco da casa. A janela exibia um vasto trecho de planície, que um resto de luz persistia em iluminar. Calados, bebíamos metodicamente. Cada um sabia que os outros estavam a recordar a sua terra. Mas um pudor quase místico nos cobria de pronunciar, sequer o nome, daqueles lugares sagrados. Qualquer coisa ligava dentro de nós a pátria distante aos amigos mortos ali perto. E a precariedade do futuro revelava no passado uma significação e um valor que nunca lhe suspirávamos.

Interrompi aquele silêncio que me constrangia, e narrei um caso curioso ocorrido comigo nos arredores de Bolonha, enquanto substituía um pneu. Era quase intencionalmente que eu dirigia a conversa naquele sentido. Todos tínhamos a nossa experiência em *casos*, pela Itália afora. E era com vaidosa satisfação que nos reuníamos, vez ou outra, para narrar as próprias aventuras. Mário, um rapagão alto da artilharia, que estava sentada a meus lados, arrancou os seus olhos grandes e verdes da janela evocadora:

— Ocorreu qualquer coisa de parecido comigo, esta semana. Foi logo que comecei a correria para a frente. Eu vinha com um material de manutenção e cansado, e sem conhecer bem os caminhos. Resolvi pernoitar em um Vignola, onde depois se instalou o nosso quartel-general. Estava com uma dóida suspeita de que me perdera e pedi a um paisano que me indicasse um lugar para dormir. Ah! Era um horror a cidade — declarou-me ele — O bombardeio foi terrível e as casas que restavam estavam superlotadas.

Em 1945, ao retornar da Itália, onde esteve como integrante da FEB — Força Expedicionária Brasileira, durante a Segunda Guerra Mundial, Celso Furtado escreveu o livro Contos da vida expedicionária, publicado no Rio de Janeiro pela editora Zélio Valverde. Por falência do editor, o livro ficou praticamente inédito até agora, quando acaba de ser publicado no primeiro dos três tomos da Obra autobiográfica de Celso Furtado (Editora Paz e Terra, São Paulo, 1997). Nesta e na página seguinte, reproduzimos o primeiro dos dois contos que formam a coletânea.



TUSCANY REVISITED

Celso Furtado reviu, em 1989, a Toscana, região da Itália onde esteve acampado durante a II Guerra Mundial. Ele é visto, aqui, nos jardins de uma villa toscana, mais de 40 anos depois do fim do conflito.

Mas se eu tinha manta e queria apenas um espaço vazio, era fácil.

“E caminhamos para um bloco de pedra enorme que, na sombra da noite, parecia ocupar metade da cidade. Atravessamos um pátio, entramos numa porta alta e subimos uma escada de pedra em caramol. E dormi em uma sala que na escuridão me pareceu vasta e onde milagrosamente um fósforo nos revelou coisa parecida com um colchão (e Mário aproveitou a entrada de uma jovem que nos veio renovar o vinho para comentar a maravilha que são esses colchões italianos, mesmo nos últimos recantos da província).

“A noite sonhei que ia a uma festa num grande castelo, na Toscana. A sala de recepções estava cheia de gente séria e todos me olhavam, como se eu estivesse despido. E me crivavam das perguntas mais indiscretas. Por mais que eu me esforçasse para demonstrar erudição em assuntos florentinos, só me perguntavam disparates, como se de mim espassem apenas disparates. Um bloco de escultura etrusca depositado sobre um pilar chamou-me a atenção, e eu penetrei numa sala contigua, vasta e de teto exuberantemente decorado, o meu desinteresse pela ostentação decorativa levou-me a fugir dali; penetro num corredor sóbrio e frio como

um claustro franciscano, depois vem uma nave de estilo gótico com aterradora floresta de colunas. Como um verme, deslizo por entre aquelas colunas que se iam aproximando umas das outras, dando a ilusão de que não tinham fim. Aterrado, corro. As duas últimas colunas, ligadas em ogiva, formam uma pequena janela aberta para o infinito. Bato com a cabeça na coluna que parecia tão longe e estava tão perto. E abro os olhos, que a meia luz da manhã me deixa embaciados.

“As colunas desapareceram, mas diante dos meus olhos está um todo ricamente trabalhado, de estilo renascentista. Encontro-me, atordado, em meio a um vasto salão suntuoso e requintadamente decorado e pavimentado. Duas janelas se abrem para o espaço, como portinholas de aço.

“Foi somente diante do meu *dodge* frio e prosaico, depois de cambalear por uma escada em caracol abaixo, que me convenci de que estava de fato acordado.”

Eu meditava nessa velha verdade de que cada coisa que sucede a um indivíduo se parece com ele, quando o segundo cavalheiro — como nos contos de Boccaccio — tomou a palavra. Era um rapaz de maneiras delicadas, moreno e de feições romanas. Eu não o conhecia, mas

ouvi-o com prazer.

Fizera uma viagem longa de três dias, usando estradas secundárias, naquela semana trabalhosa. Como desejava aproveitar toda a noite, certa tarde em que havia muito retrante e muita bicicleta pela estrada enveredou por uma via provinciana em busca de repouso. Deparou-se com um grupo de casas, dentro de uma plantação de vinha, que o seduziu. Uma pequena de uns sete anos o recebeu, e outras pessoas acolheram-no logo, com simpatia. Tudo que ele desejava era uma cama; uma cama onde pudesse repousar por duas ou três horas. Precisava viajar durante a noite... Foi um deus-nos-acuda de atividade. Empurraram a mesa para um lado, puxaram cadeira para aqui e para acolá, e em dois minutos surgiu um catre confortável, quase um leito, em um lado da sala.

— Eu logo me deitei — continuou o camarada com a sua maneira séria e o rosto levantado — Pus sobre os olhos o lenço de seda verde que trazia ao pescoço e dormi, creio, uma boa hora. Subitamente, acordei, com a sensação de que me haviam despertado. Através do lenço que tinha nos olhos vi, sentada à beira da cama, calmamente trabalhando um crochê, a jovem de olhos ausentes que me servira o vinho de maneira comedidamente fraternal. A sombra que a seda rala me punha nos olhos dava ao seu rosto uma seriedade trágica. As suas mãos, que dançavam nervosamente no claro-escuro que as dobras do lenço me imprimiam aos olhos, pararam numa decisão brusca e eu as vi caminhar para mim num gesto patético que podia ser uma arcaia. Na posição em que estava, eu via apenas as duas mãos, paradas no ar, descendo sobre o meu rosto. Se o sentimento que me mudava não tivesse uma forte dose de voluptuosidade, eu teria gritado de pavor.

“As mãos baixaram, e eu vi a cabeça decida que perscrutava em torno. E logo senti contra o meu corpo o arfar apressado do seu peito e o contato quente dos seus lábios nos meus.

“Uma seriedade de sacerdotisa, que havia nessa jovem, imobilizou o meu desejo de apertá-la entre os braços. E um terror de que ela percebesse que eu estava acordado se apoderou de mim, numa mistura de timidez e respeito humano. Era como se uma freira me beijassem na suposição de que o fazia a uma imagem de Cristo.”

Eu estava quase constrangido com a comção daquele camarada e baixei os olhos respeitosamente quando ele acrescentou:

— Nesse dia eu percebi que era um homem puro

A volta da normalidade emocional foi trazida pela voz da dona da casa, uma mulher alta e seca, por certo já impacientada para se intrometer na nossa conversa.

— Deus meu Jurava que eram tedescos, quando entrei na sala. Assim sério, bebendo, não há diferença. Todos são alhos. A farda é a mesma...

A jovem que nos servia vinho encorajou-se e falou também

— No último dia que aqui estiveram, um disparou a pistola pela janela...

A velha não deixou a jovem continuar. Queria para si as atenções. E disse: toú

— Um meio alocado. Eu já desconfiava dele. Segunda-feira passada, sentou-se aqui com mais dois, a beber. Discretamente alto, mas eu não lhes dei atenção. Da cozinha ouvi um ruído de cadeira virada e um deles gritar: "Estou cansado, estou sujo, estou morto. Que querem mais de mim?" A minha estupidez já se esgotou! E outra voz, baixa, respondeu: "Mate-se. Você não merece mais respeito de ninguém." E dois troaram na sala.

Longo depois que aquele que me parecia alocado passou rápido pela cozinha, com uma pistola na mão e sumiu pelo quintal. Caminhei até à sala e vi que os outros dois continuavam sentados, bebendo. Levantava a cadeira que estava virada.

A mulher seca e alta esboçou um sorriso quando eu lhe ofereci uma xícara do nosso café. Lamos já nos levantando quan-

do o rapaz de feições romanas, que eu não conhecia, se lembrou de que não terminaria a sua história. E, aparentemente sem emoção, nos contou que arranjara um motivo para "acordar". E logo se livrara dessas despedidas rasgadas que tão facilmente se improvisam na Itália. E bebera um último copo de vinho.

— Estava já dentro do carro — concluiu — quando a jovem de olhos românticos se aproximou de mim. Não sei, mas creio que havia qualquer coisa de puramente fraternal nos seus olhos. Eu me senti nesse momento orgulhoso de não me ter aproveitado do seu impulso emocional. E assim, eufórico, sorri e lhe apertei a mão. Ela, como se se livrasse de um carapé atravessado na garganta, disse num soluço: "Você se parece surpreendentemente com o meu novor". E duas lágrimas rolaram dos seus olhos quando acrescentou: "Ele morreu na batalha do deserto".

Eu fiz humor a propósito de qualquer coisa. A tarde ia sutilmente penetrando pela noite. Aquele começo de primavera ainda era frio. Estava ansioso pelo catre. Dormiria sempre irregularmente nas últimas semanas.

O quarto que nos fora preparado era quase confortável. Despi metade da roupa e me estirei logo na cama fronteira à porta. A minha esquerda uma janela aberta mostrava um pedaço desse belo céu italiano, onde as estrelas, parece que se reproduzem à proporção que o contemplamos. No conforto que me trazia aquela

comunicação com o infinito, os meus últimos impulsos se diluíram, as últimas emoções se desmancharam, e eu mergulhei docemente no não-ser.

Creio que aquele feixe de luz me bateu primeiramente no rosto — e foi isso que me acordou. Mas o sono era tão pesado que despertei apenas pela metade. E foi por detrás dessa penumbra, que a estufa e o sono nos deixam nos olhos, que eu vi o rastro da lanterna elétrica se deslocou, pousar sobre a mesinha de minha cabeceira e desaparecer.

Adormeci, mas acordei meio minuto depois, como se a intuição iluminasse o subconsciente. Olhei para a janela e vi um dos camaradas, ainda fardado, fumando, numa atitude de quem medita ou interroga as estrelas. Se não tivesse quebrar a sua contemplação mística, eu teria dito qualquer coisa. Uma bobice qualquer — dessas que dizemos estritamente para não ficar com a boca fechada. Mas esse segundo de vacilação foi suficiente para me devolver ao sono.

Na manhã fria, pulei fora da cama, nesse temor de perder tempo que nos acompanha sempre em época de guerra. Vesti-me, gritei para os camaradas que eram sete horas, juntei os meus objetos. Quando apanhei a carteira de Chesterfield que pusera na mesa-de-cabeceira, vi que os dois últimos cigarros me tinham sido fofados.

Pensei então, com certa amargura irônica, que a meditação mística do camarada, à noite, fora alimentada com fumo

alheio.

Examinara já a viatura e tinha aberto a minha razão quando um menino gritou no fundo do quintal:

— Um tedesco! Um tedesco!
Num ato reflexo, corri para a minha pistola, quando alguém esclareceu:

— Está morto, no fundo da cacimba.
Eu não podia perder tempo. Querria passar um pouco de café que me ajudasse a deglutir a insipida razão.

Um grupo se formara no quintal, e o corpo do alçado estava sendo guindado para fora do poço. Alguém disse, com ironia que era visível um larvo de inveja:

— E o malandro estava fumando Chesterfield, quando se matou.

O biscoito amargo da razão "K" parou na minha boca, duro. Como um punhal ao vento, uma suspeita trespassou-me a alma. Olhei para os dois camaradas que, calmamente, escovavam os dentes, a dez passos de mim, e gritei:

— Alguém de vocês fuma?
— Não — responderam.
— Alguém de vocês tem uma lanterna elétrica? — retornei rápido.

— Não — responderam cuspidando espuma branca.
E uma consciência de vulnerabilidade me invadiu e quase me arrotou. Corri para o *dodge* e gritei um adeus aos amigos. Foi a brisa fria da manhã que me reconfortou.

Positivamente, dois cigarros podem impor a alguém um exame de consciência.

O MAIOR PARAIBANO VIVO

Wellington Aguiar

Célio Monteiro Furtado nasceu em Pombal no ano de 1920. Mais do que economista, ele é, na verdade, um cientista social.

Desde jovem, percorreu os caminhos do mundo em busca de conhecimentos. Estudou nos centros mais adiantados do planeta.

Já em 1949 era diretor da Cagel, e quatro anos depois ocupava a mesma função no Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico, no Rio de Janeiro.

Mas nunca esqueceu as raízes. Daí por que suas idéias, com o apoio e determinação do presidente Juscelino Kubitschek, resultaram na criação da Sudene, da qual foi o primeiro Superintendente. Célio Furtado desenvolveu um esforço inteligente e honesto em prol da industrialização do Nordeste. Decência, seriedade e competência são características da sua personalidade. E também dotado, de elevado espírito público.

Foi ministro do Planejamento em 1963. Vitorioso porém o movimento militar de 1964, teve os direitos políticos cassados por dez anos. Clamorosa injustiça!

Resolveu exilar-se, e lecionou nas Universidades de Paris, Cambridge (Inglaterra) e Washington (Estados Unidos).

Publicou mais de vinte livros, entre eles *Formação Econômica do Brasil*, *A Pré-Revolução Brasileira*, *Subdesenvolvimento e Estagnação na América Latina*, *Teoria Política do Desenvolvimento Econômico*, *Um Projeto para o Brasil*, *O Mito do Desenvolvimento Econômico*, *Prefácio à Nova Economia Política*, *A Fantasia Organizadora*, *A Fantasia Desfeita*, *Os Irmãos do Mundo e Brasil*, *A Construção Interrompida*.

Tenho sempre dito, em conversa com amigos, que Célio Furtado é o maior paraibano vivo. Nossa Academia Paraibana de Letras recentemente batizou o Salão Nobre com o nome luminoso desse contemporrâneo, que tanto tem honrado o País.

Já o vi mais de uma vez. Nos seus tempos de ostracismo, fui ao lançamento de um de seus livros, aqui em João Pessoa. No Governo de José Sarney, ex ministro da Cultura, esteve nessa Capital e, em companhia do então Governador e de intelectuais da terra, percorreu demoradamente o convento de Santo Antônio e a Igreja de São Francisco. E chegou a recordar a lapeteira época da mocidade, quando desceu do trem da Great Western, na estação ferroviária, e subia a pé o alicive da rua Barão do Trunfo.

Este pequeno artigo tem como finalidade:



Visitando obras de restauração do Museu Sacro do Estado (outubro de 1986)

homenagear o grande brasileiro, no momento em que ingressa na Academia Brasileira de Letras.

Faço minhas as palavras da Companhia Editora Nacional: "Célio Furtado é um dos cientistas sociais mais lúcidos e competentes do Brasil. Dotado de fecunda capacidade de trabalho e de rara imaginação criadora, não só concorreu para modificar, substancialmente as

interpretações da formação e do desenvolvimento da economia brasileira, como se converteu, por isso mesmo, numa autoridade inigualavelmente reconhecida e respeitada, no que concerne à teoria do subdesenvolvimento econômico [...]"

Wellington Aguiar é Presidente da Academia Paraibana de Letras

LIVROS TRADUZIDOS ATÉ PARA O CHINÊS, SUECO, JAPONÊS, FARSÍ, POLONÊS...

Tradução de Stella Mastrangelo. México, Fondo de Cultura Económica, 1992.

Los vientos del cambio. Tradução de Stella Mastrangelo. México, Fondo de Cultura Económica, 1993.

PARA O FARSÍ

Development and underdevelopment (título do original que serviu à tradução). Teerã, 1980.

PARA O FRANCÊS

Le Brésil à l'heure du choix. Prefácio de Pierre Massé. Tradução de Jean Chouard. Paris, Plon, 1964.

Développement et sous-développement. Prefácio de Maurice Byé. Paris, Presses Universitaires de France, 1966.

L'Amérique latine - politique économique de l'Amérique latine. Tradução de Edouard Bailly. Paris, Sirey, 1970.

Les États-Unis et le sous-développement de l'Amérique Latine. Tradução de C. Deniz da Silva. Paris, Calmann-Lévy, Paris, 1970.

Théorie du développement économique. Tradução de Abílio Dimiz Silva, Janine Peffau. Paris, Presses Universitaires de France, 1970. (Nova edição revista e aumentada, pela mesma editora, em 1976.)

La formation économique du Brésil. Tradução de Janine Peffau. Paris, Mouton, 1972.

Analyse du "modèle" brésilien. Tradução de Eddy Treves. Paris, Anthropos, 1974.

Le mythe du développement économique. Tradução de Eddy Treves. Paris, Anthropos, 1976.

Creativité et dépendance. Tradução de Janine Peffau. Paris, Presses Universitaires de France, 1981.

Non à la recession, non au chômage. Tradução de Eddy Treves. Paris, Anthropos, 1984.

Le Brésil après le "miracle". Prefácio de Ignacy Sachs. Tradução de Cécile Tricoire. Paris, Maison des Sciences de l'Homme, 1987.

La fantasia organizada. Tradução de Edouard Bailly. Paris, Publisud, 1987.

Breve introduction au développement. Tradução de Abdelkader Sid Ahmed. Paris, Publisud, 1989.

Globalisation et exclusion - le cas du Brésil. Tradução de Abdelkader Sid Ahmed. Paris, Publisud, 1995.

PARA O INGLÊS

The economic growth of Brazil. Tradução de Ricardo W. de Aguiar, Eric Charles Drysdale. Los Angeles, University of California Press, 1963.

Development and underdevelopment. Tradução de Ricardo W. de Aguiar, Eric Charles Drysdale. Los Angeles, University of California Press, 1964.

Diagnosis of the Brazilian crisis. Tradução de Suzette Macedo. Los Angeles,



Com Rosa Freire d'Aguiar e outros intelectuais, o então ministro da Cultura Celso Furtado visita o Museu de Ouro Preto, MG, implantado, durante sua administração, pela Fiat, com apoio da Fundação Roberto Marinho, em junho de 1996

University of California Press, 1965.

Obstacles to development in Latin America. Tradução de Charles Ekker. Nova York, Anchor Books-Doubleday, 1970.

Economic development of Latin America. Tradução de Suzette Macedo. Cambridge, Cambridge University Press, 1970.

Accumulation and development. Tradução de Suzette Macedo. Oxford, Martin Robertson, 1983.

No to recession and unemployment. Tradução de Sue Branford. Londres, Third World Foundation, 1984.

PARA O ITALIANO

La formazione economica del Brasile. Prefácio de Ruggero Romano. Tradução de Leone Iraci. Turin, Einaudi, 1970.

Gli Stati Uniti e il sottosviluppo nell'America Latina. Tradução de Maria Lucia P. de Oliveira Pivetti. Milão, Franco Angeli, 1971.

L'economia latinoamericana della conquista ibérica alla rivoluzione cubana. Tradução de Leone Iraci. Bari, Laterza, 1971.

Teoria dello sviluppo economico. Tradução de Leone Iraci. Bari, Laterza, 1972.

Introduzione allo nuovo economia politica. Tradução de Bruno Pistocchi. Emanuele Gamba. Milão, Jaca Book, 1977.

PARA O JAPONÊS

Formação econômica da América Latina (título do original que serviu à tradução). Tóquio, Shinskaisha, 1969.

Formação econômica do Brasil (título do original que serviu à tradução). Tóquio, Shinskaisha, 1972.

A hegemonia dos Estados Unidos e o subdesenvolvimento na América Latina (título do original que serviu à tradução). Tóquio, Shinskaisha, 1972.

PARA O POLONÊS

My rozwój gospodarczy. Tradução de Halina Mirczka. Varsóvia, Państwowe Wydawnictwo Ekonomiczne, 1982.

Rozwój gospodarczy Brazylii. Tradução de Janina Wrzowska. Varsóvia, Państwowe Wydawnictwo Naukowe, Varsóvia, 1967.

PARA O SUECO

Latinamerikas ekonomiska utveckling. Tradução de Tom Hultgren. Estocolmo, Rabén & Sjogren, 1972.

OBRAS SOBRE O AUTOR

LIVROS E TESSES
FORMIGA, MARCOS, e SALLES GALDÊNCO, FRANCISCO (organizadores). *Era da Esperança - teoria e política na obra de Celso Furtado*. São Paulo, Paz e Terra, 1995.

Paris, junho de 1994: Celso Furtado em companhia do embaixador Carlos Alberto Leite Barbosa, Zélia Cardoso de Alencar, Jorge Amado, Rosa Freire d'Aguiar e José Sarney



Celso Furtado com o escritor argentino Ernesto Sabato, em Biarritz, França, em setembro de 1981

UMA OBRA VERTIDA PARA VÁRIAS LÍNGUAS

Econômica, 1987.

ESSAIS EM PUBLICAÇÕES (SELEÇÃO)
"Trajetória da democracia na América"
Revista do Instituto Brasil-Estados Unidos,
Rio de Janeiro, 1946. (Este ensaio recebeu o
prêmio Franklin D. Roosevelt, concedido pelo
IBRU.)

"Teoria da estrutura em organização"
Revista do Serviço Público, Rio de Janeiro,
fevereiro de 1946.

"Características gerais da economia brasileira"
Revista brasileira de economia, Rio de Janeiro,
março de 1950. (Primeiro ensaio de análise econômica escrito pelo autor.)

"Formação de capital e desenvolvimento econômico"
Revista brasileira de economia, Rio de Janeiro,
setembro de 1952. (Ensaio crítico às conferências do economista sueco Ragnar Nurkse no Rio de Janeiro. Primeiro artigo traduzido, cf. "Capital formation and economic development", *International economic papers*, n. 4, Londres, 1954.)

"O desenvolvimento econômico - ensaio de interpretação histórico-analítica"
Econômica brasileira, vol. 1, n. 1, Rio de Janeiro,
janeiro-março de 1955.

"El análisis marginal y la teoría del subdesarrollo"
El Trimestre económico, vol. xxvii,
México, 1956.

"Reunión de economistas de Oriente y Occidente"
El Trimestre económico, vol. xxv,
México, 1958.

"Ideas en torno a la creación de una Escuela Latinoamericana de Economía"
Economía, n. 72-73, Santiago, 1961.

"Brazil: what kind of Revolution?"
Foreign Affairs, Washington, abril de 1963.

"Développement et stagnation en Amérique Latine: une approche structuraliste"
Revue des Annales, Paris, janeiro/fevereiro de 1966.

"L'hégémonie des États-Unis et l'Amérique Latine"
Le Monde, Paris, janeiro de 1966.

"Au Brésil: économie, politique et société"
Revue des Annales, Paris, julho/agosto de 1966.

"De l'oligarchie à l'Etat militaire"
Les Temps Modernes, Paris, outubro de 1967.

"Intra-country discontinuities towards a theory of spatial structures"
Social science information, dezembro de 1967.

"Un modèle simple de développement et de stagnation" (em colaboração com A. Maneschi)
Economie et société, Paris, março de 1969.

"La concentration du pouvoir économique aux États-Unis et ses projections en Amérique Latine"
Esprit, Paris, abril de 1969.

"Sous-développement et dépendance: une hypothèse globale"
Revue Tiers-Monde, Paris, outubro/desembro de 1972.

"Le modèle brésilien"
Revue Tiers-Monde, Paris, julho/setembro de 1973.

"Underdevelopment and dependence: the fundamental connection"
Working papers, Center for Latin American studies, Univer-



Ao lado, a edição francesa de A Fantasia Organizada. Acima, Celso dá entrevista em Belo Horizonte, MG, durante noite de autógrafos para o lançamento, em 1983, de seu livro Não à recessão e ao desemprego

La fantaisie organisée

Le développement et le sous-développement



Publié en

Cambridge, n. 17, 1973.

"Le nouvel ordre économique mondial: un point de vue du Tiers-Monde"
Revue Tiers-Monde, Paris, julho/setembro de 1976.

"Development"
International social sciences journal, vol. xxix, n. 4, Paris, 1977.

"Accumulation y creatividad"
Revista de la CEPAL, Santiago, 2. semestre de 1978.

"El desarrollo desde el punto de vista interdisciplinario"
El trimestre económico, n. 181, México, janeiro-março de 1979.

"L'ordre économique internationale: les nouvelles sources de pouvoir"
Revue Tiers-Monde, Paris, janeiro/março de 1980.

"La dette extérieure brésilienne"
Problèmes d'Amérique Latine, La Documentation française, Paris, novembro de 1982.

"Las relaciones comerciales entre la Europa Occidental y la América Latina"
El trimestre económico, vol. 1, (3), n. 199, México, 1983.

"Rescuing Brazil, reversing recession"
Third World Quarterly, Londres, julho de 1984.

"La restructuration de l'économie internationale"
Développement et civilisation, Paris, março de 1989.

"O subdesenvolvimento revisitado"
Economia e sociedade, n. 1, Campinas, agosto de 1992. (Aula magna proferida por ocasião da recepção do título de doutor honoris causa da Universidade de Campinas.)

"Retour à la vision globale de Perroux et Fricourt"
Economie appliquée, tomo xxix, n. 3, Paris, 1994. (Texto da "Sixième Conférence François Perroux", proferida a 15 de junho de 1994 no Collège de France, Paris.)

"A superação do subdesenvolvimento"
Economia e sociedade, n. 3, Campinas, dezembro de 1994.

"A invenção do subdesenvolvimento"
Revista de economia política, vol. 15, n. 2, São Paulo, abril-junho de 1995.

TRADUÇÕES

PARA O ALEMÃO

Die Wirtschaftliche Entwicklung Brasiliens. Tradução de Manfred Wöhleke. Munique-Frankfurt, Wilhelm Fink Verlag, 1975.

Akkumulation und Entwicklung - zur Logik des industriellen Kommunikation. Tradução de Rita A. Teixeira-Vileta. Frankfurt, Verlag für Interkulturelle Kommunikation, 1984.

PARA O CHINES

La economía latinoamericana (título do original que serviu a tradução). Tradução de Xu Zhenjing. Beijing, 1983.

PARA O ESPANHOL

Formación económica del Brasil. Tradução de Derneto Aguilera Malta. México, Fondo de Cultura Económica, 1962.

Desarrollo y subdesarrollo. Tradução de Ana O'Neill. Buenos Aires, EUBA, 1964.

Dialéctica del desarrollo. Tradução de Benjamin Hoppenhay. México, Fondo de Cultura Económica, 1965.

Brasil en la encrucijada histórica. Tradução de Oriol Durán. Barcelona, Editorial Nova Terra, 1966.

Subdesarrollo y estancamiento en América Latina. Tradução de Samira Chuahy. Buenos Aires, EUBA, 1966.

Teoría y política del desarrollo económico. Tradução de Francisco de Oliveira, Martí Soler. México, Siglo XXI, 1968.

La economía latinoamericana - desde la conquista ibérica hasta la revolución cubana. Tradução de Angélica Gimpel Smith. Santiago do Chile, Editorial Universitaria, 1969.

La economía latinoamericana - formación histórica y problemas contemporáneos. Tradução de Angélica Gimpel Smith, Stella Mastrangelo. México, Siglo XXI, 1971. (Edição corrigida e aumentada em 1976.)

La hegemonía de los Estados Unidos y América Latina. Tradução de Raúl Rosen-

buj. Barcelona-Madri, Edicusa, 1971.

Los Estados Unidos y el subdesarrollo de América Latina. Lima, Campodonico, 1971.

Dos análisis de la economía latinoamericana. Tradução de Rosa Cusuminsky. Buenos Aires, Centro Editor de América Latina, 1972.

Análisis del "modelo" brasileño. Tradução de Estela dos Santos. Buenos Aires, Centro Editor de América Latina, 1972.

Breve historia económica de América Latina. Tradução de Angélica Gimpel Smith. Havana, Editorial Guairas, 1972.

El mito del desarrollo económico y el futuro del Tercer Mundo. Buenos Aires, Periferia Ediciones, 1974.

El desarrollo económico: un mito. Tradução de Stella Mastrangelo. México, Siglo XXI, 1975.

Prefacio a una nueva economía política. Tradução de Stella Mastrangelo. México, Siglo XXI, 1976.

Creatividad y dependencia. Tradução de Martí Soler. México, Siglo XXI, 1979.

El subdesarrollo latinoamericano. México, Fondo de Cultura Económica, 1982.

Breve introducción al desarrollo. Tradução de Stella Mastrangelo. México, Fondo de Cultura Económica, 1983.

El Brasil después del "milagro". Tradução de Stella Mastrangelo. México, Fondo de Cultura Económica, 1983.

No a la recessión y al desempleo. Tradução de Guillermo Rozenwurcel, Julio Dreizhan. Buenos Aires, Paz e Terra, 1984.

La nueva dependencia. Tradução de Ofelia Castillo. Buenos Aires, Centro Editor de América Latina, 1985.

La fantasia organizada. Tradução de Eleonora Ostá. Pta. Buenos Aires, EUBA, 1988.

Economía mundial - transformación y crisis. Tradução de Jorge R. Pulcino. Bogotá, Tercer Mundo Editores, 1990.

Brasil, la construcción interrumpida.

BASES DO PENSAMENTO FURTADIANO

Rômulo Soares Polari

Pró-Reitor de Planejamento da UFPB

Inicialmente, cabe ressaltar a feliz iniciativa do Departamento de Economia do Campus I da Universidade Federal da Paraíba, que, por intermédio do professor Ronald de Queiroz, propôs a concessão do título de Doutor *Honoris Causa*, ao Professor Celso Furtado. A proposta, obviamente, foi aprovada por unanimidade por este Conselho Universitário.

Nascido em ainda hoje pequena cidade de ombal, neste Estado, Celso Furtado tornou-se um dos brasileiros de atuação simultânea mais destacada nas áreas das Ciências Sociais, Política e Cultura do País. Como economista e cientista social ele é o profissional brasileiro mais bem referido e conceituado no Exterior.

Na minha saudação ao ilustre homenageado, pretendo realçá-lo como o homem público que deu grandes contribuições ao País e como um dos mais notáveis cientistas sociais do mundo, na segunda metade deste século que está chegando ao fim. Tenho aqui especial interesse em ressaltar e resgatar um conteúdo da maior importância do pensamento de Furtado que, até agora, ainda não foi suficientemente debatido e reconhecido. Refiro-me à sua concepção filosófica de um saber que desaliena, liberta e que é capaz de mudar os rumos da história ou, pelo menos, não admite que estes sejam rigorosamente pré-determinados.

É interessante trazer para reflexão, os horizontes que, no entendimento de Furtado, se abrem à humanidade, com aquele homem não apenas objeto do saber, mas, também, sujeito deste e, principalmente, sujeito da história.

CELSO FURTADO: O HOMEM PÚBLICO BRASILEIRO

A atuação de Furtado como homem público foi, seguramente, enriquecedora da miserável vida política do País. Primeiro pela excelência dos conhecimentos técnico-científicos que respaldaram as

O bem fundamentado e elucidativo trabalho que apresentamos a seguir, de autoria do professor Rômulo Soares Polari, Pró-Reitor de Planejamento da Universidade Federal da Paraíba, constitui a íntegra da saudação acadêmica que [o também economista] Polari fez a Celso Furtado, quando este recebia o título de Doutor Honoris Causa da UFPB. É analisado em especial o alcance da contribuição teórico-científica de Celso.

suas atividades práticas. Depois, pela sua personalidade forte, alicerçada em sólidos princípios morais e éticos.

nistrativa, fiscal, bancária e agrária).

Em 1964, Furtado teve os seus direitos políticos cassados pelo regime ditato-

O governador José Maranhão e o então reitor Neroaldo Pontes de Azevedo participam, em fins de maio de 1996, da solenidade de entrega do título de Doutor Honoris Causa da UFPB a Celso Furtado, vendo-se ainda o professor Rômulo Soares Polari, que fez a saudação acadêmica

Foto: Antônio David Fernandes



Ainda muito jovem, de 1953 a 1955, Furtado chegou ao Grupo Misto de Trabalho BNDE-CEPAL, que elaborou *Um Programa de Desenvolvimento para o Brasil*, para o período 1955-62. As suas análises serviram de base ao Plano de Metas do governo Juscelino Kubitschek (1956-61), que foi a primeira experiência prática de planejamento estatal no país.

Em 1958, por designação do Presidente Kubitschek, Furtado coordenou o GTDN (Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste). O famoso relatório elaborado por esse Grupo, que se diz ser obra efetivamente sua, trouxe um complexo e bem fundamentado entendimento dos problemas sócio-econômicos do Nordeste, com o encaminhamento de propostas para resolvê-los. A partir dele foi criada a SUDENE, em dezembro de 1959, que teve Celso Furtado como o seu primeiro Superintendente.

Em 1962, o Presidente João Goulart criou o Ministério Extraordinário para o Planejamento, designando Furtado para ser o seu titular. Dessa sua atividade saiu o Plano Trienal, para o período 1963/65, objetivando retirar o País da profunda crise econômica, social e política em que se encontrava. Propôs, para tanto, a retomada do crescimento econômico, a contenção do processo inflacionário, a melhoria da distribuição pessoal e regional da renda, o reescolamento da divida externa e as reformas de base (admi-

rial então vigente. Assim, foi obrigado a trabalhar fora do Brasil por 15 anos. Nesse período radicou-se em Paris, onde foi professor efetivo da Sorbonne. Em 1979, com a anistia, Furtado voltou ao País vindo, posteriormente, a ocupar os cargos de Embaixador do Brasil junto à Comunidade Européia e, depois, o cargo de Ministro da Cultura do Governo José Sarney (1985/90).

FURTADO E O HOMEM NÃO OBJETO DA HISTÓRIA

Estudar a evolução da Ciência Social de Celso Furtado, não é somente agradável como muito produtivo. Quem se dedica a essa tarefa, certamente se encanta com, pelo menos, os seguintes quatro aspectos fundamentais de sua magistral obra.

i) A abrangência do seu objeto de investigação, que é a sociedade humana na sua perspectiva histórica. Isto significa compromissos que transcendem a ótica de qualquer um dos ramos isolado das Ciências Sociais. É impressionante como Furtado conseguiu laborar com inovação e sucesso, na trilha antes seguida por verdadeiros monstros sagrados do pensamento científico e filosófico como Smith, Ricardo, Marx, Schumpeter, Keynes, Perroux, Joan Robinson e outros.

ii) A grandeza do seu objeto científico, comparado aos pensadores que o an-

tecederam, na explicação das sociedades capitalistas. Furtado trouxe um novo entendimento para o desenvolvimento dessas sociedades que, embora baseado na acumulação de capital e no progresso técnico, foge aos padrões explicativos das leis da acumulação capitalista teorizadas por Marx. Além disso, incorporou indiscutível progresso ao saber científico, com a sua teoria do subdesenvolvimento dos países de economias formadas a partir da expansão mundial das economias capitalistas centrais.

iii) A originalidade do pensamento econômico que permeia o conteúdo da sua obra. As suas ideias básicas vieram dos ensinamentos de Ricardo, Marx, Keynes e Schumpeter. Mas o seu referencial desses saberes levou Furtado a uma nova

concepção das questões econômicas, que não cabe no arcabouço teórico de nenhum daqueles autores. Mesmo convencido de que o pensamento econômico neoclássico é inútil a pesquisa econômica que trata de problemas reais, Furtado também valeu-se dos seus instrumentos técnicos de análise. Dai o pleno sentido da sua afirmação: "*O meu enfoque dos processos econômicos, no qual se combina uma visão globalizante, derivada da história, com um corte sincrônico para o qual se utilizam todos os recursos da análise econômica, alcançou a forma que para mim passou a ser definitiva quando cristalizaram no meu espírito duas ideias: a da estrutura e a do centro de decisão*" (FURTADO, 1983 p. 39).

iv) A bem sucedida preocupação de suas criações teórico-científicas com a aplicabilidade prática, não obstante a sua complexidade e o seu refinamento acadêmico e metodológico. Dai o ganho especial que tivemos, enquanto brasileiros e especialmente nordestinos, tendo em vista que, nos seus estudos da problemática do subdesenvolvimento, Furtado deu grande ênfase ao Brasil, particularizando aí o caso do Nordeste.

2. AS BASES FILOSÓFICAS E CIENTÍFICAS DO PENSAMENTO FURTADIANO

No seu Auto-Retrato Intelectual, Furtado sintetizou o que chamou de ideias-

força explicativas da formação do seu espírito e do enquadramento de suas ações e atividade intelectual criadora. Para ele o mundo dos homens sempre estaria muito distante daquilo que se pode chamar de paraiso.

A tendência seria o predomínio da arbitrariedade e da violência. Ai estaria uma espécie de característica sinistra da humanidade. Dos rincões mais atrasados do Nordeste brasileiro aos cenários das mais sofisticadas civilizações da Europa e dos Estados Unidos, isso mudaria apenas de forma, mantido o seu conteúdo essencial. "A luta contra esse estado de coisas exige mais que simples esquemas racionais. Essa luta, tal como um rio que passa, sempre traz águas novas, ninguém a ganha propriamente e nenhuma derrota é definitiva".

Mesmo assim, Furtado manteve uma visão otimista sobre a evolução da sociedade humana. A razão para tanto foi a sua convicção na poderosa força transformadora que tem a atividade intelectual baseada no conhecimento científico e filosófico, ligando o homem à história. Dai nasceu e se desenvolveu o seu interesse pelas Ciências Sociais, como meio de compreensão transformadora do mundo.

A Ciência Social de Furtado encontrou seus principais fundamentos em duas correntes antagônicas de pensamento. Do positivismo, assimilou a idéia da superioridade do conhecimento científico e a sua estreita ligação com o progresso. No marxismo, encontrou a essência formadora de sua convicção de que as formas sociais são históricas e, portanto, podem ser superadas, ao longo do tempo. Sobre essas bases, a atividade intelectual criadora seria capaz de viabilizar a atuação racional do homem na história. Diante de tal possibilidade, não faria sentido o fatalismo ou determinismo histórico e, muito menos, o homem econômico racional, destilado dos chamados mecanismos automáticos das leis dos mercados.

Estudando a vida das organizações, Furtado logo cedo compreendeu o quanto a racionalidade do comando depende do planejamento, enquanto elemento básico da Teoria das Decisões. Como técnica social, o planejamento poderia perfeitamente ser um eficiente e preventivo guia, na condução de processos sociais complexos. Isto seria da maior importância, para o funcionamento da vida social organizada, que envolve naturalmente as atividades de direção, coordenação e controle

Nesse contexto, necessariamente, quem toma decisão exerce alguma forma de poder. Concebendo-se a sociedade capitalista como uma macro-organização, se-

Furtado, partindo do próprio saber marxista, elaborou de maneira clara e muito objetiva as possibilidades de realização daquele marxismo repensado por Sartre. Para tanto, valeu-se da contradição dialética explicada por Marx entre desenvolvimento da estrutura e superestrutura da sociedade. Assim, captou a admissão implícita de Marx de que "... as forças produtivas podiam desenvolver-se sem prévia modificação da superestrutura" (para ele essencialmente o complexo de instituições). As modificações superestruturais viriam depois, por rupturas violentas.

ria coerente concordar com a idéia de Marx de que toda decisão econômica envolve o exercício do poder.

Na sua forma mais expressiva e sistemática de existência, o poder se exerce através do Estado. Nesse centro de decisões, o planejamento tomar-se-ia fomentado que espontâneo, como mecanismo responsável da eficiência. Desse modo, Furtado repudiou a idéia do funcionamento *laissez-faire* das economias capitalistas. Para os economistas neoclássicos, essas economias, assim atuando, tenderiam ao desenvolvimento equilibrado contínuo e com pleno emprego. Concordou, portanto, com a grande descoberta de Keynes, ao afirmar a imperiosa necessidade de tais economias funcionarem amparadas no Estado, enquanto estrutura superior centralizada de poder e decisão.

Esse entendimento de Keynes superaria as conclusões anteriores de Marx a respeito do assunto. Para este, o capitalismo *laissez-faire* tenderia ao desenvolvimento contraditório, com profundos desequilíbrios, crises, recessões periódicas e altos níveis permanentes de desemprego. Mesmo concebendo o elevado poder do Estado e a sua vinculação aos interesses das classes capitalistas e proprietárias, Marx não vislumbrou a possibilidade dessa instituição reverter essa tendência do capitalismo. Muito pelo contrário, ao zelar para que o processo de produção fosse também o da reprodução das relações sociais capitalistas fundadas na exploração do capital sobre o trabalho, a atuação do Estado acentuava, ainda mais, aquela tendência.

Como se vê, o pensamento de Furtado é totalmente contrário às visões científico-filosóficas da sociedade que a concebem como sendo regida por uma espécie de dispositivo automático, autogerado da naturalidade do seu funcionamento. Incluindo-se aí tanto aquelas que fazem a apolo-

gia do capitalismo como as que fundamentam a sua negação histórica. No primeiro caso, o capitalismo é visto como um sistema econômico formado por um conjunto interligado de mercados. A auto-regulação aí prevalentemente se explicaria através da lógica do comportamento sócio-econômico dos indivíduos, decidindo sobre o uso de seus recursos, como proprietários e consumidores. A consequência automática desse mecanismo seria o funcionamento ótimo e o desenvolvimento equilibrado e harmonioso das sociedades capitalistas. A luz do Materialismo Histórico, as contradições inerentes ao funcionamento do capitalismo atuariam como uma espécie de mecanismo espontâneo explicado pela lógica dialética que, ao longo do tempo, levaria à sua superação, através de um processo de autogeração.

Furtado é artífice de um conhecimento detentor de severa crítica ao núcleo científico-filosófico do Marxismo. Embora fosse, de certa forma, um adepto deste, enquanto doutrina nascida das lutas sociais e de uma concepção global da sociedade humana, com suas estruturas técnico-material, institucional e de classes. O homem como objeto do saber marxista, com sua existência social passivamente submetida, era absolutamente incompatível com a Ciência Social viva furtadiana.

Essa crítica é da mesma natureza da que, em 1960, foi feita por Sartre, na sua *Crítica à Razão Dialética*, mais especificamente na primeira parte dessa obra intitulada *Questão de Método*. A grande falha do marxismo estaria no fato de tender a excluir o investigador de sua investigação, tornando-o objeto de um saber absoluto. Para adquirir sua verdadeira dimensão humana, o marxismo teria que fazer do homem o seu fundamento. Isso significaria conceber o homem não como objeto do saber prático, mas como um "organismo prático produzindo o saber como um momento de sua práxis". Ratificando sinteticamente o acerto de sua crítica, Sartre concluiu que "... o *Saber marxista refere-se ao homem alienado, mas se não quer feticizar o conhecimento e dissolver o homem no conhecimento de suas alienações, não basta que descreva o processo do capital ou o sistema da colonização: é preciso que o investigador compreenda como o investigado - isto é, ele próprio - existe na sua alienação, como ele a supera e se aliena nesta própria superação; é preciso que seu próprio pensamento supere a cada instante a contradição íntima que une a compreensão do homem-agente ao conhecimento do homem-objeto.*" (SARTRE, 1984, p. 191)

O existencialismo sartreano não pretendia negar o marxismo, e sim melhor

esclarecê-lo e completá-lo. Propôs, para tanto, que o saber compreensivo marxista se tornasse um verdadeiro conhecimento do homem no mundo social, capaz de acompanhá-lo na concepção e desenvolvimento de seus projetos voltados para o socialmente possível, a partir de dadas situações.

É interessante ressaltar que Furtado, partindo do próprio saber marxista, elaborou de maneira clara e muito objetiva as possibilidades de realização daquele marxismo repensado por Sartre. Para tanto, valeu-se da contradição dialética explicada por Marx entre desenvolvimento da estrutura e superestrutura da sociedade. Assim, captou a admissão implícita de Marx de que "... as forças produtivas podiam desenvolver-se sem prévia modificação da superestrutura" (para ele essencialmente o complexo de instituições). As modificações superestruturais viriam depois, por rupturas violentas.

Para Furtado, esse inter-relacionamento dialético seria válido para o conjunto das estruturas, e não apenas para as forças produtivas. Privilegiando-se as implicações da acumulação de capital, que é apenas um segmento das estruturas, como fez Marx, aquele ajustamento violento seria factível. Algo distinto ocorreria com todas as estruturas se modificando dentro de um certo quadro institucional. Neste caso, as modificações estruturais sendo adequadamente orientadas, as correlatas e necessárias transformações do quadro institucional poderiam vir subsequentemente sem ter que romper grandes resistências. O trabalho acadêmico de Furtado foi basicamente dedicado à formulação de teorias e idéias operacionais afirmativas da possibilidade de se planejar essas modificações estruturais, demonstrando as condições necessárias para tanto.

3. A ECONOMIA POLÍTICA DE CELSO FURTADO

A vida acadêmico-científica de Furtado começou pelo estudo da Teoria das Organizações, Sociologia e História. Por aí sedimentou as suas idéias a respeito da importância fundamental que têm o exercício do poder e os centros de decisões no funcionamento da vida social. Foi procurando elaborar instrumentos de análise mais eficientes, para explicar essa problemática emanada da observação histórica, que se dedicou ao estudo da Economia. Dessa maneira, o seu pensamento econômico nasceu e evoluiu pautado por três marcantes características:

- a) a não aceitação das concepções mecanicistas do processo econômico que fundamentam a Teoria Neoclássica;
- b) a certeza da existência do fenô-

BIBLIOGRAFIA DE CELSO FURTADO

Paris, 1992: Celso Furtado, com sua mulher Rosa Freire d'Aguiar Furtado, na casa que mantêm na Capital francesa



OBRAS DO AUTOR



Contos da vida expedicionária — de Nápoles a Paris. Rio de Janeiro, Livraria Editora Zélio Valverde, 1946. 103 p.

L'Économie coloniale brésilienne. Paris. Tese de doutorado defendida na Faculdade de Direito e Ciências Econômicas da Universidade de Paris. Paris, junho de 1948. 240 p.

A economia brasileira. Rio de Janeiro, A Noite, 1954. 246 p.

Uma economia dependente. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura (Serviço de Documentação), 1956. 72 p.

Perspectivas da economia brasileira. Rio de Janeiro, Instituto Superior de Estudos Brasileiros, 1958. 80 p.

Uma política de desenvolvimento econômico para o Nordeste. Rio de Janeiro, Imp. Lusa Nacional, 1959. 94 p. (Obra preparada para o governo federal, e que serviu de base à Operação Nordeste.)

Formação econômica do Brasil. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1959. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1965. 242 p.; Brasília, Editora Universidade de Brasília, coleção "Biblioteca Básica Brasileira", 1963.

A Operação Nordeste. Rio de Janeiro, Instituto Superior de Estudos Brasileiros, 1959. 77 p.

Desenvolvimento e subdesenvolvimento. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1961. 268 p.

Subdesenvolvimento e Estado democrático. Recife, Condepe, 1962. 53 p.

A pré-revolução brasileira. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1962. 116 p.

Dialética do desenvolvimento. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1964. 173 p.

Subdesenvolvimento e estagnação na América Latina. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966.

Teoria e política do desenvolvimento econômico. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1967. 343 p.; Lisboa, Dom Quixote, 1971; São Paulo, Abril Cultural,



coleção "Os Economistas", 1983.

Um projeto para o Brasil. Rio de Janeiro, Saga, 1968. 133 p.

Formação econômica da América Latina. Rio de Janeiro, Lia Editora, 1969.

Análise do "modelo" brasileiro. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1972. 122 p.

A hegemonia dos Estados Unidos e o subdesenvolvimento da América Latina. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1973. 192 p.

O mito do desenvolvimento econômico. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1974; São Paulo, Circulo do Livro, s.d.; São Paulo, Paz e Terra, 1996 (edição abreviada).

A economia latino-americana. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1976. 339 p. (Esta é a edição definitiva da obra *Formação econômica da América Latina*.)

Prefácio a nova economia política. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976. 137 p.; Lisboa, Dinalvi, s.d.

Creatividade e dependência na civilização industrial. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978. 181 p.; São Paulo, Circulo do Livro, 1978.



Em 7 de agosto de 1997, data de sua escolha para a Academia Brasileira de Letras, Celso confraterniza com os acadêmicos Marcos Almir Madeira, Cândido Mendes de Almeida, José Sarney, Nêlida Piñon [presidente da ABL], Ledo Ivo, Eurysto de Moraes, Antonio Houaiss e Alberto Venâncio Filho

Pequena introdução ao desenvolvimento — um enfoque interdisciplinar. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1980. 161 p.

O Brasil pós-"milagre". Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981. 151 p.

A nova dependência: dívida externa e monetarismo. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982. 151 p.

Não à recessão e ao desemprego. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983. 107 p.

Cultura e desenvolvimento em época de crise. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984. 128 p.

A fantasia organizada. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985. 227 p.

Transformação e crise na economia mundial. São Paulo, Paz e Terra, 1987. 289 p.

A fantasia desfeita. São Paulo, Paz e Terra, 1989. 206 p.

ABC da dívida externa. São Paulo, Paz e Terra, 1989. 64 p.

Os ares do mundo. São Paulo, Paz e Terra, 1991. 338 p.

Brasil, a construção interrompida. São Paulo, Paz e Terra, 1992. 85 p.

ANTOLOGIAS

El subdesarrollo latinoamericano, ensayos de Celso Furtado. México, Fondo de Cultura Económica, 1982. 329 p.

Obras escogidas de Celso Furtado. Compilação de José Consuegra. Bogotá, Plaza & James, 1982. 340 p.

Essays on Latin America (Selected).

"Capital formation and economic development", em *The economics of underdevelopment*, A. N. Agarwala e S. P. Singh (organizadores), J. Viner, P. Baran, W. W. Rostow, C. Furtado, V. Rao, Rosenstein-Rodan, R. Nurkse e et alii. Nova York, Oxford University Press, 1958.

"Forenta sterna och Latinamerikas framtid", em *Latinamerikaner om Latinamerika*, P. Schori (organizador), J. Bosch, C. Fuentes, C. Furtado, F. Julião, F. Castro, E. Che Guevara, J. de Castro, J. Figueres et alii. Oskarshamn, Prisma, 1968.

"Marx's model in the analysis of the underdeveloped economic structures", em *Marx and contemporary scientific thought*

R. Aron, M. Rodinson, C. Furtado, R. Garaudy, E. Hobsbawm, T. Adorno, A. Sauy, A. Schaff, H. Marcuse, I. Sachs, J. Habermas et alii. Paris/Haa, Mouton, 1969.

"Probleme der Industrialisierung in Lateinamerika", em *Die Aktuelle Situation Lateinamerikas*. Hanns-Albert Steger (organizador), M. Berger, B. Köttling, C. Furtado, F. Fernandes, G. Freyre, F. H. Cardoso, C. Rama et alii. Frankfurt, Athenäum, 1971.

"Da República oligárquica ao Estado militar", em *Brasil, Tempos Modernos*, C. Furtado (organizador), H. Jaguaribe, F. Wefort, F. H. Cardoso, F. Fernandes, J. Leite Lopes, O. M. Carneiro, J. C. Bernardet, A. Callado Rio de Janeiro, Paz e Terra. (Obra traduzida para o espanhol, *Brasil hoy*, México, Siglo XXI, 1968; para o alemão *Brasilien Heute*, Frankfurt, Athenäum, 1971.)

"Entraves ao desenvolvimento", em *O Brasil na encruzilhada*, J. de Castro, M. Araes, C. Furtado, F. Julião, M. Moreira Alves, D. Helder Câmara, S. Lafaurie et alii. Lisboa, Dom Quixote.

"A global view of the development process", em *Different theories and practices of development*, I. Alechina, C. Furtado, J. Galtung, et alii. Paris, UNESCO, 1982.

"A política econômica de François Mitterrand", em *O novo socialismo francês e a América Latina*, F. H. Cardoso e H. Trindade (organizadores), C. Furtado, G. Lavau, A. Rouquie, A. Touraine Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.

"Transnacionalização e monetarismo e "Dependência em um mundo unificado", em *La crisis internacional y la América Latina*. Sofia Méndez (organizador), R. Prebisch, Ruy M. Marini, C. Furtado, A. Pinto, O. Ianni, M. Löwy, F. Fajnzylber, D. Caputo et alii. México, Fondo de Cultura Económica, 1984.

"Crisis y transformación de la economía mundial: desafíos y opciones", em *La crisis de la deuda externa en la América Latina*. Miguel S. Wionacoff (organizador), V. Urquidí, C. Furtado, D. Avramovic, F. Stewart et alii. México, Fondo de Cultura

VIDA & OBRA NUMA CRONOLOGIA RESUMIDA

- 1920 26 de julho: nascimento em Pombal, no sertão paraibano, filho de Maria Elza Monteiro Furtado, de família de proprietários de terra, e de Maurício de Medeiros Furtado, de família de magistrados. É o segundo dos oito filhos, que terá o casal.
- 1927 A família fixa residência na Cidade da Paraíba, Capital do Estado.
- 1932 Início dos estudos secundários, no Liceu Paraibano, e no Ginásio Pernambucano, no Recife.
- 1939 Chega ao Rio de Janeiro, indo morar em pensão no Flamengo e na Lapa.
- 1940 Entra para a Faculdade Nacional de Direito. Começa a trabalhar na *Revista da semana*, como jornalista.
- 1942 *Semana Santa*: viagem a Ouro Preto, para reportagem com a equipe do cineasta Orson Welles.
- 1943 Aprovado no concurso do IUPERJ para assistente de organização, e no de técnico de administração do Departamento do Serviço Público do Estado do Rio, indo trabalhar em Niterói.
- 1944 Curso o IUPERJ (Corpo de Preparação de Oficiais da Reserva), no Rio de Janeiro. Escreve artigos sobre administração e organização para a *Revista do Serviço Público*, do IUPERJ.
- 1945 Novembro: conclui a faculdade de direito. É convocado para a Força Expedicionária Brasileira.
- 1945 Janeiro: embarca para a Itália como aspirante a oficial da FEB. Acampado na Toscana, serve como oficial de ligação junto ao 5º Exército americano. Sofre um acidente em missão por ocasião da ofensiva final dos aliados no Norte da Itália, sendo recolhido num hospital norte-americano.
- Agosto: retorna ao Brasil.
- 1946 Ganha o prêmio Franklin D. Roosevelt, em concurso promovido pelo Instituto Brasil-Estados Unidos (IBEU), com o ensaio "Trajetória da democracia na América". Colabora para a revista *Ciência Política*. Publica, por conta do autor, seu primeiro livro, *De Nápoles à Paris - Contos da vida expedicionária*, sobre a presença brasileira na Itália durante a Segunda Guerra.
- 1946 Dezembro: segue para Paris, onde se inscreve no curso de doutorado em economia, da Faculdade de Direito e Ciências Econômicas da Universidade de Paris (Sorbonne), e no Instituto de Ciências Políticas. Envia reportagens e artigos para a *Revista da semana*, *Planalto* e *Observador econômico e financeiro*.
- 1947 Viagem à Inglaterra, onde visita a London School of Economics. Integra a brigada francesa de reconstrução de uma estrada na Bósnia, e parte de Sarajevo. Com o pintor Carlos Scliar e a pianista Anna Stella Schic, participa do Festival da Juventude em Praga.
- 1948 Junho: doutor em economia pela Universidade de Paris, com a tese "L'économie coloniale brésilienne", dirigida por Maurice Blyé, obtendo a menção *très bien*. Agosto: retorna ao Brasil, retornando a trabalho no IUPERJ em Natal, onde permanece um ano no King's College fazendo estudos de pós-graduação. Ali escreve a *Formação econômica do Brasil*. Início de sua
- 1949 Fevereiro: instala-se em Santiago do Chile para trabalhar na recém-criada Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL), órgão das Nações Unidas que se transformará na única escola de pensamento econômico surgida no Terceiro Mundo. Dedica-se a pesquisas e elabora seu primeiro escrito de economia. Nasce seu filho Mário.
- 1950 O economista argentino Raúl Prebisch assume a secretaria-executiva da CEPAL, e o nomeia Diretor da Divisão de Desenvolvimento. Durante a permanência na CEPAL, que se estende até 1957, será encarregado de missões em diversos países: latino-americanos: Argentina, México, Venezuela, Equador, Peru e Costa Rica.
- Março: escreve *Brasil: estrutura de economia*, da Fundação Getúlio Vargas, publica seu primeiro ensaio de análise econômica, "Características gerais da economia brasileira".
- 1951 Várias universidades dos Estados Unidos para informá-lo sobre o debate, que então se inicia, em torno dos aspectos teóricos do desenvolvimento.
- 1952 Setembro: a *Revista brasileira de economia* publica "Formação de capital e desenvolvimento econômico", seu primeiro artigo de circulação internacional, tendo sido traduzido para a *International economic papers*, órgão da Associação Internacional de Economia que veicula contribuições à teoria econômica apresentadas em outras linguas.
- Instala-se no Rio de Janeiro para presidir o Grupo Misto IUPERJ-IBEU, com economistas das duas instituições, que elaborará um estudo sobre a economia brasileira, com ênfase especial nas técnicas de planejamento. O relatório do Grupo Misto, editado em 1955, será a base do Plano de Metas do governo de Juscelino Kubitschek.
- 1954 Setembro: retorna ao Brasil, seu primeiro livro de economia, sobre a teoria do desenvolvimento e subdesenvolvimento. Com um grupo de amigos, cria o Clube de Economistas, no Rio de Janeiro, que lança a revista *Economia brasileira*. Nasce seu filho André.
- 1955 Outubro: retorna à sede da CEPAL, em Santiago, e recebe a incumbência de dirigir um estudo sobre a economia mexicana.
- 1956 Janeiro: muda-se para a Cidade do México. Publica, no Brasil, *Uma economia dependente*.
- 1957 Afasta-se da CEPAL, com uma licença sem vencimentos por um ano. Prefere uma série de dez conferências no IUPERJ (Instituto Superior de Estudos Brasileiros), Rio de Janeiro, sobre "Perspectivas da economia brasileira", reunidas em livro no ano seguinte.
- Setembro: segue para a Universidade de Cambridge, Inglaterra, onde permanece um ano no King's College fazendo estudos de pós-graduação. Ali escreve a *Formação econômica do Brasil*. Início de sua
- reflexão de dez anos sobre a realidade econômica brasileira.
- 1958 Retorna ao Brasil, desliga-se definitivamente da CEPAL e assume uma diretoria do IBEU. É nomeado, pelo presidente Juscelino Kubitschek, interventor no Grupo de Estudos de Desenvolvimento do Nordeste (GEDEN). Elabora para o governo federal o estudo "Uma política de desenvolvimento para o Nordeste", que dá origem ao Conselho de Desenvolvimento do Nordeste (CEDEN), constituído por representantes de órgãos do governo federal e pelos governadores de nove estados do Nordeste. É nomeado seu secretário-executivo.
- 1960 O Congresso Nacional aprova a lei que cria a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), com sede em Recife. É nomeado seu superintendente.
- 1961 Encontro em Washington com o presidente John Kennedy, cujo governo decide apoiar um programa de cooperação com a SUDENE.
- Encontro com o ministro Ernesto Chaves Guevara, chefe da delegação cubana à conferência de Punta del Este, quando se discute o programa da Aliança para o Progresso.
- 1962 Nomeado, no regime parlamentar do presidente João Goulart, o primeiro titular do Ministério do Planejamento. Elabora o Plano Trienal, que é apresentado ao país pelo presidente João Goulart por ocasião do plebiscito visando a confirmar o parlamentarismo ou a restabelecer o presidencialismo.
- 1963 Deixa o Ministério do Planejamento e retorna à Superintendência da SUDENE, no Recife. Concebe e implanta a política de incentivos fiscais para os investimentos na região Sul.
- 31 de março: informado do levante militar, junta-se ao governador Miguel Arraes, no palácio do governo de Pernambuco. 4 de abril: está em Brasília quando é publicado pelo governo militar o Ato Institucional nº 1, que cassa os seus direitos políticos por dez anos. Meados de abril: embarca no Rio de Janeiro para Santiago do Chile, a convite do Instituto Latino-Americano para Estudos de Desenvolvimento (ILESA), ligado à CEPAL.
- Setembro: muda-se para New Haven, Estados Unidos, onde assume o cargo de pesquisador graduado do Instituto de Estudos de Desenvolvimento da Universidade de Yale. Faz conferências em diversas universidades norte-americanas e participa de vários congressos sobre a problemática do Terceiro Mundo.
- 1965 Setembro: a convite da Faculdade de Direito e Ciências Econômicas da Universidade de Paris, assume a cátedra de professor de Desenvolvimento Econômico. É o primeiro estrangeiro nomeado para uma universidade francesa, por decreto presidencial do general de Gaulle. Permanecerá nos quadros da Sorbonne por
- vinte anos.
- 1968 Junho: vem ao Brasil pela 1ª vez, após sua cassação, a convite da Câmara dos Deputados, para debater a economia brasileira. As conferências proferidas no Conselho de Economia da América, em Brasília, são reunidas no livro *Um projeto para o Brasil*, lançado no Rio de Janeiro e S. Paulo poucas semanas antes do AI-5.
- 1970 No correr do decênio que se inicia, faz viagens a vários países da África, Ásia e América Latina, em missão de agências das Nações Unidas.
- 1972 Passa um semestre lecionando na American University, em Washington D. C.
- 1973 Setembro: inicia seu ano letivo como professor da Universidade de Cambridge, Inglaterra, ocupando a cátedra Simon Bolívar. É feito *Fellow* do King's College.
- 1976 Passa um semestre como professor na Columbia University, em Nova York.
- 1977 Dirige um seminário sobre Problemas Brasileiros na Universidade Católica de São Paulo.
- 1978 Integra o Conselho Acadêmico da Organização das Nações Unidas, sediada em Toquio, fazendo por três anos uma série de viagens ao Japão.
- 1979 Apoiado pela imprensa, com freqüência ao Brasil, reinterrompe-se na vida política. Filia-se ao PMDB, como membro do diretório nacional. Casa-se com a jornalista Rosa Freire d'Aguiar.
- 1982 Como diretor de pesquisas da Escola de Artes, Letras e Ciências Sociais, dirigiu, em Paris, durante três anos letivos, seminários sobre a economia brasileira e internacional.
- 1985 Janeiro: é convidado pelo recém-eleito presidente Tancredo Neves para participar da comissão do Plano de Ação do Governo (CEMAG).
- Agosto: desligado embaixador do Brasil junto à Comunidade Econômica Europeia, em Bruxelas, assumindo o posto em outubro.
- Integra a Comissão de Estudos Constitucionais, presidida por Afonso Arinos, para elaborar um projeto de nova Constituição.
- 1986 4 de março: é nomeado, pelo presidente José Sarney, para o cargo de ministro da Cultura, sendo o responsável pelo primeiro projeto de lei de incentivos fiscais à cultura.
- 1987 Integra a *South Commission*, criada e presidida pelo presidente Julius Nyerere, e formada exclusivamente por países do Terceiro Mundo para formular uma política para o Sul.
- 1993 Nomeado membro da Comissão Mundial para a Cultura e o Desenvolvimento, da ONU, presidida por Javier Pérez de Cuéllar, cujo relatório é apresentado em 1995.
- 1996 Integra a Comissão Internacional de Biodiversidade (IBD).
- 1997 Fevereiro: É criado pela Academia de Ciências do Terceiro Mundo, com sede em Trieste, o Prêmio Celso Furtado, a ser conferido a cada dois anos ao melhor trabalho de um cientista do Terceiro Mundo no campo da economia política.
- Agosto: É eleito para a Academia Brasileira de Letras.

meno puramente econômico e

c) o entendimento de que o processo econômico global de uma sociedade capitalista funciona como um sistema de estrutura de poder, formado por um vasto conjunto de cadeias de decisões, destacando-se aí o Estado como estrutura superior de poder.

A Economia Política de Furtado baseia-se em contribuições teóricas de Ricardo e Schumpeter e na assimilação crítica dos trabalhos científicos de Marx e Keynes. De Ricardo, valeu-se do conceito de excedente econômico, evitando assim o de Marx, cujo fundamento era a Teoria da Exploração, com a qual não concorda plenamente. De Schumpeter utilizou, com muita propriedade, a visão do empresário inovador, como agente transformador, e o papel do progresso tecnológico no desenvolvimento capitalista. Os fundamentos marxistas sobre o processo de acumulação de capital e a luta de classes serviram-lhe de contraponto a uma nova concepção da dialética do desenvolvimento das sociedades capitalistas. A partir da Teoria Geral de Keynes, repensada segundo os seus propósitos teóricos e práticos, construiu o seu entendimento sobre o papel do Estado, como estrutura superior de poder e decisão, intervindo na economia com ações a curto, médio e longo prazos.

Sempre fiel à preocupação de conceber a realidade econômica como um conjunto de processos reais, Furtado fez do Brasil o seu objeto de investigação. A sua visão histórica e globalizante dedicada ao tema levou-o à busca da compreensão da problemática brasileira, no âmbito da expansão das economias capitalistas centrais e da formação das economias subdesenvolvidas em geral.

As primeiras obras de Furtado foram publicadas nos anos cinquenta: *A Economia Brasileira* (1954); *A Economia Dependente* (1956); *Perspectivas da Economia Brasileira* (1958) e *Operação Nordeste* (1959). Foi também de 1959 a sua *Formação Econômica do Brasil*. Desde então, essa obra vem tendo enorme influência na formação dos que se dedicam às Ciências Sociais no País. Antes, as grandes influências ao incipiente quadro de cientistas sociais brasileiros vinham de cinco obras, também de grande significação histórica no Brasil: *Evolução Política do Brasil* (1933) e *História Econômica do Brasil* (1946), de Caio Prado Júnior; *Casa Grande e Senzala* (1933), de Gilberto Freyre; *Raízes do Brasil* (1936), de Sérgio Buarque de Holanda, e *História Econômica do Brasil* (1945), de Roberto Simonsen.

Com a sua *Formação Econômica do Brasil*, Furtado trouxe uma muito bem elaborada, profunda e complexa análise

explicativa da evolução histórica da vida econômica da sociedade brasileira, indo do mais longínquo período colonial até grande parte deste Século. Com essa obra, Furtado foi pioneiro no Brasil, em termos de refinamento da análise histórica, ao fundamentá-la nas teorias keynesianas da demanda efetiva e da intervenção do Estado na economia. O objetivo central da análise foi a apreensão do processo que levou uma embrionária economia capitalista primário-exportadora a transformar-se, no tempo, numa economia industrial subdesenvolvida voltada para o mercado interno.

Essa transição adquiriu maior significância nas três primeiras décadas deste século, no âmbito das atividades exportadoras vinculadas à produção cafeeira. Em função dessas atividades, o assalariamento da mão-de-obra foi criando e expandindo um mercado interno para manufaturas parcialmente atendido pela nascente produção industrial local. Com a propagação dos efeitos da crise de 1929, impondo violenta queda das exportações e dos preços do café, a capacidade de importação do Brasil foi drasticamente abalada, em boa parte dos anos 30.

Nesse contexto, o governo brasileiro, implementando políticas estatais keynesianas típicas de sustentação dos níveis internos de atividades, manteve os volumes de emprego e renda. Desse modo, consolidava-se um mercado efetivo interno que só podia ser atendido por produção industrial nacional. Aí estaria o grande fator determinante da industrialização brasileira. O setor industrial que vinha sendo formado reagiu espetacularmente a esse incentivo passando, progressivamente, a assumir o comando do processo de acumulação de capital no País. Pode-se dizer que em Formação Econômica do Brasil, Furtado também definiu e montou as bases do seu campo de estudos posteriores sobre Economia Política.

3.1 - Teorias do Desenvolvimento e do Subdesenvolvimento

Dos anos 60 em diante, Furtado desenvolveu, com êxito, uma vasta obra voltada ao aprofundamento da compreensão dos problemas da economia brasileira, dentro da sua preocupação mais abrangente de elaboração de uma Teoria do Subdesenvolvimento. Daí surgiram obras de grande destaque entre os estudiosos não somente de Economia como das Ciências Sociais em geral. *Desenvolvi-*

mento e Subdesenvolvimento (1961); *Dialética do Desenvolvimento* (1964); *Subdesenvolvimento e Estagnação na*

"A Economia Política de Furtado baseia-se em contribuições teóricas de Ricardo e Schumpeter e na assimilação crítica dos trabalhos científicos de Marx e Keynes. De Ricardo, valeu-se do conceito de excedente econômico, evitando assim o de Marx, cujo fundamento era a Teoria da Exploração, com a qual não concorda plenamente"

América Latina (1966); *Teoria e Política do Desenvolvimento Econômico* (1967); *Um Projeto para o Brasil* (1968); *Análise do Modelo Brasileiro* (1972); *O Mito do Desenvolvimento Econômico* (1974); *Prefácio à Nova Economia Política* (1976); *Criatividade e Dependência na Civilização Industrial* (1978); *Pequena Introdução ao Desenvolvimento* (1980); *O Brasil Pós-Milagre* (1981); *A Fantasia Organizada: Uma Crônica do Intervencionismo* (1985); *A Fantasia Desfeita* (1986) e *Os Ares do Mundo* (1987).

De todas essas obras, o que parece melhor expressar o arcabouço metodológico e teórico da Economia Política de Furtado é a sua *Teoria e Política do Desenvolvimento Econômico*, na edição de 1979, onde a versão original foi modificada e complementada com os fundamentos de sua Teoria do Subdesenvolvimento. Revendo criticamente as teorias sobre o desenvolvimento do capitalismo clássico, Furtado chegou a uma nova visão da dialética desse processo e, a partir dela, aos elementos básicos para a compreensão do subdesenvolvimento.

Na sua concepção, a economia industrial capitalista emergente em alguns países da Europa, no Século XVIII, ao se desenvolver, gerou três grandes linhas de repercussões econômicas, em quase todo o mundo. A primeira foi a sua expansão em toda Europa Ocidental.

A segunda caracterizou-se pela expansão além fronteira, ocupando terras desocupadas semelhantes às da Europa. Por aí se destacaram as transposições de mão-de-obra, capital e técnica para a Austrália, o oeste norte-americano e o Canadá, implementando-se aí processos de desenvolvimento com o mesmo padrão europeu. Na sua terceira linha de expansão, o capitalismo industrial europeu foi até as regiões ocupadas e, em alguns casos, já densamente povoadas, mas detentoras de economias pré-capitalistas

Essa penetração capitalista limitou-se à abertura de novas linhas de comércio e à produção de matérias-primas para os mercados da Europa. Na sua evolução, esse processo foi criando nos países daquelas regiões estruturas sócio-econômicas duais. Nestas, uma parte foi passando a ser organizada segundo as formas capitalistas de produção e consumo e, interligada a ela, mantinha-se a outra parte pré-capitalista, remanescente.

Dai à conclusão de Furtado: "O subdesenvolvimento é, portanto, um processo histórico autônomo, e não uma etapa pela qual tenham, necessariamente, passado as economias que já alcançaram um grau superior de desenvolvimento". (FURTADO, 1983, p. 142).

Ao contrário de Marx, Furtado viu com otimismo o desenvolvimento do capitalismo clássico da Europa e sua extensão. Marx havia explicado que o desenvolvimento das economias capitalistas, baseado na extração de mais-valia dos trabalhadores para acumulação de capital exponenciadora das forças produtivas da sociedade, era a expressão de um processo dialético. As consequências de sua contradição básica, manifestas no excesso de capacidade de produção instalada frente à demanda efetiva nos mercados, levavam à periódicas crises de superprodução, superacumulação de capital e subconsumo que convergiam para a negação do capitalismo, como modo de produção. O próprio Keynes, defensor do capitalismo, de certa forma concordou com o diagnóstico marxista da tendência à crise do capitalismo, pela sua crônica incapacidade de gerar demanda efetiva compatível com a sua capacidade de produção. Demonstrou, entretanto, a solução desse problema mediante a intervenção do Estado, como gerador autônomo de demanda efetiva.

Segundo Furtado, a dialética do desenvolvimento capitalista baseia-se em outro tipo de contradição. Aí a unidade seria formada pelos interesses contrários entre os trabalhadores e os empresários capitalistas, pela apropriação dos frutos dos incrementos da produtividade ensejados pela acumulação de capital e a incorporação de inovações tecnológicas. Mas esse processo dialético seria afirmativo do crescente e contínuo progresso dos países capitalistas. O processo de negação aí iminente se daria com relação às formas inferiores do modo de produção capitalista, no sentido da sua reafirmação e adaptação para conviver com o avanço político-econômico da classe trabalhadora sobre o poder dos capitalistas, criando as cada vez mais aperfeiçoadas democracias capitalistas.

Para Furtado, desenvolvimento econômico significa bem mais do que crescimento econômico. A sua base seria o processo de acumulação de capital e o avanço tecnológico, elevando a produtividade e, com isso, gerando um excedente econômico. Mas o desenvolvimento só se consubstanciaria com a democratização dos frutos do progresso econômico por toda a sociedade. Tanto é assim que a primeira fase da acumulação de capital, que se deu em grande escala no Século XVIII, não teria sido de desenvolvimento econômico. A destruição das formas pré-capitalistas de produção, pela industrialização capitalista nascente, gerou um mercado de trabalho com oferta largamente elástica. Por isso, os incrementos de produtividade não se reverteram em aumento de salário real.

Essa exclusividade na apropriação do excedente econômico pelos capitalistas, teria ensejado uma agressiva acumulação de capital, em ritmo muito superior ao do crescimento da oferta de mão-de-obra. Isto findou consolidando a dinâmica nos mercados de trabalho favorável aos trabalhadores que, aliada ao poder de pressão dos sindicatos, possibilitou sistemática melhoria dos salários reais, refletindo a participação dos trabalhadores nos incrementos de produtividade. Daí a conclusão de Furtado: "O desenvolvimento do capitalismo, na sua fase mais avançada, deriva o seu principal impulso dinâmico da agressividade da massa trabalhadora, que luta para aumentar a sua participação no produto social. Essa agressividade, pondo em risco a taxa de lucro da classe capitalista, suscita como reação o interesse pelas inovações tecnológicas que tendem a reduzir a mão-de-obra por unidade de produto". (FURTADO, 1964, p. 66).

Os problemas cruciais de economias subdesenvolvidas, como a do Brasil, decorriam dos seus entraves estruturais, que impediam a evidência daquela dialética do desenvolvimento capitalista. No caso brasileiro, o processo de industrialização capitalista, que nasceu e evoluiu como substituidor de importações, pautou-se por determinações historicamente específicas. De um lado, as suas vinculações com o setor agroexportador, de cujas atividades inicialmente emanaram o mercado de manufaturas e os capitais empreendedores. De outro, a sua expansão produzindo bens de consumo típicos das economias capitalistas desenvolvidas, detentoras de setores industriais avançados e de alta complexidade tecnológica, que operam a base de empresas oligopolistas. Isso resultou na efetivação de processos produtivos incompatíveis com as dotações internas de capital e mão-de-obra. A alta intensidade de capital e o alto nível

tecnológico adotados, diante da superabundância de mão-de-obra, tornaram-se sérios obstáculos à manifestação dos impulsos dinâmicos típicos do desenvolvimento do capitalismo clássico teorizados por Furtado. Nesse contexto, mantinha-se um modesto volume relativo de emprego industrial de mão-de-obra, remunerada com baixos níveis salariais. O excesso de mão-de-obra, ao impedir um maior poder de barganha salarial, deu pouca margem à luta de classe, dificultando o acesso dos trabalhadores aos frutos dos incrementos de produtividade. Essa industrialização era, portanto, destituída da capacidade de geração dos mercados garantidores de sua expansão, ao longo do tempo.

O secular atraso da estrutura tecnológica e fundiária do setor agrário brasileiro, sendo um verdadeiro exaustor da fertilidade da terra, respondia pelo alto custo dos produtos agrícolas e as precárias condições de vida da população. Interligados, esse setor arcaico e o setor industrial substituidor de importações, definiam as principais características da natureza subdesenvolvida da economia brasileira, industrialização com avançada tecnologia, tendência à capacidade ociosa, baixa produtividade agrícola gerando fortes pressões inflacionárias e crescente concentração da renda. Daí as dificuldades de sua transição para o desenvolvimento auto-sustentado, endogenamente determinado.

Espontaneamente, a superação do subdesenvolvimento tenderia a ser um evento pouco provável. No entendimento de Furtado, essa transição para o desenvolvimento capitalista demandaria uma forte atuação do Estado. Não bastaria, porém, a intervenção estatal preconizada por Keynes, preocupada apenas com a geração de demanda efetiva para atender capacidade instalada ociosa de produção. O Estado seria, também, responsável pela implantação de capacidade produtiva, principalmente em infra-estrutura e insumos básicos, suplementando e fomentando a industrialização substituidora de importações, além de atuar como orientador, regulador e planejador essencial da economia.

Com essas características estruturais, a economia brasileira, segundo comportamento típico das economias subdesenvolvidas que avançam na industrialização com base no modelo de substituição de importações, tenderia ao impasse. A estagnação verificada nos anos 60 foi prevista por Furtado. Na sua fase já superada, essa industrialização, passando a ser progressivamente centrada nos segmentos de bens de consumo duráveis, bens inter-

mediários e bens de capital, tornou-se muito difícil. Foi-se tornando necessário um elevado e crescente nível de demanda intra-setorial, que só se tornava efetivo

"Temos apenas a lamentar que os seus ensinamentos não tenham sido utilizados, como deviam, para a construção do Brasil dos nossos sonhos: economicamente próspero, tecnologicamente independente, socialmente justo e politicamente autônomo"



com tão altos investimentos que, na prática, significaria viabilizar a transição para o desenvolvimento industrial auto-sustentado.

Aquela tendência à estagnação da economia brasileira nos anos 60, explicada por Furtado, foi contestada por economistas de esquerda, tais como Paul Singer e Francisco de Oliveira. A contra-argumentação foi a de que, naqueles anos, a nossa economia passava por uma fase típica dos ciclos das economias capitalistas. As suas determinações estavam nas próprias condições internas de seu funcionamento. Já não se tratava mais de comportamento cíclico comum às economias de base agroexportadora. A retomada impetuosa da acumulação de capital e do crescimento econômico, nos anos de 1968 a 1973, período do "milagre brasileiro", serviu de argumento ao acerto dessas críticas. Perdeu-se assim de vista, o rigoroso conceito furtadiano daquilo que constitui o desenvolvimento econômico capitalista.

Avançando no entendimento da economia brasileira, Furtado passou a analisá-la à luz da teoria que inter-relaciona o perfil da demanda e a estrutura produtiva, com suas correlatas combinações técnico-materiais de produção. Esse novo e pioneiro enfoque, no âmbito brasileiro, foi fundamental à explicação dos estrangu-

lamentos estruturais do sistema econômico do País e ao encaminhamento de ações no sentido da sua correção, visando a promoção do desenvolvimento econômico.

Segundo linha análoga a desse raciocínio, Maria da Conceição Tavares (1975 e 1978) demonstrou a natureza e as razões da dinâmica da acumulação de capital em curso no País, na época do "milagre". Tratava-se de um processo tendente ao desequilíbrio, autogerado a partir dos grandes impulsos da fase de expansão acelerada que leva à posterior reversão cíclica, e daí à crise. Tavares destacou a atuação do Estado, como reorganizador do sistema financeiro-creditício e administrador de políticas monetárias, fiscais, cambiais, salariais e trabalhistas, no período de 1958 a 1978, desenvolvendo, assim, importante papel na criação das condições próprias à redinamização do processo de acumulação. Nem por isso deixou de ressaltar os equívocos cometidos nessa ação reguladora do Estado, nos seus vários aspectos.

Como se sabe, de 1974 em diante, iniciou-se com o II PND uma agudizada fase de intervenção do Estado na Economia. E lamentável constatar os descaminhos dessa atuação estatal. Sem se pautar por um planejamento global, segundo as proposições de Furtado que apregoam a correção das distorções estruturais da economia, o que se conseguiu foi aprofundar a tendência ao desequilíbrio da dinâmica do seu processo de acumulação de capital. Basta ver a situação de desorganização progressiva da vida sócio-econômica do País, do início dos anos 80 a esta data: falência das finanças públicas em geral, aumento da concentração da riqueza e da renda, gigantismo da dívida social, anacronismo da estrutura fundiária, dependência tecnológica, avanço da urbanização precária, degradação do meio ambiente etc.

Para finalizar, ilustre mestre Celso Furtado, temos que reconhecer que esta Universidade sente-se muito honrada, ao distinguí-lo com o título de Doutor "Honoris Causa". Afinal, todos nos que fazemos a UFPP somos eternos devedores junto ao alentado patrimônio de cultura, inteligência e sabedoria, que caracteriza o conjunto da sua obra. Temos apenas a lamentar que os seus ensinamentos não tenham sido utilizados, como deviam, para a construção do Brasil dos nossos sonhos: economicamente próspero, tecnologicamente independente, socialmente justo e politicamente autônomo. É com certa tristeza e preocupação que cons-

do café gerava um considerável fluxo de sa-lários, isto é, havia dado origem a uma economia de mercado interno. O que importa ter em conta, analisava eu, é que o valor do produto que se destruiu era muito inferior ao montante de renda que se criava. Estávamos, em verdade, construindo as famosas pirâmides que anos depois preconizaria Keynes."

O impacto positivo da política do café nas atividades ligadas ao mercado interno podia ser atestado. Os investimentos continuavam a nível relativamente elevado, e já em 1933 a economia começava a recuperar-se, não obstante esse haja sido o ano em que a depressão alcança o máximo de intensidade nos Estados Unidos. "É perfeitamente claro, opinava eu, que a recuperação da economia brasileira, que se manifesta a partir de 1933, não se deve a nenhum fator externo." A produção de bens de capital (modificada pela ferro, aço e cimento) recomeçava a crescer em 1931, e em 1932 superava em 6% de 1929. E afirmava, enfático: "É de enorme significação o fato de que em 1935 as investições líquidas (medidas a preços constantes) tenham ultrapassado o nível de 1929, quando as importações de bens de capital apenas apresentavam 50% do nível deste último ano!" A conclusão era inescapável: "o mercado interno ascendera à posição de centro dinâmico principal da economia."

Os problemas criados pela propensão ao turrão interno, inclusive a inflação estrutural, são considerados a partir das análises apresentadas em minhas publicações anteriores, concluindo com uma visão prospectiva. O quadro final partia das inter-relações entre os dois centros dinâmicos, o comércio exterior e o mercado interno, no âmbito do plano do comércio exterior, como fator determinante do nível da renda ocorrendo concomitantemente com o aumento de sua influência como elemento estratégico no processo de formação de capital. Com efeito, o conteúdo de dólares da formação de capital permitia afirmar que quando se passa de investimentos em agricultura extensiva para investimentos industriais. Ao mesmo tempo, "o sistema entra numa etapa de intensa assimilação de processos tecnológicos mais complexos, nos quais tem acesso através de um intercâmbio externo."

No Brasil, essas transformações estruturais teriam ocorrido em condições de declínio no coeficiente de importações, o qual teria baixado de cerca de 20% em 1920, para menos de 10%, na metade dos anos 50. Mas, dizia, "se a redução brusca da procura externa já não afeta necessariamente o nível de renda do país, seu efeito na taxa de crescimento é imediato." Disse inferia que "a transformação mais importante durante esse período ocorrerá no terceiro quartel do século xx: será a redução progressiva da importância relativa do setor externo no processo de formação de capital." Só assim seria possível "evitar que os efeitos das flutuações da capacidade para importar se concentrem no processo de formação de capital." E conclui: "É essa uma condição essencial para que a política econômica se permita visar ao duplo objetivo de defesa do nível de emprego e do ritmo de crescimento."

Ao lado dessa transformação estrutural básica, indicava como grande desafio o problema da tendência às disparidades regionais. Chamava a atenção para o fato de que o desenvolvimento em primeira medida do século xx pode ser visto como um processo de articulação de distintas regiões do país em um sistema com um mínimo de integração." A região sulina havia derivado dinamismo da expansão do mercado interno da região cafeeiro-industrial, da mesma forma que o Nordeste se havia baseado em seus excedentes de açúcar, e a região amazônica, os seus de borracha.

Mas essa articulação se fizera com notório aumento das disparidades de níveis regionais de renda. E depois de analisar a complexidade do problema sob vários ângulos, concluiu: "a solução desse problema constituirá, muito provavelmente, uma das preocupações centrais da política econômica no correr dos próximos anos."

Havia, portanto, duas grandes tarefas a enfrentar: completar o processo de industrialização e reverter a tendência às disparidades regionais de nível de vida. Mas não tivemos dúvida: a simples manutenção das taxas históricas de crescimento condenaria o Brasil, no fim do século a persistir como um país "à beira da terra em que maior é a disparidade entre o grau de desenvolvimento e a constelação de recursos potências."

Segundo velha tradição, a biblioteca de Cambridge deve conter todos os livros editados em língua inglesa. Ainda que isso não continue sendo verdade, ela é certamente uma das bibliotecas mais completas que existem, e permite acesso direto às fontes e prateleiras. Há meses de trabalho por toda parte, e as obras estão bem catalogadas. Nessas condições, eu podia consultar um grande número de livros e revistas sobre o tema que me interessavam, em tempo relativamente curto. E ainda havia bibliotecas especializadas, como a Marshall, de economia, cujo núcleo central estava constituído pela biblioteca pessoal do famoso fundador da escola de economia de Cambridge. Nesta última, encontrei um exemplar, autografado por Marshall, do livro de J. P. Wileman, *The Brazilian exchange*, publicado em Buenos Aires em 1896. Wileman trabalhara algum tempo para o governo brasileiro e tivera acesso aos arquivos do Ministério da Fazenda. Com base nas informações que obteve, publicou uma estimativa do balanço de pagamentos do Brasil e fez uma análise da instabilidade do câmbio, a qual se afeiçava à visão convencional da época. O conteúdo do primeiro estudo técnico do comportamento do setor externo de nossa economia. A circulação desde livro fora seguramente muito restrita, pois ele não figurava nas bibliografias de história econômica brasileira.

O tempo de que dispunha não me permitiu levar muito longe esse trabalho de garimpagem nas bibliotecas, mas era tão vasto o horizonte de escolha que decidi limitar minhas referências a chamar expressamente a atenção, adiante das páginas que fossem fontes dos dados que eu estava usando. Era um livro de análise, e não de história, portanto não cabia dar crédito a todos os pesquisadores que haviam escrito contribuições no plano de desdobramentos. O objetivo era avançar uma série de hipóteses interpretativas, aproximando acontecimentos em áreas diversas e tempos distintos, como quem fizesse uma imagem através de seus traços mais característicos.

Entre historiadores, prevalecia a hipótese de que coube à pecuária ligar as distintas áreas que vieram a compor o Brasil. Minha análise levava à conclusão de que esse papel aglutinador coubera à economia do ouro, que pela primeira vez desdobrou-se em duas etapas de forte poder gravitacional, o que transformou as regiões de pecuária em seus satélites. Era na profunda depressão da economia açucareira, no segundo metade do século xviii, que cabia buscar o impulso de desdobramento da economia urbana do século xviii e de sua rápida reversão a padrões de subsistência.

Era no atraso tecnológico de Portugal — em parte devido às facilidades criadas pelo ouro brasileiro — que convinha buscar as causas da rápida diversificação da economia urbana do século xviii e de sua rápida reversão a padrões de subsistência.

Era na rapidez estrutural cimentada pelo bônus escrivido — economia de subsistência que se devia buscar a razão de que uma taxa colheita agrícola e mineira homogeneizada daria origem a uma vasta área de economia subdesenvolvida.

A partir do terceiro quartel do século xx, a taxa de crescimento fora relativamente elevada, mas esta não se devia considerar o resultado de novas terras e da absorção de imigrantes. As rigidez estruturais retardariam, até entrado o século xx, o processo de industrialização.

Para alcançar o atraso acumulado, fazia-se necessário um esforço consistente — me o qual eu não se devia limitar a apontar. Essas hipóteses tinham sentido se apresentadas como um conjunto. Eu assumia a plena responsabilidade de sua formulação."



Em fins de outubro de 1986, o ministro Furtado inaugura, com autoridades municipais e estaduais, o novo Mirante do Atlipalmo do Cabo Branco, na ponta mais oriental das Américas. A obra constituiu o início da implantação do Parque Ecológico do Cabo Branco, na Capital paraibana.

EM DEFESA DA IDENTIDADE CULTURAL

Também na conferência que profetizava em meados de 1987, como ministro da Cultura, expondo seus pontos de vista sobre política cultural — pensamentos que haveriam de nortear sua presença no Ministério da Cultura durante o governo Sarney —, Celso Furtado fez a defesa da identidade cultural brasileira. Leia, aqui, outros trechos do importante pronunciamento, que relaciona Economia, Desenvolvimento e Cultura.

É natural [...] que o desenvolvimento material dos países de economia dependente apresente um custo cultural particularmente grande. As descondições entre o presente e o passado não são apenas frutos de rupturas criativas; mais comumente, refletem a prevalência da lógica da acumulação sobre a coerência do sistema de cultura. Essa a razão pela qual a política cultural é particularmente necessária nas sociedades em que o fluxo de bens culturais possui grande autonomia com respeito ao próprio sistema de valores culturais, cuja coerência é permanentemente submetida à prova.

Dai a importância, entre nós, do conceito de identidade cultural, que enfoca a ideia de manter com nosso passado uma relação enriquecedora do presente. O debate sobre as opções do desenvolvimento, no Brasil, exigira cada vez mais uma reflexão prévia sobre nossa cultura, relacionando a lógica dos fins, que é o ordena, à lógica dos meios, que é a razão instrumental inerente à acumulação. Devemos ter sempre em mente o objetivo de preservar o gênio inventivo da cultura brasileira dentro da assimilação de técnicas que, se aumentam nossa eficiência, são por vezes vetores de valores que podem mutilar nossa identidade cultural. Em síntese, em uma sociedade democrática, na qual se amplia o horizonte de aspirações da cidadania, tornando-se mais complexo o processo de desenvolvimento, já não basta identificar a acumulação; mais importante ainda é abraçá-la à participação e ativar a criatividade, é possibilitar o desenvolvimento cultural partindo do pressuposto da própria identidade e do nutri-se de raízes próprias. Estabelecer nossa identidade nunca foi tarefa fácil. Seria mesmo difícil, como disse Rodrigo Mello Franco de Andrade, ao receber a missão de organizar o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, que um completa seu quinquentenário. A cultura bra-

sileira nasceu marcada por um duplo esforço de adaptação: do homem europeu aos trópicos, e de povos de origens profundamente diversas — ameríndios e africanos — à dominação europeia. Dai o espírito de compromisso, o aparente conformismo que aos estrangeiros se afigura ser o traço mais saliente do brasileiro.

Menos visível na formação da cultura brasileira foi o fato de que os povos oprimidos constituiriam-se naquelas que mais contribuiriam para a configuração do modo de ser brasileiro. Esses povos concentraram toda a sua criatividade em artes que, como a música e a dança, requeriam menor suporte material. Só lhes coube um papel saliente no desenvolvimento da civilização material, já que lhes estava vedado o acesso a formas artísticas que pressupõem a acumulação de riquezas.

No começo dos anos 20, a Semana de Arte Moderna e o Movimento de 22, ainda que marcados por nossa tradicional visão setecentista da cultura, foram um grito de alerta para a necessidade de afirmação de nossa identidade nacional. O negro não passou a substituir o negro idealizado, o índio real, o sílvicola criado pelos indigenistas. O interesse pelos problemas reais do país passou ao primeiro plano das preocupações de intelectuais de prestígio. E se fez mais lúcida a consciência de que brasileiros viviam de costas para nossa herança cultural.

A Semana de Arte Moderna foi sem dúvida o grande gesto de ruptura que encetou uma nova visão de nossa identidade cultural, mas o histórico processo de alienação de nossos elites, de perda de contato com os próprios raízes, de obtenção da identidade cultural explícita da distância que, entre nós, ainda prevalece entre o universo cultural popular e as aspirações das elites. Dai que todos esses fatores histórico-culturais que, de alguma forma, balizam o espaço em que atuamos, têm sido levados em conta pelo atual Governo na definição de sua política cultural.

João Pessoa, 02 de Novembro de 1997

vimento manufatureiro. É verdade que esse acordo somente se tornou viável porque interveio o ouro do Brasil, com o qual pagavam-se as manufaturas inglesas importadas. Mas sua consequência inelutável foi acumular atraso no setor em que se dariam os grandes avanços tecnológicos do século. Houvessem emigrado para o Brasil, os técnicos nos Estados Unidos, pessoas com capacidade técnica para iniciar atividades manufatureiras, e estas seriam surgido e sabido defender-se.

Para compreender a evolução da economia brasileira no século XIX, convinha ter em conta a especificidade das estruturas que se haviam constituído no período colonial. O elemento dinâmico continuava a ser as exportações, e o crescimento se fazia por ocupação de novas terras ou extensão da extração de produtos florestais ou minerais. Quando as exportações entravam em declínio, crescia mais rapidamente o setor de subsistência, no qual se foi acumulando uma massa de mão-de-obra de muito baixa produtividade.

No período compreendido entre a Revolução Americana e as guerras napoleônicas, formou-se uma conjuntura favorável no mercado de produtos primários, o que propiciou uma fase de bonança às áreas com potencial produtivo acumulado em atividades de subsistência ou capacidades para aumentar seu estoque de mão-de-obra importando escravos.

Nesse período, o Maranhão transformouse em importante exportador de algodão e arroz, e o Nordeste se iniciou na exportação de algodão e beneficiou-se de melhores nos preços do açúcar. Com a mudança da conjuntura, nos anos 20, contra-se a renda e parte dos fatores é devolvida às atividades de subsistência. A disponibilidade de terras e a rigidez da estrutura social facilitavam essa reversão. A iniciativa estava totalmente em mãos da classe mercantil, vinculo de união com o exterior, e esta não estava propriamente inserida na sociedade local. Não houve formação de uma burguesia comercial no período colonial, permanecendo as atividades mercantis de algum vulto em mãos de reinóis, situação que se prolongaria durante a primeira fase da Independência. Tudo se passava como se o ritmo da atividade econômica fosse regulado pelas condições climáticas e pelo crescimento vegetativo da população. Aos períodos de vacas gordas se sucediam outros de vacas magras, o tempo econômico permanecendo imóvel, até que intercesse algum fator exógeno, como uma guerra ou o súbito desaparecimento de um concorrente.

Esse imobilismo comportava longos períodos de declínio, como ocorreu na primeira metade do século XIX. Graças à abundância de terras, a população pôde crescer com uma taxa anual de cerca de 1,3%, se bem que o valor em libras esterlinas das exportações aumentasse a um ritmo anual de apenas 0,8%. O incremento das quantidades físicas exportadas foi bem maior, mas a baixa de preços anulou o seu efeito. A situação foi mais grave no Nordeste (inclusive o Maranhão) do que no Centro-Sul, onde começava a firmar-se a produção.

Os efeitos do declínio da renda monetária concentravam-se nas zonas urbanas, o que não terá sido alheio à tranqüilidade social que prevaleceu nesse período de nossa história. A isso cabia acrescentar as dificuldades que se defrontava o governo central, em razão do declínio relativo de suas



Fartado, no Jardim des Plantes, ao lado de sua casa, no Quartier Latin, Paris, em junho de 1995, vendendo-se no fundo o Museu de História Natural

receitas, uma decorrência da baixa da atividade econômica. A principal fonte de recursos do tesouro público — imposto sobre importações — tinha sua alíquota fixada em acordo com a Inglaterra. A saída era recorrer à emissão de papel-moeda, o que acarretava depreciação cambial e elevação dos preços dos bens importados, consumidos nas zonas urbanas, gerando descontentamento social e mesmo sublevações.

Dessa perspectiva ampla do processo histórico, emerge claramente que uma importante mudança de rumo se manifesta pela metade do século, quando expira o acordo com a Inglaterra, termina a importação de escravos e se firma o café como produto de exportação de grandes possibilidades. A diferença do que ocorria com o açúcar, a produção de café requeria modestos investimentos em equipamentos, dependendo-se essencialmente da disponibilidade de mão-de-obra. A primeira fase de expansão, localizada nas terras montanhosas das cercanias da cidade do Rio de Janeiro, prolongando-se na Zona da Mata mineira, beneficiou-se do estoque de mão-de-obra (principalmente escrava) existente nas antigas regiões mineiras e da fase final do tráfico. No início, destarte, o café alimentava-se da decadência da mineração. Desta elite também herdará uma classe empresarial muito mais agil do que a do açúcar. Não houve a separação nítida entre atividade produtiva e comercial que caracterizou a economia do açúcar. Finalmente, a vizinhança da capital do país criou facilidades aos interesses do café para atuar mais eficazmente na esfera política.

Com a subsequente penetração do café no plano paulista, que abriu enormes possibilidades de expansão a seu cultivo, colocou-se de frente o problema da mão-de-obra. Posto que o crescimento era extensivo, demonstrando a rentabilidade do negócio tudo passava a depender da disponibilidade de mão-de-obra. Em realidade, o estudo da economia brasileira na segunda metade do século XIX, quando uma ampla reinserção no comércio internacional se tornou possível, em face de condições favoráveis do lado da demanda, concentra-se no problema da oferta de mão-de-obra possibilidades de transferência do setor de subsistência, mobilidade geográfica, relações de trabalho e acesso às correntes migratórias internacionais.

Durante certo tempo, o avanço da frente cafeeira pôde ser atendido mediante drenagem de mão-de-obra de outras regiões, mas

logo se imporia uma solução mais ampla, que passava necessariamente pela adoção do trabalho assalariado. Dessa forma, coube à expansão cafeeira reinserir o país nas correntes dinâmicas da economia internacional e abrir caminho à implantação definitiva do regime de trabalho assalariado.

Certo, o trabalho escravo poderia ter sido substituído por formas veladas de escravidão, em que o trabalhador é remunerado com o acesso a uma pequena parcela de terra da qual retira magra subsistência. Esse regime, que prevaleceu no Nordeste açucareiro após a escravidão, restringe o fluxo de renda monetária, impedindo a formação do mercado interno. As relações de trabalho que vieram a predominar nas novas regiões cafeeiras asseguravam ao trabalhador manutenção no primeiro ano, terra para lavoura familiar e salário monetário pelas tarefas realizadas no cafezal. Não tendo acesso à propriedade da terra, como foi a regra nos Estados Unidos, quando a imigração europeia se destinava à agricultura, fez-se necessário dar compensações aos imigrantes sob forma de viagem paga pelo governo, sustento inicial pago pelo fazendeiro, e salário monetário assegurado.

Os dados que reuni com respeito à segunda metade do século XIX evidenciam que a renda real do setor exportador tinha quadruplicado, havendo base para afirmar que a renda *per capita* crescera com uma taxa anual média de 1,5%, somado ao fato de que a taxa de crescimento demográfico houvesse subido para 2%. As disparidades geográficas de nível de renda começaram a configurar-se nesse período, porquanto a região nordestina permaneceu estagnada e com escassas mudanças em suas estruturas econômicas, ao passo que no Centro-Sul a renda *per capita* crescia com uma taxa de mais de 2% ao ano, aumentando do consideravelmente o grau de monetização da economia.

A emergência de um importante fluxo de renda monetária sob a forma de salários trazia uma mudança qualitativa na estrutura econômica existente. O antigo binômio economia de exportação-economia de subsistência era substituído por outro: economia de exportação-economia de mercado interno. Os efeitos internos da atividade exportadora, na expansão como na contração, seriam agora muito diferentes. Eu passava a abordar a fase que havia sido objeto de meu estudo de 1949 e que merecera detida atenção em *A economia brasileira*.

A transição para uma economia industri-

al deu-se no quadro da crise do café. As condições ecológicas altamente favoráveis do altiplano paulista haviam permitido ao Brasil, uma vez assegurada uma oferta clássica de mão-de-obra, controlar o mercado mundial desse produto. Após a primeira crise de superprodução no último decênio do século XIX, passou o Estado, com apenas contatos internacionais, a intervir nos mercados para regular os preços. Reduziram-se os lucros dos especuladores no mercado internacional e incrementava-se a renda dos produtores.

Uma tal política exigia como complemento que a expansão dos cafezais fosse disciplinada, o que não era fácil de levar à prática. O produtor beneficiário de um mercado organizado, estava em condições de atrair fatores de outras atividades. Tanto mais que a sobrevalorização cambial, criada pela política de "valorização" do café, reduzia a rentabilidade das demais atividades exportadoras e desestimulava os investimentos em atividades que concorriam com as importações. Assim, tudo favorecia o café.

Tanta vantagem tinha como contrapartida uma tendência à superprodução, cujo efeito negativo se agravavam quando, na grande safra coincida com uma crise de conjuntura nos mercados importadores. Essa conjunção de fatores desfavoráveis produziu por ocasião da Grande Depressão. Assim, a produção de café praticamente dobrou entre 1929 e 1931, em circunstâncias que, no primeiro desses anos, o valor dos estoques do produto sob controle do governo já montava a cerca de 10% da renda nacional. Dados o volume exorbitante de estoques, a perspectiva de grandes safras em razão da expansão desordenada do plantio, e o clima de crise nos países importadores, a política de sustentação de preços veio abaixo. A queda de preços foi brutal e os estoques em dois anos de 22,5 para 8 centavos de dólar por libra-estoque.

Não sendo mais possível obter empréstimos externos para financiar estes empréstimos ao serviço da dívida externa estava praticamente suspenso — o governo viu-se diante da disjuntiva de ter que abandonar a economia cafeeira à sua sorte — o que levaria a uma baixa de preço ainda mais acentuada, ou tratar de sustentá-la apelando para a socialização das perdas. A depreciação cambial de cerca de 40% e uma moratória constituiriam um alívio, mas havia que decidir entre continuar a colher café, sem qualquer possibilidade de venda, ou abandonar parte das plantações.

Sempre preocupado em evitar que os prejuízos se concentrassem no setor cafeeiro, o governo tomou a decisão de comprar café sem limites, financiando os novos estoques com recursos obtidos no país de uma ou outra forma, quando necessário emitindo papel-moeda. A contrapartida dessas medidas consistia em ter que destruir um terço de toda a produção do período 1931-1939, ou seja, cerca de 80 milhões de sacas de sessenta quilos de café. Mas, dizia eu, "ao permitir que colhessem quantidades crescentes de café, estava-se inconscientemente evitando que a renda monetária se contraísse na mesma proporção que o preço unitário que o agricultor recebia por seu produto", e acrescentava: "ao evitar-se uma contração de grandes proporções na renda monetária do setor exportador, reduziam-se proporcionalmente os efeitos do multiplicador de desemprego sobre os demais setores da economia". Uma tal situação somente se produzia porque a economia

tatamos que o vigor dos seus conhecimentos teórico-científicos estejam servindo, um tanto mais, para demonstrar e explicar, com clareza, por que nós brasileiros tornamo-nos, como bem diz a professora Maria da Conceição Tavares, sua brilhante discípula, detentores da população miserável mais moderna do mundo.

BIBLIOGRAFIA

DAVID, Ricardo. *Princípios de Economia Política e de Tributação*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1978.

FREIRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. Rio de Janeiro, Maia e Schimidt Ltda., 1933.

FURTADO, Celso. *A Economia Brasileira: Contribuição à Análise do seu Desenvolvimento*. Rio de Janeiro, Ed. A Noite, 1954.

_____. *Uma Economia Dependente*. Rio de Janeiro, Ed. A Noite, 1956.

_____. *Perspectivas da Economia Brasileira*. Rio de Janeiro, Ed. A Noite, 1958.

_____. *A Operação Nordeste*. Rio de Janeiro, ISEB, 1959.

_____. *Formação Econômica do Brasil*. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1959.

_____. *Desenvolvimento e Subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1961.

_____. *A Pré-Revolução Brasileira*. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1962.

_____. *Dialética do Desenvolvimento*. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1964.

_____. *Subdesenvolvimento e Estagnação na América Latina*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966.

_____. *Teoria e Política do Desenvolvimento Econômico*. São Paulo, Ed. Nacional, 1967.

_____. *Um Projeto para o Brasil*. Rio de Janeiro, Saga, 1968.

_____. *A Economia Latino-Americana*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1969.

_____. *Análise do "Modelo" Brasileiro*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1972.

_____. *A Hegemonia dos Estados Unidos e o Subdesenvolvimento da América Latina*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1973.

_____. *O Mito do Desenvolvimento Econômico*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1974.

_____. *Prefácio à Nova Economia Política*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.

_____. *Criatividade e Dependência na Civilização Industrial*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

_____. *Foguetes: Introdução ao Desenvolvimento, um Enfoque Interdisciplinar*. São Paulo, CIA Ed. Nacional, 1979.

_____. *O Brasil Pós-"Milagre"*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.

_____. *A Nova Dependência: dívida externa e monetarismo*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.

_____. *Não à recessão e ao desemprego*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

_____. *"Auto-Retrato Intelectual"*. In OLIVEIRA, FRANCISCO de (Org.). *Coletânea* e

FERNANDES, Florestan (Coord.). *Celso Furtado*. São Paulo, Atica, 1983.

_____. *Cultura e Desenvolvimento em Época de Crise*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.

_____. *A Fantasia Organizada: Uma Crônica do Intervencionismo*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.

_____. *Transformação e Crise na Economia Mundial*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

_____. *Os Anos do Mundo* (1987). Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

_____. *A Fantasia Desfeita*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989.

GITDIN, *Uma Política de Desenvolvimento Econômico para o Nordeste*. Rio de Janeiro, Dpto. de Imprensa Nacional, 1959.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro, José Olympo, 1948 (1ª Ed. em 1936).

KEYNES, John Maynard. *Teoria Geral do Emprego, do Juro e do Dinheiro*. Lisboa, Ed. Fundo de Cultura, 1970.

MANTEGA, Guido. *A Economia Política Brasileira*. 2ª ed. São Paulo, Vozes, 1984.

MARX, Karl. *O Capital. Crítica da Economia Política*. Livros 1, 2 e 3. São Paulo, Abril Cultural, 1983.

MELO, J. M. C. *O Capitalismo Tardio*. 2ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1982.

OLIVEIRA, F. *A Economia Brasileira. Crítica à razão dualista*. In: *Estudos CEBRAP*, n.º 2, 1972, pp. 3-82.

_____. *A Economia da Dependência Imperfeita*. Rio de Janeiro, Graal, 1977.

PRADO JUNIOR, Caio. *Evolução Política do Brasil*. 4ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1982 (1ª Ed. em 1933).

_____. *História Econômica do Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1982 (1ª Ed. em 1946).

SARTRE, Jean-Paul. *Questão de Método*. In: *Os Pensadores*. São Paulo, Abril Cultural, 1984.

SCHUMPETER, J. A. *Teoria do Desenvolvimento Econômico*. São Paulo, Abril Cultural, 1982.

SIMONSEN, Roberto C. *História Econômica do Brasil*. São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1945.

_____. *Evolução Industrial do Brasil e outros Estudos*. São Paulo, Ed. Nacional e Ed. da USP, 1973.

SINGER, P. *A Crise do "Milagre"*. *Interpretação Crítica da Economia Brasileira*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.

SMITH, Adam. *Inquirição sobre a Natureza e as Causas da Riqueza das Nações*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1981.

TAVARES, M.ª da Conceição. *Acumulação de capitais e industrialização no Brasil*. Tese de Livre Docência. Rio de Janeiro, 1975, (mimeo).

_____. *Ciclo e crise - O movimento recente da industrialização brasileira*. Rio de Janeiro, 1978, (mimeo).

_____. *Da Substituição de Importações ao Capitalismo Financeiro*. 7ª ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.



Ao lado do Governador José Maranhão e outras autoridades, Celso Furtado ouve concerto da Sinfônica Jovem da UFPA, em sua homenagem

CELSO, CIDADÃO DO MUNDO

Nonato Guedes

da História desta Terra Brasileira.

Há quem não entenda ou não aceite a universalidade de certos personagens — como a de Celso Furtado, por exemplo. E, no entanto, esses personagens universais extrapolam, de fato, o berço de origem. Alcançam um estágio em que nem se pertencem na sua individualidade nem nas suas raízes inatas. Estão além-fronteiras. São cidadãos do mundo, por mérito ou indiscutível talento e competência, embora não reneguem suas ligações atávicas. Quando perguntavam a Silvio Porto, expressão da inteligência paraibana, quais suas mecas preferidas, ele respondia: "Paris ou Guarabira". Eram seus extremos de referência.

O agrément internacional veio com suas passagens por Sorbonne, onde deixou cadeira para jovens revolucionários como Cohn-Bendit, influenciando indiretamente em episódios históricos como o Maio de 68 em Paris, ou transmitindo lições em outros países que o requisitaram como homenagem ao seu concurso privilegiado na interpretação e no desideratum de fatos que estavam em gestação. Sem nunca perder o elo com o Brasil, voltou na condição de ministro da Cultura, para emprestar suas luzes à escuridão que ainda pontificava em alguns segmentos da Sociedade, apesar dos avanços democráticos já conquistados ou obtidos.

Celso Furtado, evidentemente, tem uma trajetória mais rica e mais abrangente. A pequenina Pombal, no castiço Sertão paraibano, foi seu ponto de partida, sua certidão de nascimento. Mas Celso estava predestinado a vãos maiores. Foi assim que se destacou como um dos teóricos-fundadores da Sudec, ministro do Planejamento do governo Goulart, cassado ilustre e autor consagrado de livros que refletem uma visão crítica, aprofundada e elogável sobre aspectos fundamentais

Celso Furtado, esteja onde estiver, orgulha a Paraíba. Porque, além do reconhecimento intelectual, é preciso curvar-se à sua integridade pessoal e à sua sensibilidade aguda para com a exegese da nossa realidade e o oferecimento de alternativas para que o Brasil alcance um estágio mais promissor em relação às suas potencialidades. Universal, por que não? Não sejamos egoístas com quem tem fôsto de sobra para reparar com o Mundo.

Nonato Guedes é jornalista.



Brasília, 1985: Celso conversa com Fernando Henrique Cardoso, Pierre Gervaiseux e Violeta Arraes



Julho de 1979: Furtado revisita, numa das ruas de Pombal, PB, a casa em que nasceu. O imóvel já estava reformado, quando dessa visita.

UM NOVO ARTIGO DE CELSO FURTADO O IMPERATIVO TECNOLÓGICO E AS DESIGUALDADES SOCIAIS

Celso Furtado

Assistimos neste fim de século a adoção generalizada da tese de que o processo de globalização dos mercados há de se impor no mundo todo, independentemente da política que este ou aquele país venha a seguir. É como se se tratasse de um *imperativo tecnológico*, semelhante ao que comandou o processo de industrialização que moldou a sociedade moderna nos dois últimos séculos.

Ora, o imbricamento dos mercados e o subsequente desmoronamento dos atuais sistemas estatais que enquadram as atividades econômicas estão gerando importantes mudanças estruturais que se traduzem por crescente concentração da renda e por formas de exclusão social que se manifestam em todos os países. Essas consequências negativas, há mesmo quem chegue a apresentá-las como pre-condições de uma nova forma de crescimento econômico cujos contornos ainda não estão definidos.

Em outras palavras, neste fim de século o crescimento econômico teria imperativamente como contrapartida o nascimento de uma nova forma de organização social. Pode-se enxergar nessa observação simples uma ameaça ou um desafio. Quando nada, o prenúncio de uma era de transição, e mesmo de incerteza.

Se refletirmos sobre a primeira revolução industrial, verificamos que ela também criou desemprego, muito em especial no setor agrícola, o qual empregava tradicionalmente mais de dois terços da massa trabalhadora. Ora, o desenvolvimento só é efetivo se a economia pode contar com mercados em expansão. Portanto, caberia explicar de que maneira os mercados se ampliaram no quadro de uma revolução tecnológica que iria gerar a retração da demanda de mão-de-obra e da renda da massa dos trabalhadores.

Sabemos que num primeiro período as empresas dos países que lideravam a revolução industrial forçaram a abertura dos mercados externos, o que explica a ofensiva imperialista que prosseguiu durante o século XIX.

Contudo, o verdadeiro motor desse crescimento econômico não foi tanto o dinamismo das exportações, e sim a expansão dos mercados internos, possibilitada pelo aumento do poder de compra do conjunto da população assalariada.

Por isso é que, para entender a lógica

Entre 27 e 28 de fevereiro de 1997, realizou-se na Universidade de Paris, em colaboração com a UNESCO, o Seminário "O desenvolvimento: o que é?" sobre a obra de Celso Furtado, com a presença de mais de uma dezena de especialistas de diversos países, entre eles o professor Ignacy Sachs, da Maison des Sciences de l'Homme, o historiador Immanuel Wallerstein, do Instituto Fernand Braudel, o embaixador Rubens Ricupero, diretor-geral da UNCTAD, os economistas Francisco de Oliveira, Antônio Barros de Castro e João Manuel Cardoso de Mello, os historiadores Frédéric Mauro, Luiz Felipe de Alencastro e Kátia Queiroz Mattoso et alii. Na sessão de abertura, Celso Furtado proferiu a seguinte conferência:

da civilização industrial, deve-se antes de mais nada encontrar uma explicação para o processo de aumento do poder de compra da população, ou seja, para a expansão da massa dos salários.

Ora, tal explicação ultrapassa necessariamente o quadro da análise econômica convencional, dado que a repartição da renda é comandada por fatores de natureza institucional e política.

Com efeito, se a lógica dos mercados tivesse prevalecido sem restrições, tudo leva a crer que a internacionalização das atividades econômicas (o processo de globalização) teria se propagado muito mais cedo, reproduzindo, numa versão ampliada, a experiência da Inglaterra, onde a participação do comércio externo na renda nacional ultrapassou 50 por cento já nos anos 70 do século passado. Dai resultaria uma menor concentração geográfica das atividades industriais, favorecendo os países da periferia. Além do mais, seria de esperar que houvesse uma concentração social da renda ainda mais forte nos países que lideravam a revolução industrial.

Mas a História não seguiu esse modelo. O que prevaleceu na verdade foram a maior concentração geográfica das atividades industriais em benefício dos países do Centro e uma repartição de renda mais igualitária nesses mesmos países — os quais comandavam a vanguarda tecnológica —, sobretudo naqueles que adotaram políticas de proteção social.

Encontramos a explicação desse quadro histórico na emergência das novas forças sociais que nasceram simultâneas ao processo de urbanização gerado pela industrialização. A evolução do sistema de poder, consequência da ação dos trabalhadores organizados, acarretou a elevação dos salários reais e impôs aos governos políticas protecionistas para defender seus respectivos mercados internos. Dessa forma, a partir de então o motor do

crescimento foi a ampliação do mercado interno, as exportações só contribuindo de maneira subsidiária. O aumento do poder de compra da massa dos trabalhadores desempenhou, portanto, um papel primordial no processo de desenvolvimento, ao qual só foi comparável o da inovação técnica. O dinamismo da economia capitalista derivou, assim, da interação de dois processos: de um lado, a inovação técnica — a qual se traduz em elevação da produtividade e em redução da demanda de mão-de-obra —, de outro, a expansão do mercado — que cresce junto com a massa dos salários. O peso do primeiro desses fatores (a inovação técnica) depende da ação dos empresários em seus esforços de maximização de lucros, ao passo que o peso do segundo (a expansão do mercado) reflete a pressão das forças sociais que lutam pela elevação de seus salários.

O processo atual de globalização a que assistimos desarticula a ação sinérgica dessas forças que garantiram no passado o dinamismo dos sistemas econômicos nacionais. Quanto mais as empresas se globalizam, quanto mais escapam da ação reguladora do Estado, mais tendem a se apoiar nos mercados externos para crescer.

Ao mesmo tempo, as iniciativas dos

empresários tendem a fugir do controle das instâncias políticas. Voltamos assim ao modelo do capitalismo original, cuja dinâmica se baseava nas exportações e nos investimentos no estrangeiro.

Em suma, o tripé que sustentou o sistema de poder dos Estados nacionais está evidentemente abalado, em prejuízo das massas trabalhadoras organizadas e em proveito das empresas que controlam as inovações tecnológicas. Já não existe o equilíbrio garantido no passado pela ação reguladora do poder público. Disso resulta a baixa da participação dos assalariados na renda nacional de todos os países, inclusive em países como os Estados Unidos, cuja economia mantém-se em crescimento.

É muito possível que o capitalismo tenha entrado numa fase de penetração intensa em regiões do planeta até então relegadas ao segundo plano, e isso estaria acontecendo em detrimento dos países que por muito tempo formaram a vanguarda do processo de industrialização. Tal reconversão começou com o fim da corrida aos armamentos que durante o meio século da guerra fria gerou um fantástico desperdício de recursos, ao mesmo tempo em que assegurou um alto nível de demanda efetiva e financiamentos públicos para os investimentos em tecnologia.

Concluindo, é provável que alguns decênios devam se passar antes do que o sistema capitalista possa recuperar seu dinamismo, isto é, voltar às taxas de criação de emprego dos anos 1940-1970, e retomar o esforço de redução das desigualdades sociais, em particular nas economias periféricas.

Resta saber como se apresentará o recorte político de um mundo em que as grandes empresas que controlam a criação das novas técnicas são a força dominante.



Ouro Preto, MG, 1984: Furtado, com Darcy Ribeiro e Tancredo Neves

A HISTÓRIA DA SÍNTASE DA FANTASIA ORGANIZADA

"Ao sair do Rio, um editor insistira comigo em republicar *A economia brasileira*, cuja primeira edição fora financiada por mim mesmo e tivera escassa circulação. Neguei a autorização, pois considerava o livro uma obra de circunstância, repleto de coisas heurísticas, mais prometi que consideraria a hipótese de reescrevê-lo, destacando a parte sobre o Brasil para publicação autônoma. O avião do Panair em que viajei para Londres teve um acidente ao baixar em Recife, onde fazia escala, obrigando-me a permanecer dois dias nessa cidade. Perambulando pelas ruas para ver os locais que eu freqüentava quando era aluno do Ginásio Fernambucano, fui levado na velha lruvia Imperatriz. Entre os livros que adquiri, estava uma reedição recente da *História econômica do Brasil*, de Roberto Simonsen, que eu havia lido dez anos antes. Folheando esse livro e detendo-me na massa de informação quantitativa que contém sobre o período colonial, veio-me à ideia de elaborar o plano de um modelo da economia do açúcar a meados do século XVII. Foi dessa ideia que surgiu o *Formação econômica do Brasil*, redigida entre novembro de 1957 e fevereiro de 1958, nas "sobras de tempo" que ia furçando ao final do debate teórico. O método era o mesmo que utilizava em trabalhos anteriores: aproximar a História (visão global) da análise econômica, extrair desta perguntas precisas e obter respostas para as mesmas na História.

Diante de um tema tão vasto como era a formação da economia brasileira, sabia que seria difícil manter o mesmo nível de abstração ou grau de generalidade, razão pela qual inclinei-me a pintar um vasto aforro, onde cada segmento estruturado teria o valor de uma sugestão, de um convite para que o leitor continuasse pensando com sua própria cabeça. O importante era estimular outras pessoas a aprofundarem a investigação. O livro seria uma coleção de hipóteses com demonstrações apenas iniciadas ou sugeridas. Os detalhes historiográficos seriam praticamente omitidos, para que o leitor captasse facilmente o movimento no tempo do conjunto observado.

Esse aforro teria que desbordar as fronteiras do Brasil, dando que a economia brasileira surgiria como projeção da grande expansão comercial da Europa no século XVI. A primeira pergunta que fazia, partindo da economia para a história, era a seguinte: "Como foi possível financiar a ocupação inicial das terras que viriam a formar o Brasil?". Algum dinheiro teria saído dos negócios das Índias, mas por esse caminho não se chegaria muito longe. Sabia-se que descoberto um tesouro pelos portugueses havia despertado enorme cobiça na Europa, e que, sem fixar-se na terra, não era possível preservá-la. O Brasil fora a primeira exploração agrícola rentável da América, e era por esse lado que cabia buscar resposta à pergunta. Passei então a estudar as razões do êxito da produção de açúcar, o que me levou a observar a capacidade de trabalho necessário, e o comportamento do mercado do produto, em particular as razões de sua formidável expansão.

O açúcar era refinado e comercializado fora de Portugal, o que trazia para a cena os holandeses, sem cuja cooperação a empresa portuguesa não poderia ter tido êxito. A ocu-

ção de Portugal pela Espanha, em 1580, projetaria no Brasil os efeitos da guerra imperial do século XVII, inscrevendo-se ali a ocupação por um quarto de século das terras açucareiras brasileiras pelos batavos, a expulsão destes e a subsequente instalação por eles de uma economia açucareira rival nas Antilhas. A baixa de preços do açúcar, que se inicia na segunda metade do século XVII e se prolonga pelo século seguinte, decorria, portanto, de modificações profundas na estrutura global do sistema.

Dentro desse amplo quadro é que tomara corpo a realidade brasileira. Na biblioteca de Cambridge, encontrara todo o material de que necessitava para montar essa primeira parte do aforro. Mas, qual a natureza dessa realidade social em formação? A diferença das regiões da América onde a presença espanhola se acentuou em sociedades preexistentes, que passariam a ser bruta e exploradas, e das futuras colônias de povoamento, financiadas pelos governos com fins políticos, a empresa açucareira foi ali mesmo a matriz de uma ordem social nova: atrau artesãos da Europa, adquiriu mão-de-obra indígena, caçada em outras áreas, importou em grande escala escravos da África.

Cabia observar em detalhe essas organizações sociais formadas em torno de uma matriz econômica. O ponto de partida era uma economia altamente especializada, mas onde era insignificante o pagamento a fatores de produção, posto que estes, em sua quase totalidade — equipamento, terras, e o essencial da mão-de-obra —, pertenciam ao mesmo dono. A força indutiva interna dessa economia não era muito poderosa, mas ainda assim ela necessitava de obter de seu *hinterland* animais de transporte, de tração, de corte, lenha para as caldeiras, para citar o mais importante. Tera que haver, por conseguinte, um subsistema satelite, e são as relações entre os dois que permitem captar a lógica do todo.

Na fase monopolista de altos preços, a rentabilidade da economia açucareira era muito elevada, e sua expansão, rápida. Se esta não conduziu à barba de preços, foi porque o mercado cresceu fortemente, e também porque a fase produtiva devia ser regulada a partir do setor comercial. Com a baixa de preços do período da concorrência internacional, reduziu-se consideravelmente a rentabilidade, mas, sendo ínfimo o pagamento a fatores, a oferta permania inelástica. Posto que a quase totalidade dos custos eram fixos, reduzir a produção não proporcionava economias. Contudo, em tais circunstâncias, descuidava-se a reposição dos equipamentos e do estoque de escravos, o que levava muitas unidades produtivas a desagregar-se.



Celso, em setembro de 1979, diante da casa em que morou, em Cambridge, Inglaterra, durante os anos de 1957-58, quando escreveu *Formação Econômica do Brasil*

O que restava dessa desagregação era absorvido pelo sistema do *hinterland*, graças à abundância de terras.

As relações entre os dois subsistemas apresentariam grande rigidez estrutural ao conjunto. Nas fases de declínio do setor exportador, expandia-se a atividade de subsistência no *hinterland* pecuário, que operava como amortecedor dos choques externos. Assim, declinava a produtividade média do conjunto, sem que isso gerasse tensões significativas. De forma simétrica, melhoravam-se as condições externas, reativava-se e senta a alta produtividade, o qual podia retornar os seus investimentos, importando equipamentos e escravos. Essa rigidez estrutural e resistência às crises seria o traço marcante da economia do açúcar.

O quadro internacional terá que ser considerado na segunda metade do século XVII. O domínio espanhol não acarretaria a ocupação holandesa, apagada a linha de Tordesilhas, com a junção das duas coras, os portugueses se habilitaram a avançar para o Norte, o Sul e o Oeste, e reconquistada a independência, protegeram-se com a doutrina do *uti possidetis*. A experiência adquirida pelos setecentistas na caça aos índios seria a ponta-de-lança na busca de metais preciosos,

intensificada na fase de dificuldades criadas pela baixa do preço do açúcar. Nesse quadro, dá-se a grande expansão territorial: ocupação da Amazônia e de toda a margem oriental do rio Uruguai. Assim, tanto a pressão para fazer recuar o meridiano, como o esforço para descobrir metais preciosos (vieram então à tona a metrópole para ajudar os setecentistas) não se explicam sem ter em conta as grandes dificuldades encontradas na segunda metade do século XVII.

A economia mineira, que nasce com o século XVIII, traz profundas modificações aos fatores demográfico e na distribuição geográfica da população. Esta, até então principalmente africana, vem a partir do grande fluxo imigratório provocado pela corrida do ouro, crescentemente de origem europeia.

Ainda que baseada no trabalho escravo, a economia do ouro gerava um considerável fluxo de renda monetária. A dimensão de seu mercado interno pode ser aferida pelo grau de urbanização. E graças a esse núcleo de mercado interno, para onde aflui a produção de outras regiões, começa a formar-se a matriz de uma economia nacional. O gado, principalmente o muar — base de toda a infra-estrutura de transporte continental —, era exportado em grande escala das províncias do Sul para a região de mineração, o mesmo ocorrendo aos excedentes criatórios do Nordeste. Por outro lado, a elevação do preço dos escravos, provocada pela demanda de mão-de-obra nas regiões mineiras, aumenta os custos de produção nas áreas açucareiras, precipitando o declínio destas.

Ao concluir-se o século XVIII, com uma população que superava os três milhões de habitantes, o Brasil já era mais do que uma constelação de pequenos núcleos de povoamento: suas principais áreas já haviam alcançado um mínimo de articulação, estando unidas por algo mais do que o sistema de dominação comum. Contudo, as atividades econômicas não haviam conhecido nenhuma evolução no sentido de diferenciarem-se e gerar autopulsão. O crescimento era estritamente extensivo. Se bem o fluxo monetário fosse maior na economia do ouro, o comportamento desta era essencialmente o mesmo do da economia do açúcar, dependiam de um fator exógeno para expandir-se. Ademais, sendo pequena a participação do capital fixo na produção de ouro (não contada a mão-de-obra escrava), ao declinar esta em determinada região o conjunto da economia se contraiu rapidamente, a diferença do que acontecia no açúcar na fase mais baixa do preço do produto.

A isso se deve que a transformação da economia mineira em atividade de subsistência haja sido bem mais complexa. Contudo, a economia de subsistência seria neste caso graças ao desenvolvimento urbano anteriormente alcançado. A tese de que as atividades manufatureiras poderiam ter avançado mais nessas áreas, evitando um declínio tão forte da renda monetária, é correta, embora não se possa aceitar a explicação de que o atraso se deveu ao édito real proibindo a instalação de manufaturas na colônia. A causa principal, muito provavelmente, terá sido o próprio atraso de Portugal nesse setor. Pel acordo de 1703 com a Inglaterra, Portugal havia praticamente renunciado ao desenvol-

"CELSO TEM MUITA IMAGINAÇÃO PARA SER ECONOMISTA"

o Muro de Berlim. Tivimos que reformular todos os escritos, mas saiu um bom trabalho. O relatório definiu os problemas e demonstrou a necessidade de solidariedade entre os países do Sul. O mundo está dividido entre pobres e ricos e não há conciliação possível se não houver conjugação de esforços. Isso de contar com a piedade dos outros não leva a nada. Foi um trabalho interessante.

A outra Comissão de que participei, também muito interessante, foi a de Cultura e Desenvolvimento. Esta é mais ambiciosa, em termos de posição global. Demonstrou que, na verdade, o desenvolvimento econômico não resolveu os problemas do homem: é preciso fomentar, preservar os valores culturais próprios. Todas as culturas devem ser desenvolvidas. O homem é muito mais que sua dimensão material. A verdadeira riqueza é o verdadeiro patrimônio da Humanidade: são seus valores culturais. Vem a ideia de democracia, criada pelos gregos, que tem tanta dificuldade de virar. Hoje o consenso mundial que o sistema democrático é realmente a única forma de permitir que a cultura humana se expresse. Esta foi uma bela Comissão.

A terceira é esta de Bioética, que está ligada à questão de fazer frente à clonagem. Ai temos uma temática completamente nova. A pesquisa científica tem uma compulsão de ser autônoma e de não se subordinar a nenhum critério, de trabalhar para lucros. E não se podem alcançar lucros matando crianças em experimentações. Esta Comissão trata, fundamentalmente, de criar sistemas de defesas para proteger o homem no que ele tem de mais nobre, que são seus valores morais e culturais.

Or, é autor de 31 livros, traduzidos no mundo inteiro, entre eles, o clássico Formação econômica do Brasil, assim como de livros sobre a América Latina. Suas últimas obras foram biográficas. Or, tem algum projeto editorial em mente?

R. Estou organizando, com o apoio total da Rosa, edições de bolso dos minhas obras de caráter autobiográfico. São três livros: *A fantasia organizada*, *A fantasia desfeita* e *Os anos do mundo*, mais os ensaios *Autobiográficos*, entre os quais foi escrito o pedido da Unesco e que é uma gênese de como cheguei às minhas ideias. E, *Leitão na laje*, vamos reditar também meus contos, que são de caráter autobiográfico, nos quais passo a estar referindo-me a mim mesmo, mas a um amigo, algum conhecido.

São inéditos esses contos?

R. São praticamente inéditos por circunstâncias epaciais. Eu os escrevi em 1945, quando voltei da guerra. O livro foi editado por Zélio Valverde, no ano seguinte, e a edição foi paga por mim. Os contos tiveram boa aceitação por parte de críticos como Elios Pontes e Ayres da Matta Machado. Quando fui estudar na França, destaquei-me um pouco do assunto. Voltei, que também me meu distribuidor, falto. Talvez a impressão de que o livro chegou a vender uns 200 exemplares. Recebi em Paris uma carta de Valverde, comunicando-me que,

em razão da falência, o estoque de livros estava num depósito. Conversei com meu pai e ele me sugeriu montar os livros para o escritório dele, onde havia um porão grande. E isso foi feito. Ao chegar da Europa, não sabia o que fazer com os livros e, então, pedi a um faveiro para queimar os, destruí-los ou vendê-los como papel velho.

Eu sonhava em ser um romancista, um ficcionista, fiz vários projetos de novelas e romances. Mas minha opção dirigiu-se, em certo momento, para o trabalho intelectual acadêmico. Quando encontrei espaço para pensar com originalidade na economia, fiquei totalmente ocupado com isso. Num dos meus livros, aliás, conto um interessante fato pelo professor Gudin, uma grande figura da economia no Brasil, a meu respeito. Levando um trabalho meu, ele disse: "Celso tem demasiada imaginação para ser um economista". Foi o maior elogio que me fizeram porque a imaginação é a qualidade mais rara. A criatividade pura se manifesta na imaginação. O importante é discipliná-la, canalizá-la e usá-la bem. Eu encontrei uma maneira de canalizar minha imaginação de forma frutífera e construtiva na economia, na análise social.

A História demonstra que o homem é um fator de transformação do mundo. O mundo se transforma, em grande parte, pela ação humana. Esta é a criatividade humana: a capacidade de transformar o mundo. E isso que me faz uma pessoa otimista. O homem tem recursos para enfrentar os problemas porque tem imaginação. Ele transforma a dificuldade em desafio e o desafio em coragem, outro ingrediente essencial do homem. Porque se não tem coragem, não utiliza suas potencialidades. Com coragem, acaba o processo e, ao acatando, põe em marcha o novo de transformação do mundo. O mundo é transformado por uma racionalidade, uma inteligência que abarca tudo. O homem é uma figura extraordinária, de uma riqueza fantástica. Ele se diferencia da natureza porque tem um projeto de transformação do mundo. A transformação é feita por ação intencional do homem.

Como o sr. vê o atual processo de globalização?

R. É um desafio. Existe uma processo de interdependência dos sistemas econômicos e é isso que se chama globalização. Ela decorre da própria orientação da tecnologia moderna, que tende a se universalizar. Existe essa força transformadora, e preciso vê-la como positiva, mas envolve risos. Portanto, é preciso usar essa força em benefício de seu próprio projeto, saber o que fazer, como tirar partido e participar positivamente. Não podemos considerar apenas as consequências negativas que decorrem, em grande parte, de uma incapacidade de ação autônoma. É evidente que, com a globalização, os indivíduos que são tradicionais não têm mais papel. O papel de Estado passa a ser diferente. Mas é fundamental ter uma política, sendo é suicídio. Se um país for a reboucar da globalização, sem trilhar o caminho, provavelmente, desvirtuado como Estado nacional, como muitos já foram.

Agosto de 1991: uma pose na praia de Tambá, tendo ao fundo o pontal do Cabo Branco



Em outubro de 1986, o ministro Celso Furtado visita mais uma vez sua cidade natal — pequeno município de Pombal, sertões da Paraíba

MUNICIPAL DE P UM POMBALENSE EM SORBONNE

Anuário Vasconcelos

A História da Inteligência Brasileira, de Wilson Martins, antecipada de *Capítulos da História Colonial*, de Capistrano de Abreu, de *Os Serões*, de Euclides da Cunha, de *Coza Grande e Sentado*, de Gilberto Freyre, de *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, de *A Cultura Brasileira*, de Fernando de Azevedo, e de *Formação Econômica do Brasil*, de Celso Furtado, são pilastras mestras do pensamento da nacionalidade.

São eles os arquetipos desta misteriosa aculturação, que nos veio desde a origem colonial até os dias da cibernetica, de vãos de espaçoes, dos milagres das ciências em todos os matizes. No campo econômico e em sua aplicação ao desenvolvimento, a Nação muito deve a um parabaense, a um pombalense, ao filho de Pombal, PB, Celso Furtado, mormente nos trinta últimos anos, como teorista e planejador, estudioso de todos os problemas, de todos os caminhos para o progresso e modernização — e não só dos países da Latino-América, entre estes principalmente o seu Brasil, mas até de países europeus.

Personalidade universal, preso a suas ideologias marxistas, viveu a época do Plano Marshall e vive a atual fase, marcada pelo neoliberalismo. Arrostou perseguições ainda quando o Capitalismo e o Comunismo deixavam o Mundo ao sabor da Guerra Fria.

Planejador da Economia brasileira, articulado entre outros da academia, vive-se hamido de seu País, obrigado a professar em democracias de Estados que necessitavam de seu saber, ele que é genial nesta ciência que define rúms e modifica estruturas no processo civilizatório.

Autor em instituições de relevo, relator e elaborador de planos de desenvolvimento, criador de teorias respeitadas e seguidas, vivenciou perseguição em sua terra e incompreensão nacionalista, embora engrandecido e usa-

fruido no além-mar.

Esta pequena nota vem a propósito de um depoimento que presto com grande orgulho de brasilidade, perante tão destacado conterrâneo.

Encontrei-me em Sorbonne, em rápido curso sobre Direito de Família, ao lado, entre outros brasileiros, de Betrand, de Castro e Hermany Baita (então presidente da Ordem dos Advogados do Brasil), quando — saindo da Sala Voltaire, onde recebera aula do afamado Dr. Jean Plantin, mais tarde advogado de Cristina Olanis e Diretor da Faculdade de Direito daquela Universidade, não sei — aqui hoje — encontro uma outra sala, junto a cuja porta se aglomeram muitas pessoas, certamente estudantes, em torno de mais uma centena de ouvintes, isto já na área externa, no próprio pátio.

Curioso, aproximei-me e soube que ali, no momento, estava em andamento uma aula de Celso Furtado, ao tempo realmente ligado àquela instituição universal como professor agregado, e tendo por audiência, sempre, um grande número de atentos e curiosos alunos extras. Meu barismo se exacerbou.

Assim aporá — numa das mais afamadas e tradicionais Universidades do Mundo — o brasileiro Celso Furtado, o qual, agora, com méritos comprovados, ingressou na Casa de Machado de Assis, na Academia Brasileira de Letras, no Petit Trianon, repellido para nós a glória das anteriores imortalidades de Pereira da Silva, Lyra Tavares, Assis Chateaubriand, José Américo de Almeida, José Lins do Rego e Ariano Suassuna.

Esta forma, pouco dizer que ouvi Pombal, a pequena cidade de Pombal, sendo ovidio pátrio, na pessoa do liciano de farda modesta, Celso Furtado, que alcança hoje a consagração de acadêmico.

Anuário Vasconcelos é acadêmico e integrante das Academias Companhas de Letras.

A PASSAGEM PELO MINISTÉRIO DA CULTURA

Angelo Oswaldo
de Araújo Santos

A presença de Celso Furtado a frente do Ministério da Cultura, por quase três anos (1986-1988) foi decisiva para a experimentação e fruição dos caminhos seguros pelos quais evolui a necessária participação do poder público na vida cultural do país.

Vale recordar que não poucos se assustaram com o anúncio do nome do futuro titular da pasta, naquele início de 1986, quando as expectativas giravam em torno de um programa econômico que acabaria sendo lançado pelo presidente José Sarney, em fins de fevereiro, o Plano Cruzado.

A fama internacional do economista, criador do Ministério do Planejamento, no governo João Goulart, era uma espécie de bônus. Impedia que as pessoas vissem, coexistindo no cientista econômico, o intelectual, o humanista, o escritor, o homem de cultura, o intérprete sensível das realidades do país e do Terceiro Mundo.

Se o governo buscava um plano econômico, procurava também um projeto cultural. O ministério havia sido criado em março de 1985 e ainda não desenhara seu perfil, ofuscado por uma série de dúvidas, a começar pelo próprio sentido do papel do Estado, após duas décadas de autoritarismo.

O medo da tutela, o risco de monitoramento, o fantasma do intervencionismo promovido pelo autoritarismo, havia sido acalentado pelo presidente desde seu tempo de Senado, quando tentara propor uma legislação de benefícios fiscais para a cultura. E até aquele momento tudo continuava na estaca zero.

Assim, aqueles que perguntavam o que Celso Furtado estaria fazendo na Cultura — seria uma ponte para a Fazenda? — não percebiam, de pronto, a importância e o pioneirismo da missão a que se entregava, depois do longo exílio, o homem de pensamento e ação que a Academia Brasileira re-



O então ministro da Cultura Celso Furtado despachando no Museu Nacional de Belas-Artes. À sua direita, o chefe de Gabinete do Ministério, Angelo Oswaldo de Araújo Santos, e, à sua esquerda, Alcides Mafra, presidente do MNBA. Angelo Oswaldo é o autor do presente artigo, analisando a atuação de Furtado no MinC.

cebe como uma das expressões da cultura do país.

Deixando a representação diplomática do Brasil junto à Comunidade Europeia, para a qual havia sido convidado por Tancred Neves, ele assumiu o Ministério da Cultura como uma das lideranças políticas do grupo ligado a Ulisses Guimarães naquele tempo de transição. Em pouco tempo, Celso Furtado apresentava o projeto de lei para incentivar a produção cultural. Aprovada pelo Congresso, a Lei Sarney foi sancionada no dia 2 de julho de 1986, inaugurando uma era para a cultura brasileira. No governo seguinte, essa legislação seria suprimida, muito mais em função do nome que a conservava do que pelas críticas que a bombardeavam, já que, por sua própria essência, qualquer dos problemas de malversação que porventura ocasionalmente seria antes quei afeta à Receita e à Polícia Federal. A esta lei, iniciativa do então secretário de Cultura, Sérgio Rouanet,

veio a ser a Lei Sarney "estatizante", no seja, um sistema de benefícios fiscais com maior ingerência do ministério nos seus mecanismos de aplicação. Com sua experiência da UNESCO, Furtado concebeu um programa de incentivos que desamarrava autores e produtores culturais e liberava o Estado para as tarefas de fidei. até por imperativo constitucional, não pode se ausentar.

Celso Furtado, cujo nome já garantia a estabilização do ministério, promoveu as atividades culturais o instrumento formal que sempre cercarém. Por outro lado, consolidou a estrutura da pasta, fortalecendo as fundações e racionalizando a administração central, de maneira a dar mais flexibilidade às ações precípuas do Estado. Inibiu a fusão SPHAN-Pró-Memória e reformulou o setor de cinema, de acordo com as aspirações de ambos os setores. Enfatizou, pioneiramente, a dimensão social da cultura, no sentido de sublinhá-la nos mais diferenciados e inesp-

rados campos do desempenho coletivo. Deu brilho à difusão internacional, com destaque para a exposição "Modernidade", no Museu de Arte Moderna da Cidade de Paris.

Viajou pelo país, prestigiou o Fórum Nacional de Secretários de Cultura e paouto o trabalho do ministério na seqüência de reuniões com os segmentos variados. Deu prioridade à ação municipal e à cidade como espaço dinâmico da cultura, ao estimular a exemplaridade dos fatos locais. E colocou a questão do negro e do índio numa dimensão até aquele instante inédita, já que polémicas e controversias vinham tornando o assunto um desafio para a política federal de cultura. Evidenciam, enfim, que cultura não são apenas as belas letras e as belas-artes, mas "tudo aquilo que melhora a qualidade de vida do brasileiro" — como gosta de dizer.

As políticas públicas de cultura encontram na sua gestão uma fonte de idéias, conceitos e atitudes coerentes em favor do desenvolvimento da cidadania e da qualidade de vida, a partir de um eixo transcendente, indispensável ao indivíduo e à sociedade.

Por todo o país, persistem frutos positivos da presença de Celso Furtado na pasta da Cultura, que ele dignificou com sua contribuição singular. Permite-me lembrar, na Paraíba, seu estado natal, projetos aos quais o ministro dedicou especial carinho, por sua força simbólica local, nacional e internacional: o programa de reabilitação do centro histórico de João Pessoa, a antiga Filípia, em cooperação com o governo da Espanha, e a instalação de um projeto museológico no Convento de Santo Antônio, um dos maiores monumentos do patrimônio edificado do Brasil.

Angelo Oswaldo de Araújo Santos, chefe de Gabinete do Ministério da Cultura e titular do SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) na gestão do ministro Celso Furtado.

UMA POLÍTICA CULTURAL COM VISÃO CRÍTICA

Em meados de 1987, como ministro da Cultura, Celso Furtado proferiu conferência em que expôs o pensamento sobre política cultural que norteia sua presença no Ministério da Cultura durante o governo Sarney. Alguns trechos dessa conferência vão a seguir.

É relativamente recente a idéia de política cultural com a abrangência que lhe emprestamos hoje. Seu ponto de partida foi a tomada de consciência de que a qualidade de vida nem sempre melhora com o aumento da riqueza material. Com essa experiência tem demonstrado amplamente que, não obstante a elevação de seu nível de vida material, importantes segmentos da população continuam importando de estados pobres culturais. A acumulação de recursos desmembra, com frequência, em aumento do desperdício de certas faixas de consumo, sem produzir um real enriquecimento da vida.

A reflexão sobre estes temas conduziu a uma visão crítica dos modelos de desenvolvimento que vinham sendo preconizados a partir dos anos 50

Esses modelos fundavam-se na idéia de que, sendo escassos os meios que tinham à sua disposição as sociedades, o critério de máxima eficiência devia prevalecer sobre tudo o mais. Estava implícito, neste raciocínio, que os fins que presidem a ordenação social possuem um comportamento autônomo, com respeito nos meios — comportamento este que refletiria opções realizadas pelos homens em função de suas necessidades naturais, de suas aspirações e idéias. Pouca atenção deu-se, assim, às inter-relações entre fins e meios, no fato é que o controle dos meios por indivíduos, grupos ou países pode conduzir à manipulação dos fins de outros indivíduos, grupos e países.

Or, os fins a que estou me referindo são os valores das coletividades, os sistemas simbólicos que constituem as culturas. Por que não preocupar-se prioritariamente com o significado das coisas, com os anseios que modulam as opções conscientes dos indivíduos, com a lógica dos fins? Se a política de desenvolvimento objetiva crescer a vida dos homens, seu ponto de partida

terá de ser a percepção dos fins, dos objetivos que se propõem alcançar os indivíduos e a comunidade.

Já anteriormente, partindo de outros ângulos de observação, se havia chegado a uma visão crítica dos modelos de desenvolvimento adotados na civilização industrial. E antigo o entendimento de que os processos produtivos dissipam energia, e destroem recursos naturais não renováveis. Mas, o que só tardiamente se chegou a perceber é que o seu custo era termos de valores culturais e paisagísticos também pode ser considerado.

Trata-se de um conceito entre muitos — um exemplo que nos leva a repensar a idéia de desenvolvimento a partir de sua integração com a cultura dos povos. É exatamente a partir do conceito de desenvolvimento que se pode afirmar que o homem é um elemento de transformação, agindo tanto no contexto social e ecológico como sobre si mesmo. Uma vez o equilíbrio destruído, o homem avança no sentido de realizar suas potencialidades. A reflexão sobre o desenvolvimento traz em si mesma uma teoria do ser

humano, uma antropologia filosófica.

É nesse sentido que a cultura deve ser observada, simultaneamente e como um processo acumulativo e também como um sistema, vale dizer, que tem uma coerência e um todo no qual se explica globalmente pelo significado das partes, graças a efeitos de sinergia. Ora, as sociedades que se inseriram no comércio internacional como exportadoras de uns poucos produtos e que, em fase subsequente, conheceram um processo de industrialização com base na substituição de importações, caracterizam-se pelo fato de todo o acúmulo de bens culturais e em grande parte comandado do exterior, em função dos interesses dos grupos que dirigem as transações internacionais a coerência interna do sistema de cultura, em consequência, está submetida a pressões consideráveis. Mostra-se ao pensar de forma disfuncional podem ser formas de comportamento levadas a extremos. Nos países de urbanização podem conduzir à destruição de um patrimônio cultural social. [Ela também outros opiniões de Celso Furtado na Página 25 desta edição.]

HOMENAGEM A JORGE AMADO

Celso Furtado

Quisera as circunstâncias que me caiba ocupar nesta Casa a cadeira de Jorge Amado, o que me cria indistintamente embaraço, pois não sou exatamente aquilo que tradicionalmente se entende por um homem de letras. Jorge Amado é, no meu parecer, o mais ilustre homem de letras brasileiro de minha geração. Certo, a obra de um anônimo homem de letras dirige-se a uma vasta gama de leitores, e não apenas a especialistas em literatura. As considerações que aqui faço são de um leitor sem maiores pretensões, que durante meio século acompanhou a montagem desse formidável afresco da sociedade nordestina que são os seus livros, nos quais tanto aprendemos sobre o que somos e como somos.

Os livros de Jorge Amado, e não apenas os do ciclo ligado ao avanço da fronteira caueira no sul da Bahia, tiveram para mim um papel formativo, permitindo-me captar o que é específico em nossa sociedade na qual sobressaem o sincretismo religioso, a complexidade das relações raciais e a importância do quadro ecológico e das matrizes de dominação social implantadas no período colonial. Tal profunda foi a impressão que me deixou a leitura de muitas de suas páginas, que delas me utilizei com frequência para fazer compreender a formação das estruturas básicas de nosso mundo rural em cursos que ministrei em universidades nos Estados Unidos e na França. A leitura de obras como *Suor, Cacau*, e também *Gabriela*, me parecia de maior alcance como ilustração dos processos acumulativos que estão na base da construção de nossa sociedade do que as referências bibliográficas habituais.

A visão da realidade com que trabalhamos nas ciências sociais é necessariamente fragmentária, pois se baseia no método analítico. Conheçemos todos o formidável alcance operacional desse método, mas não nos escapam suas limitações para captar fenômenos dinâmicos e, mais ainda, os processos criativos e inicialmente não estruturados, que são de maior complexidade. O que sabemos da sociedade francesa do século XIX devemos-lo mais a Balzac e Proust do que a Le Play e Durkheim. Da mesma forma, foram os romancistas do Nordeste que, no correr desse século, permitiram que essa região alcançasse a transparência cultural que a singulariza no Brasil.

O cientista social observa fenômenos, processos, relações, tudo isso conceitualizado, portanto num nível elevado de abstração. Esse conhecimento deve ser expressado em linguagem que permita articulá-lo a um quadro teórico mais geral, ao qual se incorpora. A medida que avançamos nesse esforço de teorização, afastamo-nos da realidade propriamente dita, que substituímos por construções conceituais suscetíveis de ser enquadradas em modelos, o que aumenta consideravelmente nossa capacidade de elaboração mental.

O romancista aborda os dados primários que derivamos diretamente da realidade de um outro ângulo. Jorge Amado abre-nos um viés sobre esse mistério quando afirma, modestamente, que seu verdadeiro trabalho consiste em observar pessoas e não em explicar a sociedade. Ora, o verdadeiramente difícil de compreender são os seres humanos dotados de unicidade, e não os indivíduos intercambiáveis

Em julho de 1991, Celso Furtado tomou posse como membro titular do P.E.N. Clube do Brasil, passando a ocupar a cadeira de Jorge Amado, que ingressou nesse momento no quadro de membros honorários. Em seu discurso de posse, Furtado fez o elogio de Jorge Amado. Em seguida, foi saudado pelo embaixador Mário Vieira de Mello.



Posse de Celso Furtado (1991) no P.E.N. Clube do Brasil, vendo-se também o embaixador Mário Vieira de Mello, que o saudou (veja discurso na página seguinte), Marcos Almir Madeira e a sra. Elizabeth Vieira de Mello.

que compõem os agregados com que trabalhamos nas ciências sociais. A realidade que é puramente social é passível de tratamento analítico e, portanto, explicável sem maiores dificuldades. Assim, se observamos o suicídio como um fenômeno social, poderemos identificar suas causas próximas e remotas, e com base nessas relações causais estabelecer a probabilidade de que esse fenômeno incida em determinado grupo social. Mas se abordamos o problema do suicídio de uma pessoa que conhecemos, dificilmente nos satisfaremos com uma explicação simples. Todas as explicações podem mesmo ser insuficientes.

É essa capacidade de desvendar a realidade social em sua profundidade humana a partir da observação de indivíduos erigidos em personagens que caracteriza o romancista. Assim, retratando o seu suposto "homem sem qualidades", Musil nos conduz pelos meandros de uma sociedade refinada e complexa que havia perdido o sentido de sua própria história, onde já ninguém sabia se estava andando para a direita ou para a esquerda. Por seu lado, Jorge Amado, ao preparar-nos para conviver humanamente com um mundo de personagens que inclui mulheres virtuosas, corrotas, misionários, artistas, sábitas, coronéis, proxenetas, especuladores, biscoiteiros, dondocas, nos conduz pelos labirintos de uma sociedade cruel, mas constituída de gente em quem domina o desejo de fazer e de bem, mesmo quando isso não está a seu alcance. O leitor não é levado a pactuar com as injustiças sociais, mas tampouco sucube na revolta estéril ou no desespero. O que prevalece não é a mensagem explícita ou implícita que por vezes chega a ser estridente, e sim a densidade humana das personagens com as quais nos identificamos rapidamente. Essa densidade humana das personagens, que prevalece contra as intuições de realismo, não teria consistência se não fora o formidável sopro lírico que as vivifica. Quão em nenhum dos grandes romancistas brasileiros a chama lírica vibra tão intensamente como em Jorge Amado.

mento guiado pela razão instrumental. Mas, mesmo não se seduzir por épocas em que o homem se empenhava em ter uma visão global do mundo em que está inserido? Como não perceber que, se perdemos a capacidade de criar utopias, é que estamos dominados pela lógica dos instrumentos que criamos? E essa lógica pode conduzir à destruição, não somente de nossa civilização, mas da própria humanidade.

Não se trata de desconhecer a importância da tecnologia, que nos deu tudo isso que chamamos de progresso. Mas de liberar a criatividade humana, hoje submetida à tirania da razão instrumental, particularmente em sua vertente mercantil, que privilegia o princípio da acumulação e exacerbou a competitividade entre homens e grupos sociais.

Em nossa civilização, mais do que em qualquer outra, a criatividade é estimulada. Mas falta-lhe espontaneidade, o que explica sua desumanização, a excessiva prevalência do social sobre o humano, a degradação qualitativa da liberdade. Imaginamos que somos livres quando, em realidade, estamos sendo progressivamente programados para desempenhar papéis, como atores de um grande balé social.

O desafio que enfrentamos é o de restabelecer a primazia sobre a visão quantitativa, sermos, em espaços que, queramos ou não, seremos crescentemente dominados pelas técnicas. Isso, no quadro de uma civilização que se planetariza.

O mundo para o qual caminhamos já não comporta distinções claras entre nacionalidades, sistemas ideológicos e memória histórica. As fronteiras culturais e religiosas tendem a atenuar-se ou serão vistas como resíduos atávicos. A cosmopole a que nos conduz o processo de globalização planetária será dominada pelo critério do desempenho, do grau de eficácia sobrepondo os meios aos fins, num universo regido pelo princípio da competitividade mercantil. Estaremos em posição diametralmente oposta à de outras civilizações,

em que a criatividade humana se orientou predominantemente para os fins, fossem eles hedonísticos, estéticos ou religiosos. Não estou pretendendo que o homem atual esteja programado, deva cumprir necessariamente certo destino. Limito-me a constatar que a História é cada vez, menos um processo aberto, pois a criatividade, que é o especificamente humano, está sendo dominada pela lógica dos meios.

A obra dos grandes artistas, e entre estes incluo Jorge Amado, porque nos transmite uma visão global do homem reforça nossa capacidade para preservar o que temos de verdadeiramente humano. Com efeito, a resistência à desumanização, devemo-la à persistência de uma memória cultural que é reatualizada pelos criadores de valores autênticos.

Nesse processo de preservação de valores, que permite a cada um de nós conservar a identidade cultural e desenvolver as próprias virtudes, desempenham um papel fundamental instituições como o P.E.N. Clube, razão pela qual me sinto honrado e gratificado de participar de seus trabalhos. Conjugo com os ideais de tolerância e de respeito à liberdade, cuja defesa tem sido a razão de ser desta apresentação, única por seu caráter realista. Enquanto persistirem esses ideais, caberá a cada um de nós uma parcela de responsabilidade na construção do mundo de amanhã.

"EUA SEGUIRAM POLÍTICA DE INTERFERÊNCIA"

tais. A CEPAL e a SUBEVI são as duas primeiras. Qual é a terceira?

R. Ai vem a parte internacional, o magistério. Nesse período, escrevi vários livros que me ajudaram a compreender melhor o problema do subdesenvolvimento, a questão brasileira. Passei a ser uma pessoa que trabalha no plano intelectual.

A ditadura cassou seus direitos políticos, na primeira lista, em 1964. O sr. era ministro do Planejamento, no governo João Goulart. Como foi esse período?

R. Em 1964, percebi a profundidade da crise nacional. Estava dentro da engrenagem, tinha sido membro de três governos: Juscelino, Jânio e Goulart. Essa experiência abriu-me os olhos para a complexidade da situação nacional, do problema agrário brasileiro. Era grande o entroschego das forças sociais. Houve a organização das Ligas Camponesas, que aconteceu muito de perto e apoiou. Elas despertaram uma reação negativa muito grande, e se organizaram forças enormes contra a mudança social no Nordeste. E o que é mais grave: essas forças tiveram apoio dos americanos, que tinham uma política de interferência.

Quando veio 1964, destroi-se o desejo, a esperança. Não tive qualquer dúvida sobre a gravidade das mudanças no Brasil, desde o primeiro momento. Em uma reunião em Santiago do Chile, para onde fui quando saiu do Brasil, com muitos brasileiros presentes, inclusive Darcy Ribeiro, todos fizeram cálculos para voltar ao Brasil em três meses, não mais que isso. Darcy acreditava ingenuamente nessa hipótese e os outros também. Samuel Wainer comentou, nesse encontro, que aquela crise duraria apenas algumas semanas. Quando chegou a minha vez de falar, perguntaram-me sobre meus planos. Respondi que não tinha certeza de que iria ficar fora do Brasil por um muito tempo porque sabia da gravidade do problema, a reação era muito mais profunda do que estavam imaginando e calculei que, antes de 15 anos, nada mudaria. Mas, para não ser pessimista disse que iria fazer um plano de vida para 10 anos.

Foram 20 anos, o dobro disso.

R. E, foram 20. Nunca tive ilusão alguma sobre a gravidade da situação e por isso fiz um plano completo de vida. Primeiro fui para o Chile, depois para os Estados Unidos e lá percebi que não havia muito espaço para mim, porque a Guerra Fria estava esquentando. A animosidade contra a esquerda era crescente e não havia muito espaço para atuar lá. Assim, agarrei-me na primeira chance que tive de ir para a Europa. Recebi convites para lecionar na Inglaterra e na França e preferi ir para a França porque tinha mais amigos lá, era mais fácil a adaptação. Tomei essa decisão depois de passar um ano nos Estados Unidos.

Sei que suas aulas, em Paris, eram disputadas e atraíram um número elevado de alunos e até interessados em ouvi-lo. Foram 20 anos de magistério?

"O Brasil é um país que desconhece o que se passa no Mundo. Ai, eu quis ser um pouco alguém que transmitisse ao Brasil uma visão mais ampla"

R. E, de 1965 a 1985. Durante 10 anos fui professor em tempo integral e, durante esse período, os franceses me trataram muito bem. Permitiram, por exemplo, que eu tirasse uma licença para passar um ano como professor em Cambridge, onde eu havia estudado, em 1959, quando escrevi a *Formação econômica do Brasil*. Foi também aos Estados Unidos, onde lecionei durante um semestre na Universidade de Columbia e outro na American University. Mas, o meu trabalho e minha vida eram na França.

Quando houve a redemocratização do país, em 1985, o sr. foi convidado e aceitou ser ministro da Cultura, conceituado e estruturando o Ministério. Como isso aconteceu?

R. Um pouco antes, em 1982, achei que era o momento de reunir todas as forças contra a ditadura. Alici-me a Ulisses Guimarães e ao riova, mas sabia que minha ação política, voltada ao desenvolvimento do Brasil, já tinha sido cumprida. Poderia dar uma contribuição como pensador, como intelectual, porque o Brasil é um país que desconhece o que se passa no mundo. Ai passei a ser um pouco alguém que transmite ao Brasil uma visão mais ampla.

Foi uma gratificação ser ministro do Cultura, ter a oportunidade de cooperar com a classe intelectual brasileira, com o mundo da cultura, dar um pouco de minha experiência, tanto na administração quanto na organização. Na área da cultura o Estado tem uma função totalmente complementar. A cultura é algo que depende de a sociedade ser aberta, de estímulos para que os contrastes se manifestem, para que a criatividade floresça. Esta é tarefa da sociedade. Assim, os regimes fascistas abafam a criatividade humana. Mas o Brasil nunca foi de um fascismo fechado, aqui nunca houve uma destruição completa da criatividade.

O que houve foi um abafamento, principalmente no período da ditadura mais aspera.

Como o sr. vê a questão da comercialização da cultura?

R. Os critérios puramente comerciais deturpam a cultura. Prêmios, royalties etc são subsídios para limitar a influência negativa do comércio na cultura, o qual deforma a

criatividade, transforma a cultura num palco da indústria da diversão. A cultura é fenômeno de criatividade, de experiência vital.

O sr. ficou 20 anos sem vir ao Brasil, até assumir o Ministério da Cultura?

R. Eu nunca estive totalmente afastado do país. Em 1968, antes do AI-5, houve uma brecha e vim, convidado por uma Comissão do Congresso Nacional. Eu estava com meus direitos políticos cassados e fiz uma série de conferências, que publiquei no livro *Um projeto para o Brasil*, no mesmo ano.

Depois, em 1971, comecei uma arrogância muito grande, o malgare, o "pra frente, Brasil", o "Brasil grande", o "Ame-o ou deixe-o", toda aquela palhaçada, fantasmagórica. E isso repercutiu, inclusive no exterior. Eu era professor na França, tinha muitos alunos e havia gente infiltrada nas minhas aulas que era do lado do governo. Começaram, então, as perguntas impertinentes e diziam que eu era um homem inteligente, capaz, mas desinformado porque estava fora do Brasil há muito tempo, não sabia o que se passava, não sabia que o país era outro. Resolvi, então, vir, e foi uma experiência muito especial porque fui seguido por toda parte. Mesmo assim, estive em muitos lugares e visitei muitos países.

Descobri, na época, que meus papéis não serviam mais, até a carteira de identidade tinha de ser renoverada, e fui à polícia tirar documentos, ficando de base-o-lis, quando estivessem prontos. Um dia, cheguei em casa e soube que haviam me procurado. Então, apresentei-me. Eles haviam me dado um papel, ou eu o levarei como sem querer, e era um documento que devia ter ficado lá. Suspeitei que minha intenção era furar a carteira. Várias pessoas estavam detidas, acusadas de serem convites comigo, porque me deixavam sair com o tal papel. Uma coisa absurda. Expliquei-me, disse que não tinha interesse em me esconder, estava no país porque queria e não sabia que aquele papel tinha que estar ali. Podi desculpas ao pessoal que estava detido e a mim, nada fizeram. Alguns dias depois, entregaram-me a carteira nova.

Em outra ocasião, fui convidado para um encontro com outros economistas e havia gente ligada ao governo indiretamente. Dissertei-me para não levar ninguém porque era um número limitado de pessoas e alguém na virulência podia nos denunciar. Quando chego lá, estavam todos nervosos porque um dos convidados não apareceu. Finalmente cheguei um rapaz apressado. Soube depois que ele tinha conseguido uma bolsa para estudar nos Estados Unidos, estava muito ansioso para saber

se ia ou não e foi consultar uma mãe-de-santo

Quanto tempo o sr. passou no Brasil?

R. Passei uma temporada de dois meses e, quando voltei para a França, escrevi o livro *Análise do modelo brasileiro* para mostrar a situação em que se encontrava o Brasil. Excpus como todo o desenvolvimento que se fazia era anti-social, muito mais ainda que no passado, e que tudo era feito para promover um formidável arrocho e concentração de renda. E que tudo decorria do fato de que não havia mais sociedade civil organizada, ela estava prostrada e morta. Foi a minha revanche porque diziam que eu não sabia o que se passava no Brasil. Quando fui embora daqui, tomei um cuidado enorme. Eu tinha um despachante muito simpático, que já faleceu, e ele foi comigo ao aeroporto para ver se eu entrava no avião. Aqueles anos eram terríveis e vim, correndo todos os riscos. Eu queria escrever sobre a situação do Brasil real, daquele momento. E o livro teve muita repercussão. A meu favor, eu tinha o fato de que era muito notório, em toda parte, e por isso, nunca cassaram meus livros.

Nem a distribuição?

R. Dificultava a distribuição, mas esta dificuldade a pessoal sabia contornar. Proibição não houve. A censura examinava tudo e demorava muito a devolver e eu não queria me submeter a isso. Foi por isso que Fernando Gasparian, eu e um grupo compramos a edição Paz e Terra, em 1974. Fizemos um pacto não submetermos nossas publicações aos censores. Se o livro fosse cassado, haveria o prejuízo e o autor perderia também. Gasparian foi chamado a Brasília muitas vezes, particularmente por causa do jornal *Opinião*. Foi uma época de luta e de esperança de que a situação começasse a se desaniviar. Em 1973, estive no Brasil novamente, mas muito rapidamente, e depois de 1975, passei a vir para ficar mais tempo. Aceitei dar um curso na PUC de São Paulo.

Criaram algum constrangimento?

R. Não. Houve uma pressão sobre a universidade e o reitor contou-me depois que conversou sobre o convite a mim mesmo com o então ministro da Justiça, Amrmando Falcão, e ouviu dele o seguinte: "Eles estão um pouco assanhados agora, mas é bom que venha o Celso para testá-los".

Vamos falar um pouco de suas atividades atuais. Atualmente, o sr. é membro do Comitê de Bioética da Unesco, não?

R. Sim, mas antes participei de outros dois comitês. A Comissão Sul foi a primeira tentativa de reunir os países do Hemisfério Sul para estudar seus problemas, sem subordinação a qualquer grande potência, uma substituição de ramos alinhados que estavam em declínio. Essa Comissão apresentou um relatório muito importante, mas foi atropelada pela História, que teve uma mudança de rumo com a queda do Muro de Berlim. Estávamos reunidos na Comissão, com o relatório avançado, quando caiu

PARA O PC, ELE ERA "LACAIO DE WALL STREET"

R. Fui trabalhar na CEPAL em 1949 e ai se abriu um fase completamente nova porque passsei a fazer estudos práticos de economia aplicada, referentes a sistemas nacionais. E isso só foi possível porque eu tive essa formação de macroeconomia. A CEPAL é a única escola de pensamento econômico do Terceiro Mundo, até hoje. O Terceiro Mundo era totalmente colonizado em matéria de pensamento econômico e isso se interrompeu quando surgiu a CEPAL. Hoje em dia, está voltando esse colonialismo, com o monetarismo que domina, a partir do Fundo Monetário Internacional, do Consenso de Washington. Fui para a CEPAL participar de um pequeno grupo que criou essa escola de pensamento. Convivi com o único pensador econômico latino-americano da época, que era Raúl Prebisch, o único economista da América Latina respeitado e conhecido no mundo inteiro. Ele tinha comandado a economia argentina nos anos 30 e quando houve a crise de 1938 saiu como pioneiro, com uma política anticíclica, impressionando o mundo inteiro.

Prebisch tinha uma visão global da economia, tinha uma percepção muito clara do ciclo econômico. Foi ele quem criou a ideia de que o sistema econômico está formado por um centro dinâmico e uma periferia passiva, e nos somos periféricos. Com essa visão globalizante da economia e, ao mesmo tempo, com essa percepção da estrutura do sistema econômico, ele deu um salto enorme e eu fui seu principal discípulo. Quando Prebisch fez-me chefe da Divisão de Desenvolvimento Econômico da CEPAL, eu tinha 29 anos. Dedicou-me a esses trabalhos, viajando por toda a América Latina. Fiz estudos sobre vários países, México, Argentina, Peru, Venezuela, e isso me levou a pensar o sistema econômico como dependente da ação política. Pensar o sistema econômico, portanto, como algo que resulta de decisões, essa foi a herança que me deixou a CEPAL, que veio de Prebisch e que retratou nos principais livros que escrevi.

E a teoria do subdesenvolvimento?

R. Quando surgiu esse conceito, que foi a CEPAL, já tinham havido no Brasil algumas tentativas de política de desenvolvimento industrial, mas eram afogadas pelos grandes interesses que prevaleciam na época. Roberto Simonsen, que liderou o principal esforço para definir uma política de industrialização para o Brasil, foi batido e derrotado por Gudin, que tinha uma formação de economista muito superior a dele. Portanto, havia um imperialismo ideológico total. Vem a CEPAL e demonstra, com fundamentos macroeconômicos, que países como o Brasil não poderiam jamais ter acesso a uma oferta adequada de bens manufaturados se não tivessem uma produção própria. Se dependesse de comércio internacional, não se chegaria nunca a isso.

Essas coisas tornaram enorme repressão no Brasil porque os brasileiros, o pessoal de São Paulo, particularmente da Federação das Indústrias, queriam exprimir alguma coisa e não tinham linguagem, não tinham informação para isso. De modo que a CEPAL deu a eles

os argumentos, os instrumentos para pensar, analisar e equacionar situações. As ideias da

desenvolvimento foi traduzido até para o persa.

O sr. foi o criador da SUDENE, no governo Juscelino Kubitschek. Poderia falar sobre esse período?

R. A SUDENE é um capítulo especial.

Muito três fases decisivas em minha vida.

Primeiro, na CEPAL, minha escola universitária, onde aprendi fazendo e participando. Conectei o mundo, perdi todas as amarguras provincianas e passei a pensar o Brasil globalmente. Foram dez anos de

CEPAL e, quando terminei essa fase, voltei ao país. Dedicou-me, então, a SUDENE, empilhando em prática muitas ideias, em transformações reais, mas não dando o salto do subdesenvolvimento para o desenvolvimento. Esta foi uma experiência muito rica, mas muito dura do ponto de vista humano porque enfrentei resistências as mais diversas, principalmente dos latifundiários. Foi considerado um intruso, "um astuto economista que pretende bolchevizar o Nordeste", na definição de Anacleto de Figueiredo, ex-governador da Paraíba e, é, época, o mais influente político do estado.

Contava também com muita incompreensão do lado da esquerda. Os comunistas não entenderam o que foi fazer nos Estados Unidos, a convite do presidente Kennedy. Percebi que era uma grande chance de encontrar alianças e apoios entre os progressistas americanos para enfrentar com mais força a reação no Nordeste. Nessa ocasião, foi feito o filme *The troubled land*, do qual recentemente deu uma cópia ao líder do Movimento dos Sem-Terra, João Pedro Stedile. O filme mostra a luta dos camponeses nordestinos contra o senhor de engenho, o dono das terras, de revolver em um partido, dando tino.

Eu estava certo de que tinha, pela primeira vez, uma janela aberta nos Estados Unidos, através dos assessores de Kennedy. Eu já trabalhava com muita ajuda externa — de Israel, da França, da Alemanha, do Japão e de diversos outros países —, o apoio à SUDENE era mundial e fiquei entusiasmado em trazer os americanos para nossa luta. Eles estavam aliados aos latifundiários do Nordeste e podiamos dividir-lis. Convidado por Kennedy, fui aos Estados Unidos e comi e dormi na Casa Branca, expus nosso drama. Foi também ao Congresso americano, fiz conferências. Foi um trabalho político importante e isso me criou um grande problema com a esquerda no Brasil. O Partido Comunista classificou-me, em suas publicações, de "Mr. Truman, vendendo a Wall Street". Era preciso ser muito obtuso para não entender que lutávamos contra os latifundiários.

Esse período da SUDENE foi muito importante para mim, em todos os aspectos. Princi-

almente, pela consciência que eu tinha de que, como nordestino, estava em dívida, e ai dediquei-me de corpo e alma a pagá-la. Em segundo lugar porque sabia que o Brasil era um país aleijado por causa dessa distorção do atraso regional. Foram seis anos de dedicação a essa luta, até o golpe de 1964.

A SUDENE foi muito importante para o Nordeste, não?

R. O Nordeste vinha perdendo terreno enormemente em relação ao Sul do Brasil. Uma região que já tinha sido relativamente rica, perdida cada vez mais terreno, inclusive no setor industrial. As poucas coisas que havia lá estavam sendo destruídas, com a abertura de estradas. Com a criação da SUDENE, a participação do Nordeste no setor industrial, que era de 1,6%, saltou para 5% ou 6%, em pouco tempo. E nos 20 anos que se seguiram a 1964, o Nordeste teve um crescimento maior que o Centro-Sul do Brasil. Um esforço grande foi feito quando esteve à frente da SUDENE, mas esse esforço foi mutilado no setor rural com a nossa saída. Tínhamos um projeto de lei de irrigação que não passou no Congresso. Os latifundiários queriam ficar com aquelas terras e barraram a legislação. Toda a transformação agrária do Nordeste foi interrompida, depois de 1964, o que causou um grande retrocesso no plano social.

O Nordeste desenvolveu-se, cresceu, modernizou-se, mas seu atraso social permaneceu. A miséria no campo e nas favelas agravou-se. Esse crescimento enriqueceu uma parte da sociedade e a outra foi ficando, cada vez mais, desvalida e abandonada. O quadro do Nordeste é triste, hoje. Mas, não se pode deixar de reconhecer que a região já não é mais a mesma, cresceu economicamente, industrializou-se e tem polos de desenvolvimento importantes.

Em matéria de irrigação, não conseguimos muito, mas iniciamos a irrigação do rio São Francisco, cujas águas estavam lá abundantes. Havia já a energia de Paulo Afonso e fizemos estudos de solo, com apoio de várias organizações internacionais, inclusive dos governos da França e de Israel. Quando deixei a SUDENE, já havia dois mil hectares irrigados. Esta é hoje a região mais rica do Nordeste.

Outro polo que cresceu posteriormente foi o induzido pela Vale do Rio Doce, com o projeto Carajás, que entra pelo Maranhão. Em toda aquela região criaram-se indústrias secundárias, algumas delas importantes. Também no Rio Grande do Norte há uma grande área irrigada pelo rio Açu, que se desenvolveu bastante. Há ainda algumas coisas interessantes no setor petrolo, mas a gravidade está nas desigualdades sociais. Pode-se dizer que a SUDENE mudou os destinos do Nordeste, tirando-o da decomposição e da degradação. Perdemos grande parte da briga porque a questão social não foi enfrentada, o que tínhamos tentado fazer, com a irrigação e a reforma agrária.

O sr. referiu-se a três etapas fundamen-

Mas, em compensação, a Direita considerava-o um inimigo, "um astuto economista" que, com aquele papo de Sudele, pretendia apenas "bolchevizar" o Nordeste

CEPAL tiveram um grande prestígio no país. Então, Gudin, como reação, começou a convidar grandes especialistas para demonstrar aqui que estávamos dizendo besteiras. E não era bobo, não ficou no meio do caminho. Mandou chamar o Haberler, o Lionel Robbins, as grandes figuras da economia mundial, da Inglaterra e dos Estados Unidos, para virem fazer conferências no Brasil e dizer aos brasileiros que o pessoal da CEPAL nada sabia. Houve essa reação e eu fiz uma crítica de tudo isso num dos meus livros, *A fantasia organizada*. Mostra a visão colonizadora distorcida que eles tinham de nossa realidade.

Um desses economistas, um suéco, o professor Ragnar Nurkse, tinha argumentos inteligentes, escrevia coisas muito interessantes. Então, respondi às conferências dele com um artigo na *Revista Brasileira de Economia* e ele, lá da universidade americana onde estava, tomou conhecimento e me respondeu com outro artigo. Tinha-se criado um debate do mais alto nível. Ai começou a pensar e percebi que precisávamos reorganizar nossas ideias. E, nessa direção, escrevi um artigo sobre a economia brasileira. Depois, conclui que a economia subdesenvolvida é um estágio do desenvolvimento, é uma economia estruturalmente diversa, e reproduz sua dependência. Elaborei, então, a teoria do subdesenvolvimento, pois só havia, naquele momento, a teoria sobre as fases do desenvolvimento.

Etapas a serem percorridas?

R. Sim. Era essa a teoria. Etapas em que alguns países iam mais devagar e outros, mais rápidos, mas a mesma corrida. Esta era a linguagem que se usava na época, nos Estados Unidos, particularmente. Neguei isso. A economia de um país subdesenvolvido tem uma lógica diferente, que reproduz sua dependência e a reforça à medida que ela se desenvolve. Agora, passaram 30 anos, estou convencido de que foi a tese mais importante que produzi. Houve repressão no Terceiro Mundo. Quando voltei para a Europa, percebi que tudo que tínhamos feito na CEPAL encontrava muito eco no mundo africano e asiático. Para ser te uma ideia, o meu livro *Desenvolvimento e subde-*

A REPEÇÃO DO MODELO DO BRASIL

Mário Vieira de Melo

Ao receber em nome do Pen Club seu novo sócio, o escritor Celso Furtado, sinto-me pessoalmente premiado pela oportunidade de poder publicamente prestar-lhe uma homenagem, como me sinto também gratificado, na qualidade de membro da nossa agremiação, por vê-la assim enriquecida com a incorporação a seus quadros de uma personalidade de presença tão marcante e expressiva na vida brasileira.

O imponente currículo de suas atividades científicas de início qualquer velocidade que se possa ter de apresentar numa breve síntese sua vasta obra, que pareceu refletir nas suas múltiplas perspectivas a complexidade mesma dos problemas, inerentes à realidade do Brasil. Celso Furtado é por demais conhecido no país e fora dele para que se possa pensar em explicitar, mesmo sob forma ritualista, quais sejam seus muitos méritos.

Desde acompanhado com o mais vivo interesse as diferentes etapas de sua trajetória, desde os tempos de seus trabalhos na CEPAL e de seus contatos com os economistas latino-americanos que se ocupavam da questão do desenvolvimento, vejo hoje sua vida como um belo exemplo que tem a honra de ser inventado brasileiro. É pelo exemplo de dedicação obstinada à causa pública e de amor profundo à cultura e aos valores do indivíduo.

Com a criação nas Nações Unidas da Comissão Econômica da América Latina surgiu no nosso continente um momento de grande importância que tinha na figura impar de Raúl Prebisch seu centro aglutinador. Nas consciências dos intelectuais envolvidos naquele movimento despertara o sentimento de que o país desenvolvido que no apos-queria tivera a ideia de oferecer assistência técnica e financeira aos países subdesenvolvidos era exatamente aquele que mais estava agora contribuindo para que o subdesenvolvimento existisse e mesmo se agravasse.

A CEPAL, que fora criada para atender aos problemas específicos da América Latina e se tornando pouco a pouco uma presença incombente dentro das Nações Unidas e houve mesmo naquela época um momento em que sua sobrevivência esteve seriamente ameaçada. Celso tomou para si o papel de um novo elemento que teve que enfrentar então para preservar sua existência. A amizade que o ligava a Prebisch baseava-se na convicção que tinham ambos da necessidade de dar um novo sentido, uma nova orientação à reflexão econômica. A ideia do desenvolvimento havia introduzido no raciocínio econômico um novo elemento que a ciência econômica elaborada nos países desenvolvidos não levava em consideração.

Os fatos econômicos que haviam dado origem a essa ciência não eram os mesmos que ocorriam na área dos países subdesenvolvidos. Surgia agora a necessidade de elaborar uma teoria econômica que levasse em conta os fatos ocorridos nesses países. A universalidade da ciência econômica era uma universalidade empírica, isto é, valia apenas para os fatos empíricos donde tinha sido inferida. Caba

agora aos economistas dos países subdesenvolvidos focalizar com a nitidez necessária os fatos econômicos ocorridos nos seus próprios países para, a partir daí, novamente empirizar assim configurada, elaborar-nos os princípios, novas regras que tornassem a ciência econômica apta a abranger a totalidade dos fenômenos que estudava.

Depois de suas várias experiências na América Latina, Brasil, Chile, México, Venezuela, Celso sentia a necessidade de fazer uma pausa, de mudar de ares, de reorientar

Tomando posse, em 16 de março de 1991, no P.E.N. Club do Brasil, Celso ouviu, no discurso com que foi oficialmente saudado, que "nunca utilizou sua sabedoria econômica para obter gordos empregos"

seu pensamento. Consegue então uma bolsa de estudos para fazer pesquisas na Universidade de Cambridge.

Foi lá naquele ambiente austero mas impregnado do charme das tradições seculares que se tornou inteiramente claro para ele a ciência econômica, por si só, incapaz de enfrentar o problema do desenvolvimento. A teoria do desenvolvimento era algo distinto da teoria econômica. Essa última era uma reflexão sobre fenômenos acontecidos, a primeira uma reflexão sobre fenômenos ainda por acontecer — cada país tinha seu desenvolvimento próprio que não podia ser tomado como modelo para o desenvolvimento de outros países. Isso levantara a teoria do desenvolvimento da teoria dos fatos empíricos, embora por outro lado a tornasse dependente de outros fatores. Mas que fatores seriam esses?

O ambiente de Cambridge deixava Celso entrever a importância que tinha na vida inglesa o fator político. Havia em Cambridge um clube com uma grande sala de debates que reunia para si uma certa forma a Câmara dos Comuns. Era, no confuso Celso, como que uma advertência para que não se perdesse de vista, naqueles lugares em que tudo levava a considerar o indivíduo como valor supremo, que o homem é antes de tudo um ser político. As grandes questões que no momento preocupavam a política eram ali debatidas e submetidas a voto.

A lição para Celso era clara: ao trabalho intelectual era necessário aliar a atividade política. Não o trabalho intelectual subalterno, cooptado, mas aquele enraizado na autêntica autonomia universitária. Celso deixava Cambridge com uma visão diferente do trabalho teórico e com novos planos para o futuro — pretendia agora ter sempre presente ao espírito a importância do fator político e valorizar a atividade política como um complemento indispensável do esforço teórico.

Em 1978, Celso publica um belo livro *Criatividade e Dependência*, em que critica o desenvolvimento promovido por formas autoritárias de poder. Mas alusão a um "verdadeiro desenvolvimento" parece mostrar que ele não tinha achado ainda o que andava procurando. Um capítulo intitulado "Em busca de uma visão global" torna patente que sua problemática se aprofundava agora com a visão que tem das dificuldades espirituais que confrontam nossa época. As páginas dedicadas a Nietzsche revelam uma clara percepção da crise que aflige nossos tempos. Mas ainda em 1983 sua crença num "verdadeiro desenvolvimento" perdurava, pois ele podia afirmar que "o desenvolvimento está no centro da visão do mundo que prevalece na época atual".

Embora não seja um economista, mas muito e me interesse ainda hoje pelo problema do desenvolvimento, mas não tenho competência para sugerir métodos e processos que possam viabilizá-lo, dou por resolvida a questão de sua viabilidade. O que procuro então, não descobrir meios que possam nos levar ao desenvolvimento, mas projetar o que seríamos no dia em que tivéssemos alcançado esse tão desejado objetivo.

Para quem como eu lida com problemas de cultura não poderia deixar de constituir uma séria preocupação o fato de ter lido o conceito de desenvolvimento sua origem numa iniciativa dos Estados Unidos da América, em face do extremo atraso em que se encontravam as nações africanas, ex-colônias europeias, recentemente emancipadas — extremo atraso que se manifestava de todos os modos e que preocupava os EUA, sobretudo na maneira por que se refletia nas estruturas de poder recém-emancipadas.

Quando se criou nas Nações Unidas a CEPAL, já o conceito de desenvolvimento estava em plena voga e as reflexões sobre a ordem econômica internacional se tinham distanciado consideravelmente do impulso inicial que consistira simplesmente em oferecer assistência técnica e ajuda financeira aos países subdesenvolvidos.

Mas que significação tinha o tal impulso para prender assim nossa atenção? Bem, o que essa origem da ideia de desenvolvimento nos parece sugerir é que, como uma bota de salvamento, a ideia fora catapultada de uma estrutura de poder para salvar do naufrágio iminente outras estruturas de poder. A visão que logo se estabeleceu entre países desenvolvidos e países subdesenvolvidos como que varia da consciência de um grande número de pessoas o fato de que desenvolvimento é uma palavra vaga e extremamente imprópria para um uso operacional — o fato de que usada operacionalmente dirá forçosamente menos do que o que está contido em seu sentido genérico — desenvolvimento econômico, político, social, cultural. A verdade é que pela força das cir-

cunstâncias a palavra passou a ser usada subentendendo-se que significava apenas desenvolvimento econômico.

Quando os teóricos do desenvolvimento se deram conta deste fato era talvez um pouco tarde. A ideia estava indissolúvelmente ligada às estruturas de poder que lhe tinham dado origem e em todas as suas irradiações manifestava inopercuavelmente essa sua ligação. Os Estados Unidos são um país em que as estruturas de poder são mais fortes que as estruturas de cultura e é por esse motivo talvez que um desenvolvimento acelerado das estruturas de poder das nações africanas lhes parecem ser a solução mais adequada para o extremo atraso em que se encontram.

Os Estados Unidos parecem crer que o seu próprio desenvolvimento pode se constituir como um paradigma para o desenvolvimento de outros países. Mas nem todos os países quem viver dentro de um sistema em que as estruturas de poder sejam mais fortes que as estruturas de cultura. E essa é a meu ver a grande dificuldade, que encontraram e que continuam encontrando os teóricos do desenvolvimento.

Em 1984, Celso Furtado declarava numa conferência em Belo Horizonte que "o debate sobre as opções do desenvolvimento exige hoje uma reflexão prévia sobre a cultura brasileira". Aqui, nós dois, que viemos de procedências tão diversas, nos encontramos finalmente.

A verdade é que Celso Furtado, naquilo que fez como naquilo que não pôde fazer, foi sempre o mesmo homem que nos elite bem poderia tomar como modelo de dedicação nunca emoriada aos altos interesses do país.

Enquanto nossos estados julgavam desnecessário questionar os fundamentos da cultura brasileira, pretendendo constituir "eles próprios" essa cultura, Celso, mais modesto, sugeriu se procedesse a uma reflexão sobre sua essência.

Enquanto nossos economistas com sua burocracia habitual continuavam a fazer planos sem sucesso e previsões que não se realizavam, Celso reconhecia a impotência da ciência econômica para resolver por si só os problemas da realidade brasileira.

Enquanto nossos economistas mudavam rapidamente de uma função pública em nada tranquilamente feita para alguma grande firma de consultoria internacional, Celso — que registra em um de seus livros o exemplo de Raúl Prebisch procurando salvar a sua sabedoria econômica para obter gordos empregos.

Ao lado desses economistas, o currículo de Celso impressionava, não tanto pela importância dos cargos e das funções que lhe foram atribuídos, mas pelo caráter cristão, transparente dos interesses envolvidos.

Nenhum cargo, nenhuma atribuição em que o aspecto pecuniário fosse o motivo determinante, sempre e sempre, atividades que tinham algo a ver com as grandes questões do país, mesmo nos tempos de exílio em que ensinava e pesquisava em Universidades estrangeiras.

Não creio que precise dizer mais para justificar a viva satisfação que me causa e estou certo também de todos a entrada de um companheiro como o que nesta Casa de reflexões voltada para os superiores interesses de um país e do mundo que o cerca

O MAIS RECENTE HONORIS CAUSA, NA FRANÇA

Gérard Destanne de Bernis

O que estava escrito já em 1950 haveria de se concretizar um dia. O senhor trabalhava na CEPAL quando entrou no universo de Pierre Mendès France, e logo nasceu uma estima recíproca. Como a Universidade que leva o nome de Mendès France não acolheria na qualidade de um de seus grandes veteranos que um dia uni-se a ela, e melhor ainda, na qualidade de um Mestre para nós todos, de um amigo? Se associei essas duas palavras é porque o senhor é desses para quem é impossível ser um verdadeiro Mestre sem ser um grande amigo. Estamos, pois, entre nós. Prossinto que suas palavras serão sobre Mendès France, mas desejo que as minhas sejam a seu respeito.

Faço-o, evidentemente, em nome de meus colegas que respeitaram a tradição das antigas tribos, e designaram o mais velho dentre todos para lhe dizer, que daqui a pouco sentiremos grande honra, e mais, um imenso prazer quando lhe forem entregues as insignias que o tornarão um de nossos colegas, no mais alto nível que uma Universidade pode conceder.

Doutor em Direito em 1944, é técnico em finanças do governo brasileiro, o senhor vem a Paris para aprofundar seus estudos de economia, e é portador de uma carta. Ainda não conheço seu destinatário, embora, por uma dessas artimanhas que a natureza aprecia, ele tenha permanecido longo tempo em seu país antes de se incorporar às Forças Francesas Livres que se preparavam para libertar a África. Foi uma temporada que de jamais esqueceu, e melhor ainda, que lhe despertou essa paixão pela economia internacional e pelo desenvolvimento, a mesma que já era a sua, e que justamente o trouxe a Paris para estudar. O senhor entrega-lhe a carta, segue os seus cursos, descobre esse Mestre inesquecível que foi Maurice Byé, o qual também o descobriu. Como fez com outros, sugere-lhe que escreva uma tese. Será *L'économie coloniale brésilienne*, que já se caracteriza pelo seu uso à história para compreender a realidade presente, método que define todo o seu trabalho posterior. O senhor ensina em Maurice Byé o que ele é, um verdadeiro professor, e tornam-se amigos. Enquanto viviu, ele lhe manifestou uma amizade que se tornaria afição, e cada vez mais admirativa, disse-me várias vezes, era um sentimento recíproco, disse-me o senhor várias vezes.

Doutor em ciências econômicas, Cambridge o convidou, e como o seu desejo é percorrer o mundo para compreendê-lo — o que fará quinze anos depois em outras circunstâncias —, o senhor para lá se dirige. Como *Fellow* do King's College, trabalha com Kaldor e Joan Robinson. Já em 1949, de volta ao seu país, Raul Prebisch o contactava de imediato, melhor dizendo, o mobilizava. O encontro seria na CEPAL, a mais conhecida, porque a mais ativa, sobretudo a mais inovadora das comissões econômicas das Nações Unidas, onde o seu cargo seria de Diretor da Divisão de Desenvolvimento Econômico. A dupla Raul Prebisch-Celso Furtado tem um objetivo: transformar a Terra, fazer com que ela se torne infirmo capaz

Em 23 de outubro de 1996, o professor Celso Furtado recebe o título de Doutor Honoris Causa da Universidade Pierre Mendès France, de Grenoble, França. Na ocasião, o professor de economia Gérard Destanne de Bernis proferiu a saudação que se lê nesta página.



Oscar Niemeyer mostra a maquete do Museu do Índio ao ministro Celso Furtado, à vista de José Aparecido e Marcos Terena



O então ministro da Cultura recebe o cantor e compositor Milton Nascimento

de alimentar e humanizar todos os seus habitantes sem qualquer discriminação, e permitir que eles se realizem. Isso passava por uma análise, e detivo Prebisch explicar o trabalho de ambos: "Buscávamos compreender a natureza, as causas e a dinâmica das desigualdades internacionais, estudávamos algumas de suas manifestações, as diferenças de elasticidades e a tendência à deterioração dos termos de intercâmbio para as exportações de produtos primários que a industrialização ou outras medidas políticas podiam modificar. Procurávamos uma explicação para esses fenômenos, analisamos o fato de que os países latino-americanos pertenciam a um sistema de relações econômicas internacionais a que chamávamos de Centro-Periferia [...]. Favorecidos por suas posições e por seu avanço tecnológico, os paí-

ses industrializados organizavam um sistema global em interesse próprio. Os países que produziam e exportavam matérias-primas estavam então ligados ao centro por seus recursos naturais. Isso condicionava a estrutura e a dinâmica de cada país [...]. Da mesma maneira, o sistema de relações internacionais acentuava o grau em que as nações da Periferia eram aspiradas (*siphoned off*) pelo Centro."

Tomou o texto de Prebisch para não citar todos os outros em que o senhor desenvolve essa análise, mas também porque quando a *Encyclopaedia Universalis*, em sua primeira edição de 1968, refere-se a CEPAL, no volume 18, leio que "o economista brasileiro Celso Furtado foi por vários anos um dos especialistas mais destacados da Comissão [que] instituiu a um só tempo um dinamismo inevitável e

uma orientação de estudos duradoura".

A sua equipe, a que devemos tantos ensinamentos, deu-nos uma lição que tentamos preservar em Grenoble: fora a história e a economia interacional que lhe permitiram compreender o presente da América Latina, sua terra natal. O senhor não raciocina em termos de dependência, e lamento que uma recente *Histoire des Pensées Economiques* haja deformado seu pensamento a esse ponto, mas, tal como Perroux, em termos de dominação, ou, para ser ainda mais preciso, de uma dupla dominação, a dominação externa apoiando-se na interna, inicialmente reforçando-a para melhor fundar seu poder. Como Perroux, o senhor afirma que o subdesenvolvimento é produto da dominação exercida por outros, não é uma fase, mas uma situação histórica, um fe-

nômeno estrutural.

O senhor é um teórico do desenvolvimento, porém necessita agir concretamente. Troca a CEPAL pela direção do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico do Brasil, que não se esqueça de suas raízes profundas, que estão no Nordeste, longe do Rio, de São Paulo e dos negócios, uma região agrícola, difícil, pobre, com uma renda média que é um terço da renda do resto do país, sendo ali mais duro do que em outras partes o jogo dessa dupla dominação. Ali, a estagnação e muitas vezes a regressão não são recentes: o produto per capita diminui desde cerca de fins do primeiro século da colonização (1650), sendo acompanhado pela longa desagregação da economia açucareira na faixa litorânea e pelo isolamento do sertão, que o breve surto da produção algodoeira por ocasião da guerra de Secessão dos Estados Unidos não chega a compensar. Enquanto o Centro-Sul promove seu crescimento a partir de 1850 em torno da expansão cafeeira, das vagas de imigração e das primeiras indústrias de transformação, a renda per capita do Nordeste continua a diminuir em cerca de 0,6% ao ano. Mais ainda, as desigualdades não cessarão de aumentar com o início da industrialização a contribuição do Nordeste ao PIB, que era da ordem de 30% em 1939, já não passa de 11% em 1959. Mais ainda, desde o fim da guerra, por diversos meios o poder público subtraiu durante mais de dez anos uma renda estimada em 25 milhões de dólares por ano do Nordeste exportador em benefício do Centro-Sul.

Não estou inventando nada. Trata-se de um consenso do que o senhor explicou ao meu amigo Jean Marc Martin quando teve a gentileza de recebê-lo em Recife, em 1963. Lamentavelmente, como de costume neste exato momento no seu país, e encarrucado-me de lhe transmitir seu pesar, Mas é isso também o que o senhor escreve em A Operação Nordeste, em 1959, e desenvolve, no mesmo ano, na *Formação econômica do Brasil*, o livro que o torna conhecido no mundo inteiro por suas seis traduções, sendo que a francesa é a antepenúltima, só em 1972, e em A pré-revolução brasileira, publicada na França em 1964. Voltarei a isso.

No Banco de Desenvolvimento, o senhor insiste em cuidar prioritariamente do Nordeste. Toma-se o chefe da Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste, conhecida no resto do mundo por sua sigla, a SUDENE, e simultaneamente, por algum tempo, é ministro do Planejamento de Goulart, ao ser este ministro criado por iniciativa sua. 1959 é um ano histórico: Castro derrubou o regime de Batista, tal parece possível, começa-se mesmo a pensar que um mundo novo poderia nascer. Eu teria, assim como meus colegas, grande satisfação em ver Albert Hirschman ao seu lado nesta cerimônia de homenagem e amizade: respectos: os dois juntos iriam nos contar as conversas que tiveram quando ele foi visitado na SUDENE. Ele diz algo a respeito em seus *Development projects observed* de 1967. Não foi o único a se interessar por seu trabalho. Sirius, este a quem por vezes chamávamos de

"FUI LÍDER DA ESQUERDA NO LÝCEU"

esse campo. Essa influência não me levou propriamente ao positivismo que dominava no Brasil. Nunca me interessei por isso. Mas reconheço a influência filosófica do positivismo de Augusto Comte em minha formação.

Em segundo lugar, muito cedo também, em função de minha paixão pela História, fui levado a ler livros de esquerda. Na época, havia muito pouca coisa de Marx, de Engels e de marxistas autênticos. Havia livros de vulgarização. Mas, o marxismo me influenciou. Depois, fiz cursos de marxismo sistemáticos em Paris, mas aí eu já estava formado. O marxismo não me formou filosoficamente, mas deu-me uma idéia de que a História se pode entender, se pode explicar. A ciência estava muito bem para o mundo natural, mas o mundo da História é outro. Então, fui levado a pensar que existiam também meios de se ter um entendimento racional da História. A História tem um sentido, não é uma sucessão de fatos quaisquer. Esta foi a herança que me veio de Marx, mas veio indiretamente, principalmente através da influência de Karl Mannheim, cuja obra *Ideologia e utopia* me tocou muito. Ela expressava a idéia muito clara de que o comportamento humano também é condicionado socialmente, não se faz ao acaso. Os homens pensam de acordo com circunstâncias criadas pela sociedade.

A terceira influência intelectual importante veio da sociologia moderna, que capta através da sociologia americana, a mim ensinada por Gilberto Freyre. Ele não teve qualquer influência intelectual sobre mim, no sentido da visão do mundo, mas suscitou-me o desejo de estudar a sociologia americana, que estava então em *Casa-grande e senzala*. E pus-me a estudá-la. Depois, fui aos Estados Unidos, conheci Herskovits, os sociólogos americanos mais importantes e eles valorizaram o conhecimento das culturas. Foi aí que o homem percebeu que a cultura é um sistema de valores que engloba tudo, o que nos liberou dos preconceitos da sociologia europeia da época, como o racismo, as idéias de superioridade de culturas ou de raças.

Essa vertente da sociologia foi para mim liberatória porque explicava que os negros não são inferiores, são iguais aos brancos, mas têm menos oportunidades. Isso repercutiu muito na minha cabeça, uma pessoa jovem que queria acreditar em seu país e que era induzida a pensar que o Brasil tem uma raça inferior e um clima inadequado. Esta teoria de raça e clima, um dos grandes preconceitos da sociologia europeia, causou muito dano no Brasil, influenciando inclusive gente de primeira ordem, como os grandes sociólogos brasileiros da época, como Oliveira Vianna e o próprio Euclides da Cunha, que estavam contaminados pela falsa ciência europeia de então, um conjunto de preconceitos. A liberação veio da sociologia americana e aí Gilberto Freyre teve um papel importante porque foi formado nisso.

Com estas três perspectivas, o positivismo, o marxismo manheimiano e a sociologia americana, eu estava preparado para enfrentar qualquer coisa. Tudo isso aconteceu quando eu ainda estava no Ginasio AI, passei a organizar seminários e debates. E livros estrangeiros se abri as portas. Tive a fortuna de que tudo isso aconteceu antes de 1937 porque, com a ditadura de Vargas, o Brasil se fechou, passou a haver policiamento do que se lia, restringiu-se a liberdade de imprensa etc. O período que vai de 1930 a 1937, quando ingressei no mundo como pessoa pensante, foi extraordinariamente rico no Brasil porque o país reencontrou-se com seus problemas.

O sr. foi membro da Força Expedicionária Brasileira durante a Segunda Guerra Mundial. O que significou esse momento?

R. Foi uma experiência especial. Cito pensando qual o estímulo eu devia ser por natureza, pois só vi os lados positivos da Itália. Apesar da prostituição enorme, aquela gente sacrificada, morrendo de fome, chorando para ganhar um cigarro, coisas terríveis acontecendo, ainda assim consegui ver o lado positivo e a grandeza daquela cultura. Para mim foi de uma riqueza enorme. Fico aí um pouco constrangido de dizer isso porque era um drama muito duro.

Fiquei numa escola americana em Florença, durante algum tempo, para me aperfeiçoar em Medicina. Eu tinha 24 anos e o fôto de saber inglês facilitou-me. Eu e outros burlávamos a disciplina, como todo militar que se preza, e fugíamos à noite. Nada me impressionou tanto quanto ver Florença em *black-out* completo, a cidade toda apagada, como se fosse na Idade Média. Veia a silhueta dos edifícios fantásticos de Florença, a Ponte Vecchio, que estava meio destruída, todo aquele ambiente voltando à Idade Média, era impressionante. Eu perambulava por lá, um pouco entorpecido de emoção, sentindo que a cidade voltava à época dos Medici. Aquilo causou-me uma funda impressão.

Naquele momento, despertei-me o desejo de estudar na Europa e, quando voltei da Itália, a primeira coisa que fiz foi organizar um plano. A formação do homem moderno se faz numa civilização política como a da Europa. Eu também tinha estado em Paris, durante a guerra, passando, numa dessas escapadas que a gente faz, chamadas *tóchas*.

Por que *tóchas*?

R. É como se você pegasse um fichado de

"Foi trabalhando em Administração e Finanças que percebi que, sem o estudo da Economia, não se entende nada do que se passa. O verdadeiro conhecimento para entender uma sociedade, principalmente a nossa, é a Economia."

luz e saísse correndo com ele na mão. E numa das *tóchas* foi a Paris porque como eu era da manutenção da veículos, dirigia comboio, portanto tinha facilidade de locomoção.

Quando surge o desejo de estudar economia?

R. Comecei a trabalhar, a fazer minha vida no Rio de Janeiro, como jornalista. Trabalhava na *Revista da Semana* bem jovem, com 20, 22 anos. Eu era estudante de direito e ganhava minha vida. Este, aliás, era um conselho de meu pai, que eu garlantei minha independência. Então, fui trabalhar na *Revista da Semana*, onde fazia editoriais, reportagens. Uma vez fui a Ouro Preto, durante a Semana Santa, seguindo a equipe de Orson Welles, que estava no Brasil, na época, e queria ver as coisas importantes do país, inclusive Ouro Preto. Lá a equipe fez um filme sobre a Semana Santa que nunca concluiu. Aproximei-me dele no Rio de Janeiro, acompanhei-o como jornalista. Levantei um fotografô como e fiz uma reportagem grande. Provavelmente, este é um dos primeiros documentos sobre a Semana Santa em Ouro Preto que existem no Brasil. Foi em 1942.

Mas, em determinado momento, percebi que não ia ser pelo jornalismo que avançaria, constatei que deveria ganhar minha vida de outra forma. Então, um amigo meu, lá da Paraíba, compunha dessas brincadeiras que fazíamos sobre literatura, me aconselhou a fazer um concurso para um emprego público. Ele me convenceu e, então, estudei bem as matérias para ser Técnico em Organização do governo. Fiz um concurso, passei e fui logo nomeado. Naquela época, o DAS recrutava gente de nível mais alto com um bom ordenado, o que modificou meu estilo de vida.

O padrão da administração pública era alto, não?

R. Era alto? O DAS tinha um sistema de estímulo muito interessante porque fazia um concurso e que tiravam os primeiros lugares sem iam para o topo da carreira. E eu, muito jovem, fui logo para uma posição alta, com um ordenado que era o dobro do que eu ganhava como jornalista. Isso modificou um pouco minha vida e reorientou meu trabalho intelectual. Eu estudava Direito e passei a me dedicar completamente à questão de finanças. Escrevia artigos sobre isso, teorizando sobre os problemas de administração etc. E foi trabalhando em administração e finanças que percebi — como eu mesmo disse na época — que sem o estudo da economia não se entende nada do que se passa. O verdadeiro conheci-

mento para entender a sociedade, principalmente a nossa, é a economia. Assim, passei a me orientar nessa direção.

Isto foi exatamente na época em que criaram, no México, a editora *Fondo de Cultura Económica*, que traduziu para o espanhol as melhores obras de economia de todos os tempos. Nós, que tínhamos tão pouco acesso a publicações econômicas aqui, passamos a ler uma quantidade enorme de livros de todo ordem, os mais interessantes, não só de economia, como de sociologia, ciência política. O *Fondo de Cultura* teve um importante papel civilizatório na América Latina, no sentido de difundir obras econômicas e de ciências sociais. O diretor dessa coleção era um espanhol refugiado em consequência da Guerra Civil Espanhola, um sociólogo chamado José Medina Echavaria. Eu o conheci depois, fui visitá-lo em Porto Rico e consegui convencer-lo a trabalhar conosco na CEPAL, em Santiago do Chile. Ele era um homem brilhante.

Essas obras de *Fondo de Cultura* permitiram-me estudar economia e rapidamente, em dois anos, fui me deslocando mais e mais. Quando terminei meu curso de direito, metade de minha leitura era dedicada a livros de economia, e posso dizer que estava, de verdade, transformado num economista. Mas, não sei mesmo isso. Eu escrevia artigos para o *Observador econômico e financeiro*, uma importante revista da época, sobre temas econômicos nacionais e internacionais. Quando cheguei a Paris para estudar, em 1946, com os títulos que tinha, matriculei-me na Universidade de Paris (Sorbonne), dedicando-me *full time* ao meu doutorado em economia. Foi também a Inglaterra visitar a *London School of Economics* para informar-me sobre a economia inglesa.

Minha avó dizia que "há uns que nascem com estrela e outros estrelados". Eu diria que tive estrela, mais de uma vez. Comecei a estudar economia quando houve a revolução keynesiana, ou seja, a predominância da microeconomia sobre a microeconomia. Significava pensar a economia como um sistema global, envolvendo também a política. Passo, então, a pensar a economia como os clássicos desde Smith indicaram, a economia como ciência política. Era exatamente disso que se necessitava, na época, para os países subdesenvolvidos, uma visão da economia como responsabilidade do Estado.

Quando terminei meu doutorado na França, vim diretamente para o Brasil para trabalhar, já como economista. Sabia que o país que não tem política de desenvolvimento, não tem acesso a ele. Um desenvolvimento sem política só podem ter os países que são vanguarda na tecnologia, como foi a Inglaterra. Mas a Alemanha se desenvolveu com uma política de desenvolvimento, assim como os Estados Unidos, com o protecionismo, barreiras etc. Assim, o papel do Estado é essencial. É isso que se está procurando a perder no Brasil. O Estado é o principal agente do processo econômico.

Quando o sr. vai para a CEPAL? E o que significou a CEPAL?

João Pessoa, 02 de Novembro de 1997

CELSO FURTADO, UM HOMEM DA NAÇÃO

Lúcia Etienne Romeu

O mais importante e respeitado economista brasileiro, Celso Furtado é, sobretudo, um humanista, um intelectual refinado, de vasta cultura. Duas vezes ministro de Estado, este paraibano — que hoje completa 77 anos — é um homem do mundo. Tendo se formado em direito pela antiga Universidade do Brasil, doutorou-se em economia pela Universidade de Paris (Sorbonne) e fez pós-graduação na Universidade de Cambridge, na Inglaterra.

Autor de 31 livros, entre os quais o clássico *Formação econômica do Brasil*, Furtado participou da CUBA, contribuindo, ao lado do argentino Raúl Prebisch, para a formulação da visão estruturalista da realidade social, única escola de pensamento econômico original surgida no Terceiro Mundo.

Crador da *CPN-ES* — que mudou a face do Nordeste —, Furtado foi ministro do Planejamento no governo João Goulart até ter seus direitos políticos cassados pelo golpe de 1964.

De volta a França, onde se exilou, tornou-se professor da Sorbonne, lecionando também em importantes universidades inglesas e norte-americanas. Com a redemocratização, voltou ao Brasil para ser ministro da Cultura, organizando e conceituando o ministério a partir de 1986.

Candidato à vaga de seu amigo Darcy Ribeiro na Academia Brasileira de Letras, neste entrevista Celso Furtado fala sobre sua formação humanista, preferências literárias e filosóficas, o amor pela música, as principais etapas de sua vida, e revela-se um demista. "A História demonstra que o homem é um fator de transformação do mundo. Esta é a criatividade humana."

No momento, o ex-ministro dedica-se à edição de bolso de suas obras autobiográficas — *Fantasia orgânica*, *Fantasia defeita* e *Os anos do mundo*, alguns ensaios e contos que escreveu sobre sua experiência como membro da FIAT na Itália, durante a Segunda Guerra Mundial —, contando com a ajuda de sua mulher, a jornalista e tradutora Rosa Freire d'Aguar Furtado. A melhor definição de Celso Furtado é do economista Plínio de Arruda Sampaio Jr.: "O que o distingue dentro de sua geração é sua integridade intelectual e política. Furtado não é um homem de ocasião. É um homem da nação."

A ENTREVISTA

A opinião pública conhece Celso Furtado como o homem público, três vezes ministro de Estado, e o economista. Como foi sua formação?

R. O fato de ter iniciado minha vida com o desejo de ser um intelectual, um literato, um romancista, marcou completamente minha carreira. Inicialmente, não pensava em ser um homem de ciência. Em minha primeira fase de vida, na Paraíba, fui muito influenciado pelo meu professor de música, Guazzi de Sá, que cito muito em meus livros. Ele era um homem muito exigente e conhecia a música como uma

"O que o distingue, dentro de sua geração, é sua integridade intelectual e política. Furtado não é um homem de ocasião. É um homem da nação." [Economista Plínio de Arruda Sampaio Jr.]

manifestação quase religiosa, a expressão mais rica da experiência humana. Estudei piano e pretendia aprofundar meus estudos, mas percebi que não era esse meu caminho verdadeiro. Passei também meus primeiros anos de vida cercado de livros. Meu pai tinha uma bela biblioteca. Portanto, eu diria que nasceu da música e da literatura para os estudos universitários e científicos.

O sr. teve, então, uma formação humanista.

R. Essa formação humanista foi um pouco influenciada por meu pai, que era um justo com paixão por ideias e por ideias novas, e comprou muitos livros. Desde muito cedo, habituei-me a ler livros de vanguarda e, por isso, alinhei-me com a esquerda. Não porque conhecesse o mundo dos trabalhadores, as condições de vida do operariado, até porque isso não existia no Nordeste, propriamente. Existiam os camponeses, mas esses eram dispersos, naquele época. Assim, por influência intelectual, fui levado para a esquerda, com uma combinação de humanismo e de paixão pela História. Tínhamos uma biblioteca de história muito rica. Li H. G. Wells e outros, da biblioteca de meu pai, à qual tive acesso muito jovem. Portanto, fui formado na história, nas humanidades. Quando encaminei-me para a academia já estava vacinado contra as ideias simplistas do positivismo científico.

O sr. se lembra de algum livro que o tenha influenciado especificamente para a esquerda?

R. Estava lendo há pouco um texto de Antônio Cândido no qual ele diz que o primeiro livro que o influenciou para a esquerda foi *A História do socialismo e das lutas sociais*, de Max Beer, uma obra em dois volumes, provavelmente a primeira escrita com a pretensão de estabelecer uma teoria da sociedade, de explicar as grandes civilizações. É curiosa a coincidência porque essa obra também me influenciou. Li quando era adolescente e entendi que o homem estava capacitado para entender globalmente a cultura e a civilização.

Onde o sr. fez seus estudos iniciais? Já manifestava, naquele momento, suas ideias?

R. Estudei no Liceu Paraibano e depois,

como não havia ali os cursos completos, no Ginásio Pernambuco. Fazíamos seis anos e no sétimo tínhamos que ir para fora. No Liceu Paraibano havia um seminário de confrontação de ideias e recordo-me de que fiz uma conferência, citei Max Beer e outros escritores de esquerda e os integralistas caíram em cima de mim, com críticas acerbas. Houve um que gritou: "Quem é este Max Beer, sendo um judeu?" E curioso observar como as palavras políticas estavam exacerbadoras nos anos 30 e como nós, os jovens, não tínhamos escatopatria, tínhamos que nos definir ideologicamente. Não se podia ser neutro, um esteticista, como havia sido a geração anterior. Ficou bem definido que os valores substantivos, a sociedade estavam em jogo, e ali a divisão esquerda-direita era inevitável. Nesse contexto, fui um dos líderes do movimento de esquerda no Liceu Paraibano, líder puramente intelectual porque não tinha qualquer atividade política.

É que tipo de literatura o sr. lia quando estudante?

R. Por esse acesso que tive desde cedo aos livros, li muito, particularmente a literatura de língua portuguesa. Conheci todo Eça de Queiroz, mas também todo Machado de Assis. Meu pai comprou a coleção *Leccion*, com as obras completas de Machado de Assis, quando eu tinha 15 anos. Li também outros grandes escritores brasileiros como Euclides da Cunha, apaxona-me por *Os sertões*, *li *Canaiá*, de Graça Aranha, e muitos outros. Naquela época, liaamos mais obras da literatura clássica brasileira e portuguesa. As traduções vinham depois, havia uma certa pobreza em matéria de traduções. Assim, tive uma chance de, nas primeiras letras, estudar bem a literatura em língua portuguesa. Conhecia toda a literatura nordestina, desde o nosso Jorge Amado a Armando Fontes e Rachel de Queiroz. Os livros desses autores eram liados e corridos entre nós. Muito cedo também estudei inglês com um professor particular e comecei a ler obras em inglês. Isso deu-me uma abertura considerável e teve influência grande na minha vida.*

Que me seduziu inicialmente foi a literatura. Recordo-me de que me reunia com meus colegas para ler certos livros. Divertíamos-nos lendo o *Contraponto*, de Aldous Huxley, sabíamos de cor frases íntimas. Como nos apaxo-

nava a literatura da época, interessei-me e me diverti muito com Anatole France, pela beleza com que ele escrevia e por sua inspiração rebelde. Li também com paixão *Jean-Christophe*, de Romain Rolland. Mas, desde ponto de vista, talvez o autor que mais saboreei foi Eça de Queiroz porque era um tremendo irreverente e o mundo onde eu vivia era muito mesquinho, o mundo do Nordeste com sua civilização anacrônica. Eça tem uma fina ironia destrutiva. Ele dizia que "não há instituição que resista a uma boia galgadora". Liaamos, relíamos e comentávamos *Os Múscis*.

É música?

R. Minha formação teve forte influência literária, mas acolpada à música. Foi um delírio, uma paixão tremenda quando descobri o mundo da música. Desde muito pequeno ouvia música em casa, meu pai gostava muito de música italiana, cantava árias e tinha discos antigos. Recordo-me de que ele ia para o sertão, a cavalo, e levava a vitrola na qual devia corda. Na adolescência descobri a grandza da música sinfônica e apaxonei-me pela música romântica. Quando apareceu Vivaldi foi uma abertura considerável para todos nós. Havia o desejo de que a música fosse cultivada no que tinha de mais nobre, a música em si, brasileira ou não. A música pertencia a todos os homens e valia muito para a formação do caráter de uma pessoa e para o prazer de viver.

Depois que cheguei ao Rio de Janeiro, para estudar direito, frequentei regularmente o Teatro Municipal. Quando meu professor de música estava no Rio, eu o acompanhava aos concertos e ele me explicava o que era, por exemplo, uma sonata. Diz-me que não era uma música qualquer, tinha uma estrutura, um sentido, uma mensagem. Chopin era muito original, naquela época, e Guzzi de Sá considerava suas sonatas sagradas, assim como as de Schumann. No começo, não entendi a música de Villa-Lobos porque estava demasiadamente acostumado à música romântica, mas quando descobri a riqueza de Villa-Lobos, que quando descobri um horizonte musical, apaxonei-me também. Conheci Villa-Lobos pessoalmente por causa desse meu professor, que era discípulo dele.

O sr. disse que muito cedo se definiu pela esquerda. Como foi esse processo?

R. No nível do pensamento, da concepção do mundo, muito cedo tive uma influência positivista. Não do meu pai, que era maçon, racionalista, mas não era positivista. Um tio meu deixou uma biblioteca de positivismo em minha casa e eu, lendo aqueles livros, conveni-me da primazia da ciência. Conveni-me de que o conhecimento científico é o mais nobre de todos. Conveni-me de que o homem está armando, com sua inteligência, para perceber o mundo real e não o mundo de fantasia que cria. Essa concepção literária da vulnerabilidade que atinge muita gente, de simplificações, de superstições. Fiquei realista em termos de que a ciência era um conhecimento nobre e que a grande aspiração do homem era ampliar

Beuve-Méry, pode-lhe para visitar a *SIODE*. De volta, redige um artigo, um desses longos artigos documentados que hoje já não se escrevem, para explicar como o senhor trabalhava, como encontrava os camponeses, ajudando-os a se organizar numa verdadeira força social, para desespero da burguesia latifundiária, que não lhe perdoará essa prática de mobilização social.

Afirmar que ele se entusiasma é pouco? E nós mesmos, na pequena cidade de Grenoble, às vezes com Maurice Byé, quando ele estava presente, acompanhávamos atentamente o que a *SIODE* fazia. Nessa época, ríamos constatar que a estratégia de industrialização à ser deixada abandonada no México, apesar das promessas oferecidas pelas novas tecnologias siderúrgicas, provavelmente porque foi esquecida a mobilização da massa camponesa. Então, veja bem, o Brasil era para nós, nesta Universidade honrada por sua presença, o "modelo" de uma política de desenvolvimento que se apoiava na população para realizar, num só projeto, tanto a industrialização quanto a reforma agrária, os dois pilares indissociáveis, embora cada um deva ser organizado segundo sua especificidade.

Dirigir a *SIODE* era, obviamente, "conscientizar" — que maravilhoso termo latino-americano! —, não se tratava de conceber planos abstratos, e sim de trabalhar em todos os ângulos ao mesmo tempo, pois o desenvolvimento é global ou não existe. Os documentos da *SIODE*, no mais das vezes curtos, mas densos, precisos, voluntaristas, falam por si só. Em 1961, o senhor expõe as bases da política de desenvolvimento do Nordeste, e começa pela água e pela irrigação, isto é, pela agricultura, a primeira base; em 1962, menciona um Plano Diretor com suas modalidades de execução, abordando o problema da expansão e da modernização das indústrias existentes na região, a separação da base a valorizar, o definindo as implantações indispensáveis de "projetos estruturantes" em 1963, um documento de 430 páginas, se não me engano, anuncia o último Plano Diretor da *SIODE*, que eu conheço.

Creio que este é bem mais do que o último de minha lista: seria o último da verdadeira *SIODE*. Aqui não é o lugar para nos interrogarmos sobre as razões do golpe de Estado. Talvez não estivesse totalmente desvinculado do temor das potências dominantes externas de verem o país escapar à sua dependência, graças a uma política de desenvolvimento; talvez as forças dominantes internas tivessem medo de perder o controle de um povo que ia construindo novas estruturas socioeconômicas, talvez fosse também uma reação do grande país liberal do Norte. às voltas com dificuldades econômicas crescentes e com o declínio de sua taxa de lucro. O senhor nos dará algumas respostas amanhã, num ambiente mais adequado à análise econômica.

Professor Furtado, sei discreto sobre os acontecimentos de 1964. O senhor suportou demasiado seus efeitos diretos e sofreu demasiado para que sejam evocados sem magoalo. Os militares destroem tudo, arrancam a alma da *SIODE*, que era em grande parte o senhor mesmo, e a do Brasil, pretendendo hipocritamente conservar a instituição para manter as



17 de março de 1988, com Ulysses Guimarães, presidente da Assembleia Nacional Constituinte



Também em 1988, como ministro da Cultura, visita os arquivos do Espaço Cultural, em João Pessoa

aparências, submetem por longo tempo o seu país à dominação sem limites do grande país do Norte que se diz liberal, aniquilam vinte anos de esforços coerentes, sujeitam o seu povo a uma junta militar que substituirá a democracia pela violência: sim, o senhor tinha razão quando na *SIODE* vinculava dominação externa e dominação interna. Mas quem lhe dizera com pudor, embora claramente e com profundo respeito por sua pessoa e seus próximos, que nós todos aqui consideramos que só honra ter sido privado de seus direitos políticos por servir a seu povo.

E se esta noite vestimos as becas acadêmicas, não imagine um fútil disfarce ou um prazer de retornar a um passado esquecido, menos ainda a preocupação em imitar as grandes cerimônias teatrais e formais, e, a fortiori, numa mascarada, mas o desejo que sentimos de expressar-lhe, pelo aspecto solene conferido ao encontro, nossa admiração ao acolhermos esta noite um colega, um sábio, um homem que dedicou sua atuação ao desenvolvimento de seu povo, que foi punido por sua ação e pela lucidez de sua análise. Compreenda também como ao recebê-lo esta noite lembramos-nos com êxtase de tudo o que o seu povo sofreu, de todos os martírios que conserva, de tudo o que sofreu que acumulou em seu desenvolvimento. Mas não tenha receio, não é por estarmos assim vestidos esta noite que não iremos participar das manifestações populares quando for necessário.

Foi essa a homenagem que lhe prestaram Maurice Byé e Maurice Duverger quando o convidaram a voltar à Paris, tio logo soube-nos o que a acontecia. Este gesto muito os honra. No entanto, de início o senhor retorna por alguns meses à *SIODE*, e depois será professor visitante em Yale. Recebe convites de todos os lados, mas decide que sua base será na França, em Paris, onde o encontramos uma parte do ano. O senhor já não se circunscreve às modalidades de ciências econômicas. Foi o seu método histórico, e não o fato de ele falar português, que o fez encontrar Brandão, seduzido por seu grande livro *Formação econômica do Brasil*, que será traduzido no mundo inteiro. Um se identifica facilmente com o outro: ele descobre na sua obra os "modelos" sucessivos que fizeram o Brasil de hoje, o açúcar, o ouro, o café, as fases da formação do Brasil

estão ligadas às suas transformações estruturais, dando origem à sua industrialização. Um e outro são historiadores com uma clara consciência do peso das estruturas.

Deve-se ver nisso a revanche da história, que não se limita às artimanhas? Homem de pesquisa na *SIODE*, homem de ação eficaz e batalhador, e-ilo o economista teórico do desenvolvimento, o professor mundialmente conhecido, reconhecido, escutado, que fala e escreve com todo o peso de sua experiência. Não lhe dão um momento de folga. O senhor é demasiado conhecido em toda parte, e notoria a sua capacidade de se interessar por tudo o que toca o desenvolvimento dos povos e todos os aspectos de suas vidas. As revistas dedicadas ao desenvolvimento querem-nos em seus Conselhos, as instituições internacionais pedem a sua ajuda — a Universidade das Nações Unidas, a *Committee for Development Planning*, a *South Commission*, e mais recentemente a Comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento, sem esquecer, num campo que lhe é novo, a Comissão Internacional de Bioética da *UNESCO*, onde o senhor encontra colegas das ciências sociais e econômicas, mas também juristas — afinal, trata-se de um doutor em Direito — e biólogos com quem desenvolve um diálogo pluridisciplinar. Agora, o seu interesse volta-se para a política genética.

E mesmo assumindo essas missões, o "construtor" que o senhor será sempre continua a escrever sobre o Brasil e o desenvolvimento, sobre a dialética do pensamento e da ação, sobre os "espaços" de desenvolvimento, mas também, mais recentemente, por estar atento a qualquer mudança que adquiere importância, sobre o desemprego, a exclusão, e ainda a crise da economia mundial e seus aspectos monetários e financeiros. Seus livros sempre foram traduzidos em inúmeras línguas, em todos os países da Europa, do Oeste e do Leste, do Norte e do Sul, assim como nos dois hemisférios: o senhor é conhecido, sem esquecer, é claro, Cuba, o Japão ou a China, e até mesmo a Pérsia, com essa tradução em farsi que, permita-me dizer, lhe valeu em troca uma caixa de pastiches.

Em 1985 o seu país reconstrói as estruturas democráticas, mas era quase um outro país, de tal forma se transformara nesses 21 anos, em especial devido ao impacto das

novas tecnologias e de uma forte penetração do capital estrangeiro. Aliás, é o que se passa no mundo todo, consequência da crise que se prolonga e da qual ninguém sabe como, nem quando, nem sequer se sabemos, não se podendo excluir o risco de uma degradação generalizada da qual vemos tantas sinais, a menos que ela nos conduza a formas inteiramente novas de atividade econômica e de relações sociais.

A Nova República precisa do senhor, mas a transição se faz sob controle, e o senhor se situa demasiado à esquerda para que lhe seja entregue um ministério econômico. Acabou ser embaixador junto à Comunidade Econômica Europeia, considerando que é um bom lugar para estudar melhor a economia mundial. Finalmente — terá sido em resposta ao seu *Cultura e desenvolvimento em época de crise*, de 1984, não sei! —, propõem-lhe ser ministro de Estado do Brasil: o país teria trocado o objetivo de seu desenvolvimento pelo de sua cultura? É um cargo que lhe traz inequivel satisfação, é uma oportunidade de reconectar o povo do Brasil por um certo aspecto de sua vida. O senhor trabalhou em Paris a Exposição de Arte Popular brasileira, e mais ainda, preocupou-se em salvar a cultura do país, descobrindo também a atração que ela exerce sobre os brasileiros. Que belo coramento para uma vida a serviço de seu povo!

Ministro do Planejamento, ministro da Cultura, talvez não seja nem seu Brasil nem o senhor que mudou, mas o Brasil entendeu o estado de seus reflexos sobre o desenvolvimento e cultura antes mesmo que nós tósemos revelados naquela belíssima VI Conferência Francês Perroux que o senhor profuriu no *Collège de France* a 15 de junho de 1994. São, pois, as suas palavras que concluído este ato com o qual meus colegas me encarregaram de recebê-lo na sua Universidade Pierre Mendès France.

O estudo do desenvolvimento não como teoria central a invenção cultural, em particular a morfogenética social, embora até o momento essa temática permaneça praticamente inexplorada. Por que uma sociedade apresenta em determinado período de sua história uma grande capacidade criativa? Eis algo que nós escapa. Menos ainda sabemos por que a criatividade orienta-se numa direção precisa [...]. A rigor, só se pode falar de desenvolvimento quando o homem dedica seu potencial criativo à descoberta de si mesmo, enriquecendo-se seu universo de valores. O desenvolvimento só é real quando a acumulação material leva à criação de valores adotados por importantes segmentos da coletividade [...]. Ao colocar no primeiro plano a visão sistêmica das decisões econômicas, cuja ordenação suficiente seria a causa primária do subemprego dos fatores, lordé Keynes restabeleceu a primazia do político sobre o econômico."

Fui longo demais, ainda que tenha sido abominavelmente breve, perdome-me uma e outra inconveniência. Uma palavra a mim. Além de tudo o que eu disse, ocorre que diversas universidades o fizeram Doutor *Honoris Causa*. Mas permita-me dizer que nós de Grenoble nos felicitamos imensamente por sermos a primeira a fazê-lo fora do mundo de expressão portuguesa.

CENTENAS DE SITES E LINKS NA INTERNET ATESTAM PR

Evandro Nóbrega

druzz@openline.com.br

http://www.openline.com.br/~onorte/in_suplem.htm

THE CHALLENGE WE FACE IS TO CONCEIVE A NEW UTOPIA WITHOUT WHICH THE SURVIVAL OF HUMANITY WILL NOT BE POSSIBLE — Frase de Celso Furtado que encima a *home page* da Comissão Mundial sobre Cultura e Desenvolvimento, da Unesco, na Internet.

Os livros, as idéias, a influência de Celso Furtado estão em praticamente todas as partes do Mundo — bem entendido, as partes do Mundo que interessam, ou melhor, as que se interessam pelo que há de importante em Economia. E, como não poderia deixar de ser, encontram-se também, a manchieira, na Internet.

Você pode, para ter só uma amostra inicial, ir por exemplo à livraria on line Xerxes Books [URL em <http://xerxesbooks.com/cats/lateco.htm> e e-mail em catra@xerxesbooks.com], na pequena cidade de Glen Head, Estado de Nova Iorque.

É lúber de encontrar manuais de Celso Furtado em inglês, como *Economic Growth of Brazil: A Survey from Colonial to Modern Times*, por US\$ 33,00. O volume foi publicado pela Universidade da Califórnia [Berkeley] em 1963. E este é apenas um dos muitos sites em que se sente a presença internacional de Furtado. Há referências, ainda, na Net, às discussões que surgiram, na cena francesa e internacional, em torno do autoritarismo de De Gaulle e de outros políticos, afinal derrotados pelo socialismo de Mitterrand.

Tais discussões continham lições importantes para os latino-americanos, tanto que — como assinala Hélio Trindade, em artigo disponibilizado também na WWW — delas nasceu um livro coletivo, organizado por ele e pelo sociólogo Fernando Henrique Cardoso. São textos de Celso Furtado, Alain Touraine, Georges Lavari, Alain Riquie e muitos outros, inclusive do atual presidente FHC, autor, no volume, do artigo "A América Latina e o Socialismo na Década de 80". O livro chamava-se *O Novo Socialismo Francês e a América Latina* e foi lançado pela editora Paz e Terra.

Em Boa Companhia

O nome de Celso vez por outra surge em publicações como *Les cahiers d'Histoire, La Pensée, Recherches Internationales, Espaces Marx Sud etc.* Em *Espaces Marx*, sites produzidos por <http://www.igf.fr> (que funcionam a partir de <http://www.usf.org/igf/igfEspMar/pub/>), podem-se ver trabalhos de Furtado, sobre "globalisation et exclusion", ao lado de outros renomados autores. Também nos topazes em <http://www.nodd50.org/ressmes/indices.htm> com a revista *Resonance*, cujo número 19 traz entrevista especial de Furtado.

No trabalho *Our Creative Diversity* — um report da World Commission on Culture and Development saído também em francês —, há comparece Celso, ao lado do presidente da comissão, Javier Pérez de Cuellar. Para ter uma visão geral deste importante report, dirija o seu browser ao URL http://www.unesco.org/culture_and_development/tes/ocd/ocd.html

É também através da Internet que Você fica sabendo de um trabalho de Furtado saído, quem dirá, na página 587 do volume XXX, número 2, de maio de 1996, no *Journal of Transport Economics and Policy*, abordando "el poder, los conocimientos y la política de desarrollo", ou, como "las relaciones entre las empresas transnacionales y los países en desarrollo".

O nome e a foto de Celso aparecem em http://unesco.unhcr.org/unesco/odocnew/de_cuelar/foam_e.html em odweb @ www.education.unesco.org também ao lado de outros membros honorários da Comissão Mundial sobre Cultura e Desenvolvimento, como São Abner Lacerda, o professor Corrado El Hachimi Bin Tialal (da Jordânia), Aung San Suu Kyi (de Myanmar), Claude Lévi-Strauss (da França), Ilya Prigogine (representando a Bélgica), Derek Waldorf (de Serra Lúcia), Elie Wiesel (dos EUA) e de membros efetivos,

Certas Palavras

É também pela Internet que se fica sabendo da participação de Furtado em dois dos mais premiados programas culturais do rádio brasileiro brasileiros, o "Certas Palavras" (<http://www.mais.com/certas.palavras/info.htm>), que há 15 anos divulga livros e idéias. Criado em fevereiro de 1981 por Claudiney Ferreira e Jorge Vasconcelos, o "Certas Palavras" é essencialmente um programa de entrevistas com escritores e nele circulam idéias sobre todas as atividades humanas. Há, na Fiel, Filosofia, Política, Ciência, Literatura, Economia etc.

In Partibus Feducliam

Celso Furtado sobre atá para os religiosos. Jung Mo Sung, teólogo católico leigo que mantém *home page* com trabalhos sobre "teologia e nova ordem econômica", vale-se de argumentos de Celso para apoiar suas próprias idéias, citando-o explicitamente.

"Os mitos têm exercido uma negativa influência sobre a mente dos homens que



Ele foi *visiting teacher* do IIAIS junto com outros luminares do nome de Raúl Prebisch (Argentina), Fernando Belandine-Terry (Peru), Mario Vargas Llosa (Peru), Dimasio Alonso (Espanha), Luciano Martins (Brasil), Carlos Fuentes (México), Elío Gaspari (Brasil), Manuel Moreno Fraginals (Cuba), Torcuato de Tella (Argentina), Antonio Callado (Brasil), Edmar Bach (Brasil), Paulo Sérgio Pinheiro (Brasil), Simon Schwartzman (Brasil), Teresa Valdés (Chile), Carlos Viles (México) et alii. Da mesma forma, o economista parabaiano está na MIA Bulletin Page/SIPA Directory da Columbia University Home Page, em <http://kvetzovis.ec.columbia.edu/csp/mia/vladim.html>.

O NeoMarxista Cele
No abstract on line do trabalho *The Conformation of Modern and Traditional Knowledge Systems in*



se empenham em compreender a realidade social (...) os cientistas sociais têm sempre buscado apoio em algum postulado metafísico num sistema de valores que meramente pretende a explicar. O mito constitui um conjunto de hipóteses que não podem ser testadas (...) A função principal do mito é orientar, num plano intuitivo, a construção daquilo que Schumpeter chamou de virje do processo social, sem a qual o trabalho analítico não teria qualquer sentido". Palavras retidas de uma das mais belas obras de Furtado, *O mito do desenvolvimento econômico* [Rio de Janeiro, Paz e terra, 1974].

Universidade de Columbia

Furtado é visitado, *on line*, como um dos professores visitantes do Institute of Latin American and Iberian Studies (IIAIS) da Universidade de Columbia, EUA, que funciona desde 1961 com o propósito de promover um melhor entendimento, através da educação pública e privada, dos problemas contemporâneos das sociedades latino-americanas e caribenhas e, mais recentemente, da Espanha e Portugal.

Development, de Pat Howard [Simon Fraser University], on anoncino <http://thamb.cproot.sfu.ca/cp/19-2-howard.html>, fica-se sabendo que "neomarxistas como Paul Baran (1957), Celso Furtado (1964), André Gunder Frank (1967) e Samir Amin" (1974) desenvolveram uma crítica estruturalista baseada na convicção de que a eliminação da pobreza requer uma cuidadosa transformação das estruturas econômicas, sociais e políticas".

Para fazer sua crítica aos neomarxistas, o autor cita, no caso de Furtado, a versão de seu livro saído ainda em 1964 por Berkeley University of California Press, *Development and underdevelopment*.

Fronteiras Diluídas

Podê-se ler, ainda on line, em Nitcrói, RJ, um tra-

ESTÍGIO INTERNACIONAL DAS IDÉIAS DE CELSO FURTADO

bahio do arquiteto Jorge A. Martins, mestre em Engenharia de Transportes, doutorado em pela Copp/UFPE, sobre "Auto-sustentabilidade e participação social: por um espaço menos desigual", em <http://goesem.br/online/civitas/civ02b.htm> [Alis, Você pode até fazer download do texto completo do artigo, que se baseia em parte nas idéias de Celso Furtado. E o autor o diz expressamente.]

Sites da CNBB
Celso quase sempre é citado nos sites colocados ao longo do *home page* da CNBB — Confederação Nacional dos Hospícios Brasileiros, que, em <http://www.cnbb.org.br/online/camp/0703.html>, analisa "aspectos da conjuntura atual". Durante a XVIII Reunião da CNBB,

Columnist.htm
Para esta agência de alcance mundial, já escrevem artigos, além de Furtado, pessoas do gabinete de Raúl Alfonsín, Corazón Aquino, Oscar Arias Sánchez,

Furtado, ao lado de outros obra sua, também em inglês. *No Recession and Unemployment. An Examination of the Brazilian Economic Crisis*, publicado pela Third World Foundation, London, 1984. Sites em inglês também, por exemplo, na *home page* da WWS 571, intitulada *Politics of Industrialization in Developing Countries*, que lista cursos universitários de alto nível sobre Desenvolvimento no III Mundo. O seu URI é <http://www.eco.utdallas.edu/ltomaspages/faculty/Chaves/sectr.html>

Economia e Sociedade

Se você apontar o seu mouse para <http://www.itsa.com.br/edcom.htm>, verá que o número 3 do *Coloquium de Literatura Brasileira* foi dedicado ao escritor Jorge Amado — e que Celso Furtado comparece com um texto especial, dedicado ao amigo. Já no URI <http://tesouro.com.br/unicamp/trivestrelas/3-03.html>, trata-se que Celso comparece, com o artigo "A Superação do Subdesenvolvimento", em publicação da Unicamp, observando o texto diferencial os processos de modernização e de desenvolvimento e sublinhando os desafios e impasses a superação do subdesenvolvimento vividos pelas nações periféricas no último quarto de século.

Infelizmente, a revista *Economia e Sociedade*, publicação do Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas, SP, um veículo de avaliação e debate dos problemas econômicos, políticos e sociais de nossos dias. Infelizmente, uma obra de qualidade, independente, dirigida por economistas, cientistas sociais e escritores interessados em oferecer uma abordagem ampla e interdisciplinar da Economia brasileira e internacional. A revista tem ainda uma preocupação didática: trazer aos seus leitores e visitantes as discussões mais recentes e polémicas sobre a Economia e a Sociedade contemporâneas. O próximo número de *Economia e Sociedade*, ainda, foi inaugurado com um artigo de Celso, intitulado "O Subdesenvolvimento Revolucionário".

Crème de la Crème

Na publicação virtual *Samba*, que fica em <http://www.brainnet.net/samba1.htm>, há uma seção intitulada "The Crème de la Crème of Brazilian Letters", em que se reconstroem os melhores escritores brasileiros de todos os tempos, de acordo com o opinião de eminentes escritores, acadêmicos, professores universitários e outros intelectuais. Trata-se de um recenseio de pesquisas feitas há tempos pela revista *Êta*. Furtado integra a seleção, com o seu *Fernando Pessoa e a obra de Brasil*.

No URI <http://129.171.43.143/AS/268156/jcf01.htm>, temos mais um dos interessantes artigos sobre a contribuição de Celso Furtado. Trata-se do *paper* "The Economic Nationalism of Celso Furtado", apresentado na Universidade do Texas, durante o Historical Symposium de outubro de 1995, em Austin, por John J. Crotchi (John J. crotchi@students.miami.edu). O Departamento de História da Universidade de Miami.

Site da Sudene

Na parte da *home page* da Sudene que trata de seus origens (<http://www.sudene.gov.br/sudene1.htm>), claro que ocupa lugar central o elenco dos resultados já atingidos, ao longo dos anos, por essa agência de desenvolvimento regional. Inaugurada pelo Governo em 1959, para promover o crescimento do Nordeste, a Sudene pode apresentar, hoje, um somatório de realizações que não poderão ser citadas aqui, por seu extenso tamanho. Há também referências ao GTDN — Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste, instituído em 14 de dezembro de 1956, e a Operação Nordeste, anunciada em 6 de janeiro de 1959, no Palácio Rio Negro, em Petrópolis, RJ, onde se discutira pouco antes o que se chamava

Le Monde Diplomatique
Na *home page* do PT, a PTNet, o Partido dos Tra-

balhadores abra, entre outros, um site para o constituinte e deputado Flávio de Arruda Sampaio (<http://www.pt.org.br/flavio.htm>). Um artigo seu ("Brasil: o Fim da Modernização?"), publicado no *Le Monde Diplomatique*, de dezembro de 1995, cita Celso:

"Em seu último livro, *Brasil: a construção interrompida*, Celso Furtado colocou imprecisamente o dilema do país: A globalização inevitavelmente o promaneja, ou a modernização, que se misturou com os setores tradicionais. Agora, o país opta por a massa e se afirma como uma sociedade soberana dentro de seu contexto civilizatório ou abre mão definitivamente da sua identidade cultural e se dilui no grande mercado global."

Artigo Mimetográfico

A partir de <http://www.pt.org.br/flavio.htm>, Você encontra versões em inglês e francês do artigo de Flávio, que também inclui o endereço eletrônico parasm@uolnet.org.br

No site do Departamento de Política da Princeton University (<http://www.wprinceton.edu/faculty/kolipapers/p0522.html>), há referência a um artigo, "The Concept of 'Structural Dependence in the Study of Underdevelopment'", que, se misturou não somente a do próprio Celso Furtado — e, ele, talvez já tenha esquecido tal *paper*, que, por similar, só se forma mimetográfico.

Premio Celso Furtado

Já em <http://www.fri.org.br/1c1p/triste/10-11/waa/TWNSO.html>, sob o que visualizamos página gráfica das TWNSO — Third World Network of Scientific Organizations (o equivalente a "Rede de Computadores das Organizações Científicas do Terceiro Mundo") — não poderia faltar uma citação especial a Celso. Pois foi esta a organização internacional que lançou mundialmente "The Celso Furtado Prize", ou Prêmio Celso Furtado, na área da Economia Política, com apoio financeiro do governo brasileiro.

O objetivo deste prêmio é reconhecer, encorajar e apoiar a obra de excepcional valor que resultem em benefícios substanciais para o desenvolvimento socio-econômico de países terceiro-mundistas. Consoante a praxe já feita, sua entrega no exterior, a partir de 1997, em 11 de maio, é entregue a cada dois anos, numa solenidade especial, conchavada com as reuniões bianuais das TWNSO.

Academia na Net

A Academia Brasileira de Letras ainda não tem uma *home page* própria na Internet e, por enquanto, dirige apenas um site na *home page* da Fundação Roberto Marinho, em <http://www.fria.org.br/letras/letras.htm> (o espanador da Fundação e presidente das Organizações Globo e também integrante da ABL).

Já ocorreu pelo menos dezesseis vezes em 1995, quando o fórum era chamado de Academia e a restauração da sede da Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro. Essas obras restauraram ao redor do edifício seu aspecto original, o que incluiu a reconstrução de parte do muro da fachada e a repintura em amarelo-ouro. Também foi construído o Jardim Marbó de Assis, que abriga hoje o busto do escritor. A Rua Luz foi o projeto de iluminação da área, na qual instalou 50 projetores doados pela General Electric do Brasil.

Prêmio Trófeu

Fornecido em caráter de projeto a Fundação Roberto Marinho, o Site Burke Marc e o Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (Inepac).

Com a reforma, a ABL inaugurou também uma sala dedicada a Machado de Assis, seu primeiro presidente, na qual estão expostos a mesa de trabalho, objetos de uso pessoal e alguns volumes da biblioteca do escritor, assim como o original do livro *Memórias de Aires*. Como se pode ler além do site da ABL, o prédio da Academia contém o acervo do Conselho de Tránsito para o Acidente de São Paulo na Exposição Internacional de 1902, com o qual o Brasil comemorou o 120º aniversário da Independência.

E conchavo como "Pela Tránsito", porque o secretário G. Mattarozzi, que o projeto, inspirou-se no palácio de Henrique de Almeida e Silva, o Palácio dos Versailles, onde se dá as monarquias francesas, a mando do rei Luís XV [Transcrito do *Caderno de Informática do Jornal O NORTE* de 22/10/97]

Notre diversité créatrice

Online

Publications

UNESCO

Sudene
CIDADANIA E DESENVOLVIMENTO

DPCSD
Newsletter

Jean-Bertrand Aristide, dom Paulo Evaristo Arns, Leonardo Boff, Bernardo Hoffman, Houtrouf Ghali, Caudimiro Cardenas, Jimmy Carter, Noam Chomsky, Arthur C. Clarke, Jacques-Yves Cousteau, Milovan Djilas, Eduardo Frei, Ygor Gaidar, Eduardo Galeano, Václav Havel, e o próprio Dalila Lima, Nelson Mandela, Ralph Nader, Julius Nyerere, Javier Perez de Cuellar, o prêmio Nobel Adolfo Pérez Esquivel, Mikhail Rostropovich, o economista Jeffrey Sachs (seu amigo pessoal), Julio María Sanguinetti, Eduardo Shevardnadze, o bispo Desmond Tutu, dom Hélder Câmara e muitos outros.

Universidade de Varsóvia
Niem denominado intitulado "Ciência, Vivência, Consciência", o economista Ladislav Dowbor, autor de tese intitulada *A Formação do capitalismo Dependente no Brasil*, confidencia <http://www.ppt.com/>
Há ciência há influência que, ainda como repórter, recebeu de Celso Furtado.

Ele se separou com a riqueza da biblioteca da Escola Central de Planejamento e Estatística de Varsóvia, onde estudou. "Encontrei todos os trabalhos de Celso Furtado, Cato Paul Jancor, Roberto Santosen e tantos outros, além de obras antigas como as de Antuñi".

Curso de Alto Nível
Os artigos mais significativos, mencionados no texto em *live*, de Dowbor, inclusive os de Celso Furtado, podem ser encontrados na *home page* <http://ppt.com.pl>, que é a da Biblioteca da Pós-Graduação da PUC, ou em seus programas de pós-graduação de Economia Política e de Administração.

Um dos livros mais citados *in live* é a tradução *The Economic Growth of Brazil: A Survey from Colonial to Modern Times* [California, 1963], de Celso